

ANDRÉA FERMINO GONÇALVES

**A FESTA DO PEÃO BOIADEIRO DE BARRETOS/SP COMO ESPAÇO DE
ENCONTRO DE CULTURAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Prof. Dr^a. Cicilian Luiza Löwen Sahr

**CURITIBA/PR
2013**

MEC-UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
- MESTRADO E DOUTORADO



PARECER

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Geografia reuniram-se para a arguição da Dissertação de Mestrado, apresentada pelo (a) candidato (a) **ANDREA FERMINO GONÇALVES** intitulada "A FESTA DO PEÃO BOIADEIRO DE BARRETOS/SP COMO ESPAÇO DE ENCONTRO DE CULTURAS", para obtenção do grau de Mestre em Geografia, do Setor de Ciências da Terra, da Universidade Federal do Paraná Área de Concentração **Espaço, Sociedade e Ambiente**, Linha de Pesquisa **Território, Cultura e Representação**.

Após haver analisado o referido trabalho e arguido o (a) candidato (a), são de parecer pela APROVAÇÃO da Dissertação.

Curitiba, 15 de março de 2013.

Nome e Assinatura da Banca Examinadora:

Prof. Dra. Cícilian Luiza Löwen Sahr - Orientadora

Prof. Dr. Miguel Bahl - PPGEOG/UFPR

Prof. Dr. Marcelo Chemin - UFPR - LITORALI

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus que iluminou toda essa caminhada.

A meus pais: José, que sempre foi exemplo de determinação e que superou um câncer nestes últimos anos, e Dirce, o melhor presente que alguém pode ter na vida, que tantas vezes me ligou só para ouvir o choro de desabafo e me lembrar que toda a família estava rezando por mim. Aos meus tios, que torceram por mim com o mesmo carinho que fariam por seus filhos e a estes, meus primos, que me deram força como verdadeiros irmãos. Enfim, a toda a família maravilhosa que tenho e a ela que foi sempre o exemplo para esta família, Maria, minha avó amada, que esteve presente até o resultado da seleção do mestrado e que, sem dúvida, acompanhou todo o curso ao meu lado, espiritualmente.

Ao Professor Wolf Sahr, sem o qual eu não teria ingressado na Pós, e à Professora Cicilian Löwen Sahr, que orientou os últimos meses deste processo com tanta paciência, me permitindo concluir o mestrado. Através deles, agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia, que muito contribuíram para meu aprendizado.

Aos amigos que, mesmo de longe, me faziam acreditar em mim, me lembrando quem sou de verdade por serem quem são, pois neles tenho o que de melhor conquistei na vida, são os espelhos do que vivi. Obrigada por existirem: Paty, Chris, Carol, Murilo, Adriano, Dani, In Anderson, Gilvan e a tantos outros que passo anos sem ver, mas que sempre estão comigo. E, claro, aos que, de perto, deram forças, colo e conselhos, os quais prefiro nem nomear para não ser injusta e esquecer alguém.

Aos ex-colegas da PROEX/UEPG: Larissa, Will, Isa (que nos deixou há pouco), Andrea, Natasha, Chiquinho, Ana e demais funcionários e estagiários da Divisão de Assuntos Culturais, que incentivaram e acompanharam toda a caminhada, bem como ao chefe (de sempre), Prof. Cláudio, com quem aprendo diariamente.

Aos amigos que conheci e àqueles que já conhecia, mas que a Pós me permitiu me aproximar mais, que aconselharam em muitos momentos difíceis: Vane, Grazi, Izac, Dyego, Gabi, Dalvani e tantos outros que me ensinaram muito.

Aos médicos que me acompanham, em especial à Dr^a Angéli Kaiser, psiquiatra querida que me acompanhou desde o momento da seleção, mas

principalmente nos momentos mais difíceis, quando foi preciso trancar o curso; à psicóloga Mylene Laidane, também muito importante no momento do trancamento e no retorno às atividades do mestrado; e à minha instrutora de Yôga, Carla Amaral, sempre tão paciente e que vem me ensinando a controlar as energias, a ansiedade e me manter mais relaxada.

A Mussa Calil Neto, Netinho Scavacini e João Paulo Martins, entre outros “Independentes” que viabilizaram minha pesquisa de campo, com informações e logística, bem como a todos que deixaram parte de seus momentos de lazer para responderem às minhas entrevistas.

E a tantas outras pessoas que entraram na minha vida nestes anos, também às que saíram (pois algumas tinham uma missão curta ao meu lado, outras nem tanto), mas que passaram deixando contribuições, uma palavra de carinho, pessoas que, por vezes, me faziam levantar e dar mais um passo para esta conclusão. Muito obrigada a todos!

A FESTA DO PEÃO BOIADEIRO DE BARRETOS/SP COMO ESPAÇO DE ENCONTRO DE CULTURAS

Resumo: O município de Barretos, ao norte de São Paulo, surgiu como ponto de pouso de tropas que desciam de estados como Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais em direção a feiras pecuárias em cidades do interior paulista, no século XIX. Com a criação de seu matadouro frigorífico, Barretos ficou conhecida, já na década de 1910, como a Capital do Boi, vocação que fez surgir eventos agropecuários como a Festa do Peão Boiadeiro em 1956. O evento, realizado pelo grupo de amigos “Os Independentes”, buscou homenagear o peão estradeiro, profissão que foi sendo substituída pela ferrovia e veículos automotores. Com o crescimento da Festa, foi projetado um novo espaço de realização na década de 1980, o Parque do Peão, recebendo um público ainda maior e diversificado. Diante de um contexto global, o evento assimilou novos referenciais, entre eles elementos *countries*, diversificando também suas atrações. Neste sentido, buscou-se analisar até que ponto a Festa do Peão Boiadeiro de Barretos pode se configurar como espaço de encontro entre a cultura “de raiz” e a cultura “*country*”, ou seja, verificar se a Festa é um espaço de preservação do patrimônio de determinados grupos culturais locais frente a uma cultura globalizada. Por meio da observação participante e de entrevistas, pôde-se compreender de que maneira o evento mantém referenciais do peão brasileiro, ao mesmo tempo em que participa de um Circuito Internacional de Rodeio, com estilos de montaria tipicamente estadunidenses, assimilando também com a influência da mídia novos elementos da cultura de massa. Ainda foi possível perceber a dinâmica de seu espaço de realização – espaços de resistência, espaços *countries* e espaços híbridos –, bem como os interesses dos atores envolvidos na Festa, que se destaca atualmente pelas possibilidades de encontro de culturas.

Palavras-chaves: Globalização; Espaços de resistência; Peão Boiadeiro; Festa agropecuária; Barretos/SP.

BARRETOS COWBOY FESTIVAL AS CULTURE MEETING SPACE

Abstract: The town of Barretos, north of São Paulo, emerged as a landing point for troops that descended from states like Goiás, Mato Grosso and Minas Gerais towards livestock fairs in towns in the interior of São Paulo, in the nineteenth century. With the creation of the slaughterhouse refrigerator, Barretos was known in the early 1900's, as the Capital of the Ox, a vocation that has raised agricultural events such how Cowboy Festival in 1956. The event held by the group of friends, "The Independents", sought to honor the cowboy, a profession that was being replaced by the railroad and automotive vehicles. A new space realization was designed with the growth of the festival in the 1980's called the Cowboy Park that received an even more diverse audience. Facing a global context, the event has assimilated new references, including country elements, which further diversified attractions. So we sought to examine the extent to which the Cowboy Festival in Barretos can be configured with a space between "root" culture and "country" culture, and determine if the Party is a space for estate preservation of certain local cultural groups facing a globalized culture. Through participant observation and interviews, we could understand how the event maintains referential Brazilian cowboy, while participating in a Rodeo International Circuit with typically American riding styles, as well as the assimilating influence of new elements of mass media culture. It was possible to understand the dynamics of its space accomplishment - spaces of resistance, spaces countries and hybrid spaces - as well as the interests of the participants involved in the festival, which currently stands for the possibilities of cultural meeting.

Key-words: Globalization; Resistance spaces; Cowboy; Farming and cattle raising Festival; Barretos/SP.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Localização do município de Barretos no Estado de São Paulo	11
Figura 2 -	Localização do município de Barretos na sua Região Administrativa	12
Figura 3 -	Habitação de pau-a-pique típica dos pioneiros do Noroeste paulista	33
Figura 4 -	Estrada Boiadeira que ligava Mato Grosso a Barretos	40
Figura 5 -	Transporte de boiada de Goiás	41
Figura 6 -	Exposição agropecuária no Recinto Paulo de Lima Correia de Barretos	53
Figura 7 -	Peões na primeira década de Festa de Barretos	54
Figura 8 -	Recinto Paulo de Lima Correia nas décadas de 1950/60 em Barretos	55
Figura 9 -	Desfile típico da Festa de Barretos – 1956	56
Figura 10 -	Primeiras edições da Festa de Barretos – Décadas de 1950/60 ...	57
Figura 11 -	Registro de presença de políticos na Festa de Barretos no “Memorial do Peão”	59
Figura 12 -	Homenagem a Oscar Niemeyer no “Memorial do Peão”	63
Figura 13 -	Entrada do Rancho do Peãozinho no Parque do Peão	64
Figura 14 -	Cartaz de Ziraldo da 35ª edição da Festa de Barretos – 1990	65
Figura 15 -	Cartaz de Ronaldo Noronha da 44ª edição da Festa de Barretos – 1999 (D’Aprés Portinari)	65
Figura 16 -	Cartaz de Hans Donner da 46ª edição da Festa – 2001	66
Figura 17 -	Cartaz de Romero Brito da 47ª edição da Festa – 2002	66
Figura 18 -	Cartaz de Elifas Andreato da 54ª edição da Festa – 2009	66
Figura 19 -	Avenida 43 em Barretos durante a Festa do Peão – 2007	69
Figura 20 -	Veículo caracterizado como “boi malhado” para a Festa do Peão – 2010	71
Figura 21 -	Mobiliário urbano com temas voltados à Festa do Peão de Barretos	72
Figura 22 -	Vestimentas dos peões na década de 1970 e em 2011	77
Figura 23 -	<i>Stands</i> de roupas, calçados e acessórios <i>countries</i> – Parque do Peão	78
Figura 24 -	Objetos artesanais em exposição no Memorial do Peão	80
Figura 25 -	Loja de <i>souvenirs</i> oficiais no Parque do Peão e adesivo não-oficial	81
Figura 26 -	Venda ambulante de artesanato em resina no centro de Barretos	82
Figura 27 -	Feira de Artesanato Indígena presente no Rancho do Peãozinho	83
Figura 28 -	Música Caipira nos Palcos “Pau do Fuxico” e “Raízes Sertanejas”	85
Figura 29 -	Apresentação do Grupo de Catira no Rancho Ponto de Pouso	86
Figura 30 -	Participação da Escola de Samba Unidos da Tijuca na Festa do Peão	87
Figura 31 -	Ranchos Laços de Amizade e Brahma <i>Country</i>	89
Figura 32 -	Rancho Ponto de Pouso	90
Figura 33 -	Monumentos do Parque: Montaria em Cavalo, Montaria em Touro e Peão	90
Figura 34 -	Monumento do Touro Bandido ao lado do Memorial do Peão	91
Figura 35 -	Momento de oração na abertura do rodeio na Festa do Peão	92

Figura 36 - Nossa Senhora Aparecida no Memorial do Peão e Palco “Pau do Fuxico”	93
Figura 37 - Oratório dos Peões no Rancho Ponto de Pousos	93
Figura 38 - Barracas de alimentos e bebidas no Parque do Peão	94
Figura 39 - Comitivas e Queima do Alho	95
Figura 40 - Praça de alimentação e <i>Camping</i> no Parque do Peão	97
Figura 41 - Croqui do Parque do Peão Boiadeiro com seus diferentes espaços	98
Figura 42 - Espaço para atividades culturais no Parque do Peão: Berrantão, Palco Esplanada, Palco Nativa e Memorial do Peão	99
Figura 43 - Espaços para atividades esportivas no Parque do Peão: Hípicas	99
Figura 44 - Modalidades de montarias: Cutiano, Sela Americana e <i>Bareback</i>	101
Figura 45 - Atividade religiosa no Estádio de Rodeio: entrada da imagem de Nossa Senhora Aparecida	104

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Características dos principais espaços culturais/esportivos do Parque do Peão, segundo as atividades e classificação destas	100
Quadro 2 -	Motivos apontados pelos visitantes e moradores entrevistados para frequentar a Festa do Peão	108
Quadro 3 -	Aspectos positivos da Festa do Peão apontados pelos visitantes e moradores entrevistados	109
Quadro 4 -	Aspectos negativos da Festa do Peão apontados pelos visitantes e moradores entrevistados	110
Quadro 5 -	Aspectos positivos que a Festa do Peão traz para Barretos, segundo os moradores	110
Quadro 6 -	Aspectos negativos que a Festa do Peão traz para Barretos, segundo os moradores	111
Quadro 7 -	Situação atual da Festa do Peão com relação a anos anteriores, segundo aqueles que já tiveram uma experiência em outra edição	111
Quadro 8 -	Aspectos apontados pelos entrevistados que sinalizaram melhorias na Festa do Peão com relação a anos anteriores	112
Quadro 9 -	Aspectos apontados pelos entrevistados que sinalizaram pioras na Festa do Peão com relação a anos anteriores	112
Quadro 10 -	Aspectos indicados pelos barretenses entrevistados para a melhoria da Festa do Peão	112
Quadro 11 -	Qualidade da recepção dos visitantes entrevistados em Barretos	113
Quadro 12 -	Cidade de hospedagem dos visitantes da Festa do Peão	114
Quadro 13 -	Local de hospedagem dos visitantes da Festa do Peão alojados em Barretos	114
Quadro 14 -	Local de refeições dos visitantes da Festa do Peão	115
Quadro 15 -	Motivos de visita anterior a Barretos entre os visitantes da Festa do Peão que já conheciam a cidade	115

SUMÁRIO

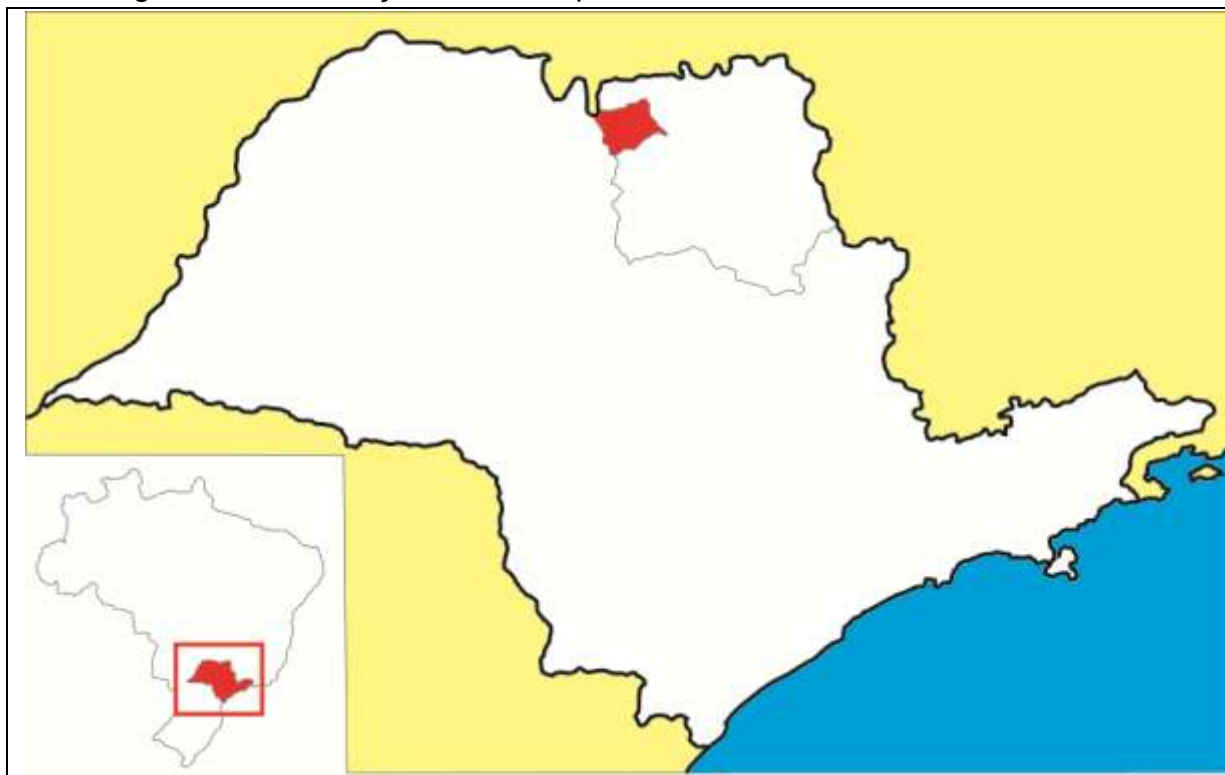
INTRODUÇÃO	11
1 O ENCONTRO DO GLOBAL E DO LOCAL ATRAVÉS DA CULTURA	16
1.1 A IDENTIDADE E O ESPAÇO COM A GLOBALIZAÇÃO	16
1.2 A MATERIALIZAÇÃO DOS IMAGINÁRIOS NAS TRADIÇÕES	20
1.3 A FESTA COMO ESPAÇO DE INTERAÇÃO DE DIFERENTES CULTURAS	24
2 BARRETOS COMO “CAPITAL DO BOI”: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-REGIONAL	32
2.1 OS PRIMÓRDIOS DO MUNICÍPIO E SUA REGIÃO	32
2.2 A ESTRADA BOIADEIRA COMO ELEMENTO ARTICULADOR REGIONAL	38
2.3 BARRETOS CONSOLIDA SUA POSIÇÃO DE “CAPITAL DO BOI”	43
3 A FESTA DO PEÃO BOIADEIRO DE BARRETOS: TRAJETÓRIA HISTÓRICA E DINÂMICAS CULTURAIS	51
3.1 DE QUERMESSE À FESTA: ANTECEDENTES E PRIMÓRDIOS	52
3.2 DE FESTA LOCAL À NACIONAL: A OFICIALIZAÇÃO DO EVENTO	57
3.3 DE FESTA DE PEÃO À FESTA <i>COUNTRY</i> : A NORTEAMERICANIZAÇÃO DO EVENTO	61
3.4 A INTERNACIONALIZAÇÃO DA FESTA E SUA CONSEQUENTE INSUSTENTABILIDADE	65
4 A FESTA COMO ENCONTRO: SEUS ELEMENTOS E ESPAÇOS	75
4.1 OS ELEMENTOS CULTURAIS DA FESTA E SUAS TRANSFORMAÇÕES	75
4.2 AS DIFERENCIAÇÕES CULTURAIS INTERNAS NO ESPAÇO DO PARQUE	97
4.3 A FESTA COMO LOCAL DE ENCONTRO SOCIAL	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122
ANEXOS	127
APÊNDICES	130

INTRODUÇÃO

O município de Barretos está localizado ao norte do estado de São Paulo, a 457 km da capital e a 45 km da sede do município de Colômbia¹, na divisa com o estado de Minas Gerais, mais especificamente com a região do Triângulo Mineiro (Figura 1). Colômbia pertenceu a Barretos até sua fundação em 1959². Nas palavras de Menezes (1985, p. 8), tem-se que a cidade de Barretos está:

[...] situada ao Norte do Estado de São Paulo, tendo a Leste o Rio Pardo que a divide de Guará, e ao Norte as caudais do Rio Grande que botam o Triângulo Mineiro mais longe de nós, embora encostado ali em Colômbia, que já foi território nosso e é hoje município independente.

Figura 1 – Localização do município de Barretos no Estado de São Paulo



Org. da autora

Barretos é sede de uma das regiões administrativas mais recentemente determinadas³ pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no estado

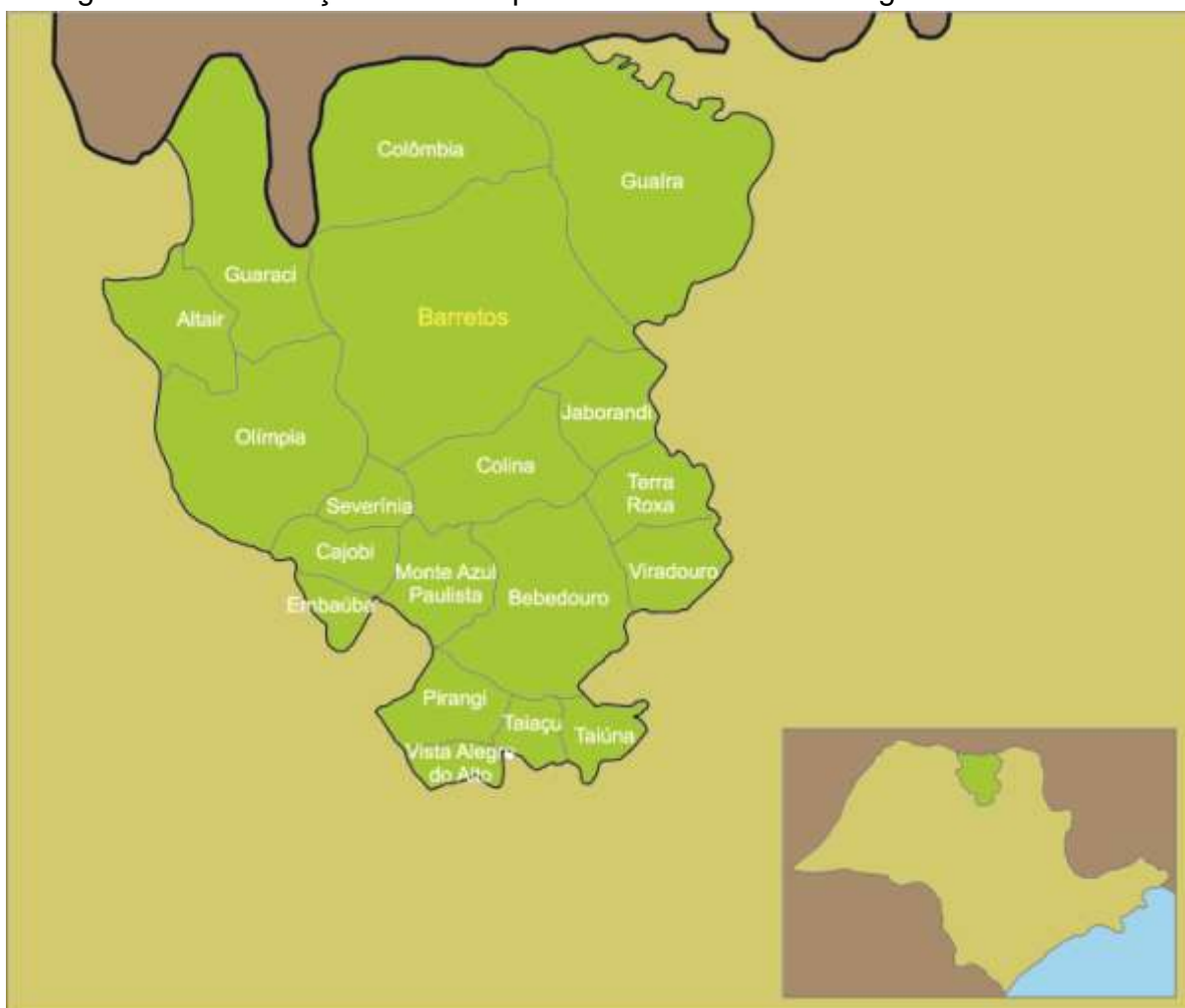
¹ Segundo o Guia 4 Rodas. Disponível em <http://viajeaquibril.com.br>. Acesso em 05/10/12.

² Fonte: www.colombia.sp.gov.br. Acesso em 20/04/13.

³ Criada pelo Governo do Estado de São Paulo em 1983, por decreto 20.530, conforme Diário Oficial do Estado de 10 de fevereiro do mesmo ano

de São Paulo, a qual é formada por 19 municípios (Figura 2). Também é o centro de uma microrregião, que compõe junto à Colômbia (ao norte) e à Colina (ao sul). Trata-se, portanto, de um município que exerce grande polarização na sua região de entorno.

Figura 2 – Localização do município de Barretos na sua Região Administrativa



Fonte: IBGE. Org. da autora.

O município de Barretos pertencia, anteriormente, à região de Ribeirão Preto, que se encontra distante 147 km de sua sede. Barretos, todavia, embora seja sede de mesorregião, também é atendido em alguns serviços, como de telefonia e aeroporto, pela mesorregião de São José do Rio Preto, isto em função da

(<http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=19830211&Caderno=DOE-I&NumeroPagina=26>). No entanto, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) adota outro modelo de divisão de regiões, vigente desde 1995. Disponível em: <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/pdf/saopaulo-regioes.pdf>. Acesso em 04/08/12.

proximidade da cidade sede (de mesmo nome) que está a apenas 93 km de Barretos⁴. Trata-se, assim, de um município que divide com Ribeirão Preto e São José do Rio Preto a polarização do norte do estado de São Paulo.

A cidade de Barretos surgiu no século XIX, como ponto de pouso de boiadas que vinham de estados como Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais em direção às feiras agropecuárias de Sorocaba e Araraquara, entre outras cidades do interior paulista e, posteriormente, para a capital paulista e o porto de Santos.

Com uma história arraigada à tradição tropeira, Barretos também passou a realizar eventos no setor agropecuário, propondo, em alguns deles, uma competição de doma de cavalos, motivo pelo qual tornou-se o “berço do rodeio no Brasil”. Um destes eventos, a Festa do Peão Boiadeiro de Barretos, foi criada por um grupo de amigos denominado “Os Independentes”, que a realizam desde 1956 ininterruptamente. O evento, bastante singelo na sua fase inicial, cresceu ao longo do tempo, fazendo com que sua realização no espaço do Recinto Paulo de Lima Correia, no centro da cidade, se tornasse inviável. Isso levou o grupo “Os Independentes” a adquirirem terras em área mais periférica da cidade para a construção do Parque do Peão, na década de 1980⁵.

Junto ao patrimônio de “Os Independentes” foram crescendo também o público, os prêmios pagos aos peões, as categorias de montarias, sua projeção midiática e as atrações de sua programação. Em 1993, a Festa passou a integrar, inclusive, um circuito internacional de rodeio.

Reconhecida internacionalmente, como o mais antigo e maior evento da América Latina, a Festa do Peão de Barretos, completa em 2010, 55 anos, reunindo todos os anos atrações culturais, esportivas e gastronômicas, em um complexo de 2 milhões de metros quadrados⁶.

Seguindo um modelo global de grandes espetáculos, a Festa do Peão de Barretos assimilou, também, diferentes *shows* da cultura de massa, independentemente da sua relação com as tradições do peão brasileiro, bem como adquiriu símbolos e inventou tradições que mais se assemelham à cultura *country* estadunidense.

⁴ Guia 4 Rodas. Disponível em <http://viajeaqui.abril.com.br>. Acesso em 05/10/12.

⁵ Fonte: Site Os Independentes.

⁶ Fonte: A história do rodeio em Barretos. **Jornal de Barretos**. Barretos, 25 de agosto de 2011, p. 16. Sem referência ao redator.

Se não é possível “engessar” o evento como espaço de memorização, uma vez que o processo de globalização também interfere nas identidades locais, pode-se dizer que este apresentou e apresenta diferentes fases históricas, bem como os seus espaços se transformaram de maneiras diversas frente aos processos de modernização.

As mudanças ocorridas na Festa e suas repercussões puderam ser sentidas pela população, como no caso desta autora, natural do município de Barretos. Utilizou-se, assim, reflexões que foram se acumulando ao longo dos anos vivenciados na cidade de Barretos e na Festa do Peão para o desenvolvimento da presente pesquisa. De acordo com Borges (2009, p. 184), “[...] só é possível conhecer profundamente aspectos da vida de uma sociedade ou de uma cultura, quando há um envolvimento pessoal entre o pesquisador e o quê/ quem ele investiga [...]”.

A participação no evento demonstrou, no decorrer dos anos, uma grande abertura da Festa a elementos externos. Neste sentido, buscou-se analisar, nesta dissertação, até que ponto a Festa do Peão Boiadeiro de Barretos pode se configurar como espaço de encontro entre a cultura “de raiz” e a cultura “*country*”, ou seja, verificar se a Festa é um espaço de preservação do patrimônio de determinados grupos culturais locais frente a uma cultura globalizada.

Algumas subquestões apoiaram o encaminhamento da pesquisa: a) Analisar se a Festa foi concebida como uma forma de resistência, buscando proporcionar uma continuidade histórico-regional vinculada à pecuária, ou como transposição de uma cultura não local; b) Avaliar o contexto de incorporação de novos elementos à Festa durante sua trajetória, identificando se esses contribuíram para uma possível descaracterização cultural ou introdução de uma nova dinâmica à mesma; c) Analisar os diferentes espaços culturais da Festa - seus cenários, suas atividades e seus atores -, identificando locais e/ou elementos de resistência cultural, “*countrificados*” ou híbridos.

Tem-se aqui um caso de pesquisa qualitativa. Para tanto, foi feita uma observação participante nos anos de 2010 e 2011 durante a Festa do Peão, dentro e fora do Parque, uma vez que:

Esse exercício de observação “de dentro”, participante, pode proporcionar “olhares” únicos ao cientista, facilitando a compreensão dos fenômenos e, mais ainda, pode possibilitar a identificação de muitos outros ainda não percebidos quando olhados “de fora” (BORGES, 2009, p. 190).

Foi desenvolvido um Diário de Campo com anotações a respeito dos espaços observados na Festa e no seu entorno, bem como um acervo iconográfico. Paralelamente foi aplicada uma entrevista semiestruturada, por meio da qual se obteve a avaliação de moradores e visitantes de outras cidades a respeito do evento, suas relações e seus impactos.

Para que ocupantes de todos os espaços do Parque do Peão fossem consultados, bem como moradores de Barretos não presentes na Festa, foram aplicadas 53 entrevistas, número que permitiu a tabulação de dados, embora a pesquisa não tivesse um caráter quantitativo. Os resultados possibilitaram uma análise da percepção que os indivíduos têm a respeito do evento.

Para se atingir os objetivos propostos, a Dissertação organiza-se em quatro capítulos. No primeiro capítulo desenvolve-se uma reflexão a partir de recursos bibliográficos, buscando subsídios à discussão em torno dos processos de globalização, informatização e comunicação, bem como, de suas interferências sobre o imaginário e a identificação cultural, interferências estas refletidas nas ações e transformações do espaço. Também foram analisados os eventos como espaços de preservação cultural e as festas, mais especificamente, como espaços de encontro de diferentes grupos sociais e culturais.

No segundo capítulo apresenta uma contextualização histórica da região de Barretos e da evolução da atividade agropecuária local. Analisa-se a trajetória de Barretos desde os seus primórdios como ponto de pouso de tropas, no século XIX, até a consolidação de sua imagem como “Capital do Boi” na década de 1910.

O terceiro capítulo trata da Festa do Peão Boiadeiro propriamente dita. Avalia-se as diferentes fases da Festa desde o seu surgimento, buscando salientar seus elementos de permanência, bem como, apontar elementos que foram sendo incorporados à mesma e que caracterizam a dinâmica que o evento vivenciou ao longo do tempo.

No quarto capítulo, consta uma análise do espaço da Festa no contexto atual, identificando diferenciações nas manifestações culturais dos subespaços do Parque do Peão. Avaliou-se o significado da Festa tanto como espaço de encontro social quanto como espaço de encontro de culturas.

CAPÍTULO I – O ENCONTRO DO GLOBAL E DO LOCAL ATRAVÉS DA CULTURA

O município de Barretos tem sua história marcada pelo desenvolvimento de atividades rurais, primeiramente como local de internada para as tropas que por ele passavam, e posteriormente vinculado, entre outras, às atividades de criatórias. Dentro deste contexto foram surgindo eventos que buscavam primeiramente fortalecer a atividade agropecuária no município, mas que, com a diversificação econômica, foram se transformando em eventos de memorização, como é o caso da Festa do Peão Boiadeiro.

Esta festa foi se mantendo no calendário de eventos do município, assumindo gradativamente um papel central neste. Sua abrangência local-regional foi se expandindo nacionalmente e até internacionalmente. Este sucesso, contudo, exigiu de seus organizadores uma dinâmica que de um lado procurou manter suas características tradicionais e, por outro, foi incorporando características exigidas pelo mercado cultural. Neste sentido ela foi se transformando em um encontro entre diferentes culturas e escalas.

Assim, foram sendo introduzidos símbolos propostos por um imaginário influenciado por modelos introduzidos pela mídia, com valores sociais, culturais e econômicos diferenciados da tradição local vivenciada no passado. Desta forma, o objetivo do presente capítulo é trazer para a discussão alguns teóricos que possam contribuir para a elucidação de algumas questões, entre elas: a) de que forma a identidade e o espaço se transformam com a globalização?; b) como se procede a materialização dos imaginários incorporados em supostas tradições?; e c) de que maneira uma festa, ou qualquer outro evento, pode transformar-se em um espaço de interação entre diferentes culturas?

Acredita-se que tais reflexões de natureza teórica e conceitual podem contribuir para as reflexões em torno da Festa do Peão Boiadeiro de Barretos.

1.1 A IDENTIDADE E O ESPAÇO COM A GLOBALIZAÇÃO

Em tempos de padronizações, de modelos e ações globais, a maneira como as sociedades se organizam internamente faz com que possuam modos diversos de organização do espaço, bem como de inter-relacionamentos, criando suas próprias

maneiras de comunicar-se, conviver e entender-se no contexto mundial. A cada geração estas características se transformam, fazendo com que sejam também um todo dinâmico, admitindo novas formas de produção e relacionamentos, marcando diferentes fases históricas de um mesmo espaço.

Sob a visão das transformações históricas a partir da produção, Santos (2012, p. 57) propõe que cada momento histórico é marcado por um nível de urbanização, conforme fatores como o comportamento demográfico, o grau de modernização e a organização dos transportes, o nível de industrialização, os tipos de atividades e as relações que mantêm com os grupos sociais envolvidos, os efeitos diretos ou indiretos da modernização sobre a política, a sociedade, a cultura e a ideologia, entre outros.

Desta forma, o autor caracteriza o espaço geográfico nesta fase de globalização:

Consideramo-lo como algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistema de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente (SANTOS, 2012, p. 146).

Assim, com a aceleração na criação de objetos, há um aumento nas modificações de um mesmo espaço, sem, contudo, perder-se de ensinamentos anteriores. Como único animal capaz de apreender, documentar e repassar às próximas gerações os conhecimentos do cotidiano, estas ações humanas nunca estão dissociadas do passado de seu grupo social. Estes ensinamentos garantem que se dê, de forma mais rápida e apropriada, resposta aos acontecimentos e imprevistos do dia-a-dia.

Neste sentido, Maffesoli (2007, p.18) coloca que “o que nos liga ao passado é uma garantia para o futuro. É igualmente isto que propicia ao presente seu aspecto mais vivaz”. E as respostas dadas aos eventos cotidianos, ao mesmo tempo em que traduzem o aprendizado individual e externo, são fundamentadas no aprendizado no seu grupo social, sinônimo de segurança. “Só existe saber enraizado na existência comum. [...] o ético, fundamento do vínculo social, depende estruturalmente do estético: é essa capacidade de experimentar emoções, compartilhá-las, transformá-las em cimento de toda sociedade” (p. 12).

E se o processo de globalização diminui espaços e comunica internacionalmente fatos em tempo real, há uma reação natural humana da busca pelo seu “cimento”, no sentido de entender-se local e globalmente. Há uma volta para a interpretação de sua história, de sua origem e de seu destino. A volta para o que lhe é comum, para o seu local, para o que é característico de seu grupo social, para o espaço que lhe atribui singularidades, o seu lugar.

Para Claval “[...] os lugares não têm somente uma forma e uma cor, uma racionalidade funcional e econômica. Eles estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou que os frequentam” (2007, p. 55).

Estes lugares estão repletos de respostas, não só às necessidades fisiológicas humanas, mas são carregados de significados para seus grupos sociais, caracterizando um processo cultural por meio de seus símbolos, crenças, ritos, dentre outros. Claval (2007, p. 63) destaca a cultura como:

[...] a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. Não é portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio.

Desta forma, os grupos sociais são marcados por traços de identidade que marcam seu espaço e seu tempo, constituindo-se como um referencial cultural. Estes traços podem se formar em diferentes níveis de associações, diferenciando desde uma família, até os fiéis de uma religião, uma cidade ou uma nação. Assim como as relações dos grupos sociais, estes referenciais são dinâmicos e complexos, determinando diversas identidades nos diferentes tempos e espaços.

Hall (2006, p. 10-12) propõe três concepções de identidade. Para o sujeito do Iluminismo, o “centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa”, com base no sujeito, na concepção individualista de si e de sua identidade. Com a complexidade do mundo moderno, o “sujeito sociológico” passa a perceber a identidade como a “interação entre o eu e a sociedade”; existe, então, o “eu real”,

uma essência que pode ser modificada pelos mundos exteriores. Entretanto, para o sujeito pós-moderno:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. [...] O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2006, p. 12).

Neste sentido, as trocas de conhecimentos por meio de novas técnicas, aceleradas pelos processos de informatização, indicam uma extrapolação das fronteiras identitárias, podendo caracterizar diferentes traços culturais dentro de um mesmo grupo social. Há uma absorção de conhecimentos por representantes de grupos culturais diversos, ao mesmo tempo em que cada indivíduo interfere na configuração de seu grupo cultural. “Essa ‘internalização’ do exterior no sujeito, e essa ‘externalização’ do interior, através da ação no mundo social, constituem a descrição sociológica primária do sujeito moderno e estão compreendidas na teoria da socialização” (HALL, 2006, p. 31).

Assim, as trocas socioculturais configuram relações humanas cada vez mais complexas, uma vez que o processo de comunicação global promove uma padronização dos modos de vida e de produção para os diversos grupos, ao mesmo tempo em que estes buscam uma volta às raízes, no sentido de entender-se no contexto local e global.

A imersão em um grupo social faz com que o indivíduo assimile aspectos culturais, como símbolos e seus significados, tradições (sejam elas fruto de um processo histórico ou “inventadas”⁷), costumes, valores, crenças, características comuns de alimentação, vestuário, linguagem, além do surgimento de novas necessidades, como os sonhos.

Claval (2007, p. 12) propõe que:

[...] nem todas as sociedades dispõem do mesmo arsenal de conhecimentos e técnicas, e do mesmo registro de interpretações e motivações. Os indivíduos e grupos são condicionados pela educação que receberam: a educação aparece, assim, como uma herança.

⁷ “Tradições inventadas” é uma expressão discutida por Hobsbawm e Ranger (org.) (1997).

Neste sentido, as ações humanas são determinadas não instintivamente, mas por meio de um processo de acumulação de conhecimento.

O espaço é composto não só da interação humana com o espaço físico, mas das relações humanas em si, de relações interpessoais que formam e/ou transformam-no em espaço social, de trocas, de convivência, criando-se meios de organização que fazem com que cada local seja singular. Motta (2003, p. 37) destaca que:

Não existe um espaço com nada. São os seres humanos que o preenchem, juntando/transformando as coisas próprias da natureza mais as coisas que eles próprios produzem. Quando se percebe, portanto, que são os seres humanos que preenchem e fazem o espaço, começa-se também a perceber o quanto esse espaço é dinâmico e complexo, porque nele são construídos símbolos, significados, as relações, os mitos, as crenças, as emoções, o visível e o invisível. O modo como esse espaço é percebido e vivido está, com certeza, muito relacionado a como as pessoas vivem e se percebem.

Os seres e as relações aí estabelecidas escrevem a história de cada local, fazendo de cada um destes um conjunto de relacionamentos complexos, que diferenciam as sociedades e também suas manifestações no tempo e no espaço. Desta forma, não se pode esperar que a Festa do Peão Boiadeiro permaneça “congelada” no tempo e no espaço. Haverá uma absorção de elementos externos, uma “internalização” do exterior, e também uma “externalização” destes no interior do evento, numa dinâmica constante entre as escalas local e global.

1.2 A MATERIALIZAÇÃO DOS IMAGINÁRIOS NAS TRADIÇÕES

O processo de globalização vem, através dos meios de comunicação em rede e da informatização, interferir no imaginário social. Com isso, ampliam-se as percepções de mundo para além do local e do grupo social, admitindo novos valores e formas de entender sua cultura.

Legros *et al.* (2007, p. 110) propõe que o pesquisador das ciências humanas “só resgata da realidade dos imaginários sociais um produto filtrado, no melhor dos casos, uma boa tradução do universo social que está estudando” e ainda que a “percepção do imaginário é, talvez, considerada como uma representação caleidoscópica, como uma pintura impressionista; porém, ela se funde com a existência social, irrigando-a de uma substância comum”.

Legros *et al.* (2007) propõe, ainda, que “o imaginário é um pensamento simbólico total na medida em que este último ‘ativa’ os diferentes sentidos de compreensão do mundo” (p.112), não representando apenas uma realidade distorcida, mas agregado de valores, estruturando o entendimento coletivo, regulando o progresso, já que “é imaginando que o homem evolui” (p.111).

Contudo, pode-se dizer que o imaginário de diferentes pessoas pode diferir, ainda que estas participem de um mesmo grupo sociocultural. Isso é decorrente de múltiplas ou variáveis identidades que assumem, assim como da própria participação no grupo, que influi no imaginário de cada indivíduo que o compõe.

Maffesoli (2007) discute a influência dos grupos sociais sobre o imaginário e deste sobre os grupos. É a energia contida no “senso comum” que influi sobre a percepção e o imaginário individual. “Energia ‘infusa’ no banal intenso da vida cotidiana. O imaginário coletivo, poderíamos dizer inconsciente, encontra sua força nesse tesouro arquetípico” (p. 47).

O autor destaca que, frente a uma mundialização de valores, promovida pela publicidade, pela moda, pela mídia em geral, “a consciência coletiva tenta encontrar raízes” (MAFFESOLI, 2007, p. 37), criando novos símbolos, buscando a “volta das tradições culturais [...]”; traduz a continuidade, a tenacidade de um querer-viver individual e coletivo que não foi totalmente erradicado” (p. 36).

Os símbolos propostos pelo imaginário social podem vir agregados de valores estabelecidos por fatores sociais, culturais e, até mesmo, econômicos, fomentados por modelos cada vez mais introduzidos pela mídia. Com o avanço da comunicação e seus meios de personificar desejos e medos, entre outros sentimentos presentes no psicológico humano, também se desenvolveu formas de influenciá-lo e produzir tendências.

Contrapondo estas tendências globalizadas, há um retorno às referências históricas de cada grupo:

É tudo isto que constitui o sinal forte de uma mudança de imaginário. É tudo isto que constitui a marca da pós-modernidade. A elaboração de uma *coerência social* vivida, de uma forma paradoxal, com o que está próximo, mas com a ajuda dos sonhos imemoriais; aqueles mesmos em que se embalou a infância de cada um de nós e que atualizam a juventude do mundo (MAFFESOLI, 2007, p. 37).

Assim, buscam-se referenciais (símbolos e ritos) na memória coletiva. Pode-se, ainda, “inventar tradições”. Hobsbawm e Ranger (1997, p. 9) comentam que a

tradição inventada pode ser tanto aquela realmente construída, com o intuito de criar vínculos, quanto aquela que surgiu em um período de tempo difícil de ser determinado.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 9).

As tradições inventadas são, portanto, respostas ao mundo moderno. E estas são tanto produto do imaginário quanto um instrumento que o influencia. Elas podem ser institucionalizadas, determinadas por aqueles que detêm o poder, como forma de reunir o grupo sobre novos ou antigos costumes.

Para Laraia (2009, p. 82-83):

O importante, porém, é que deve existir um mínimo de participação do indivíduo na pauta de conhecimento da cultura a fim de permitir a sua articulação com os demais membros da sociedade. Todos necessitam saber como agir em determinadas situações e, também, como prever o comportamento dos outros. Somente assim é possível o controle de determinadas ações. [...] o conhecimento mínimo referido abrange um certo número de padrões de comportamento que são regulares e, portanto, permitem a previsão.

As tradições, portanto, devem acompanhar as mudanças sociais, gerando certo “comprometimento formal com o passado” (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 10), ao mesmo tempo em que permite o acesso a inovações. “Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história” (p. 10).

Assim, a proposição de novos ritos pode trazer ao imaginário uma nova leitura da própria história. E este imaginário pode criar corpo, imagem, novos desejos. “Produzir e consumir imaginários passou a fazer parte das necessidades básicas humanas” (GASTAL, 2005, p. 69).

Para Maffesoli (2001, p. 76):

Não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de um conjunto de imagens. A imagem não é suporte, mas resultado. Refiro-me a todo tipo de imagem: cinematográficas, pictóricas, esculturais, tecnológicas e por aí afora.

Desta maneira, a forma de pensar de cada sociedade influi na atmosfera de cada lugar, sua organização, arquitetura, decoração, entre outras referências.

Além de técnicas publicitárias, a evolução do cinema é capaz de transformar o imaginário, materializando seres e sentimentos que só estavam presentes na imaginação, propondo novos símbolos. Considerando isso, Cassirer (1994, p. 58) destaca que o humano se distingue dos demais animais por sua capacidade de desenvolver uma linguagem emocional, na qual sinal e símbolo possuem significados diferentes.

Os símbolos – no sentido próprio do termo – não podem ser reduzidos a meros sinais. Sinais e símbolos pertencem a dois universos diferentes de discurso: um sinal faz parte do mundo físico do ser; um símbolo é parte do mundo humano do significado. Os sinais são “operadores” e os símbolos são “designadores”. Os sinais, mesmo quando entendidos e usados como tais, têm mesmo assim uma espécie de ser físico ou substancial; os símbolos têm apenas um valor funcional (CASSIRER, 1994, p. 58).

Assim, mesmo quando se busca materializar criações do imaginário, estas imagens ou criações físicas vêm agregadas de valores simbólicos. Legros *et al.* (2007, p. 122) aponta que “as imagens são a origem de todas as criações humanas, mesmo científicas”. Contudo, as imagens podem ter diferentes significados em diferentes culturas, uma vez que cada grupo desenvolve uma “linguagem emocional”.

O comportamento simbólico, o valor estabelecido às ações e objetos, seu significado e representação no símbolo determinam a cultura:

[...] o homem vive em um universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes desse universo. São os variados fios que tecem a rede simbólica, o emaranhado da experiência humana. Todo o progresso humano em pensamento e experiência é refinado por essa rede, e a fortalece. [...] A realidade física parece recuar em proporção ao avanço da atividade simbólica do homem (CASSIRER, 1994, p. 48).

Assim, ações e objetos vêm carregados de significados. A imagem de uma Nossa Senhora Aparecida, como a utilizada na Festa do Peão, por exemplo, traz consigo o símbolo da crença no catolicismo no Brasil, na representação de Maria. Logo, remete à crença em uma determinada religião e em determinado país, às ações e crenças que o catolicismo propõe; são fatores que vão além da imagem material.

1.3 A FESTA COMO ESPAÇO DE INTERAÇÃO DE DIFERENTES CULTURAS

Entre as tradições e os símbolos de um grupo sociocultural estão presentes também elementos massificados. Estes são produzidos para um mercado global, no qual as interações são facilitadas pelos meios de transporte e comunicação cada vez mais rápidos.

Dada a abrangência dos reflexos do processo de globalização, Cappello (2001, p. 115) comenta:

A globalização econômica é um processo penetrante que ultrapassa as variáveis econômicas e afeta todas as sociedades complexas contemporâneas. Em razão da crescente influência dos modernos meios de comunicação e seu desenvolvimento tecnológico, as populações de diversas e distantes áreas geográficas se encontram em condições de desenvolver uma íntima interação, influenciando-se mutuamente. Essa influência, transforma costumes sociais, culturais, políticos e econômicos, bem como as expectativas dos seres humanos, reduzindo as fronteiras e estreitando o sentido do Estado-nação.

Se em uma realidade anterior, as técnicas de produção diferenciavam lugares, as mesmas podem se uniformizar ou se equiparar a partir da diminuição de fronteiras percebidas com o processo de globalização. Segundo Claval (2007, p. 251):

A diversidade das técnicas cede diante do progresso: a facilidade dos transportes torna as matérias-primas mais móveis e permite que os objetos fabricados cheguem mais longe. As viagens ampliam o universo mental dos atores da vida social. Os progressos das comunicações caminham no mesmo sentido.

O autor ainda comenta historicamente este processo:

A obra de modernização na qual a sociedade internacional está empenhada desde o final da Segunda Guerra Mundial é contrariada pela mutação qualitativa da cultura resultante das novas formas assumidas pela transmissão. Os primeiros meios de comunicação moderna, o telégrafo e o telefone, modificaram profundamente a vida dos negócios e certos aspectos da existência cotidiana, mas não tiveram nenhuma influência sobre os modos de transmissão da cultura. O cinema, o rádio e a televisão criam as condições de transferências de massas. A oralidade encontra seus privilégios; como nas situações face a face, o gesto e a palavra caminham juntos (CLAVAL, 2007, p. 392).

Claval percebe, na possibilidade de visualizar o outro com os novos meios de comunicação, uma proximidade, possibilidade de comparação e imitações entre povos que antes pareciam distantes física e culturalmente. Yúdice (2004, p. 28) também avalia: “A globalização pluralizou os contatos entre os diversos povos e facilitou as migrações, problematizando assim o uso da cultura como um expediente nacional”.

Estes contatos, midiáticos e pessoais, fomentados pelo desenvolvimento acelerado no pós-Segunda Guerra Mundial, podem ser percebidos como parte do processo de globalização. Esta “é associada a recentes avanços tecnológicos nos modos de comunicação e transporte” (DAVIES, 2004, p. 192).

Do ponto de vista da comunicação, a constante invenção e aperfeiçoamento de tecnologias de acesso à internet e satélites vem permitindo o contato em tempo real de pessoas que se encontram em diferentes pontos do globo terrestre, com diferentes culturas. Neste sentido, economicamente propõe-se uma padronização de produção e, conseqüentemente, formas internacionais de consumo, uma vez que a publicidade estuda linguagens para persuadir pessoas dos mais diversos países a consumirem as mesmas marcas.

A teoria da sociedade de massa procura indicar o potencial da propaganda e dos meios de comunicação de massa usados pelas elites para bajular, persuadir, manipular e explorar o povo de modo mais sistemático e difuso. Os que controlam as instituições do poder adulam o gosto da massa para controlá-la (STRINATI, 1999, p. 25).

Neste sentido, existe uma capacidade de controle dos mais poderosos sobre a “massa”, já que esta acaba por imitar o que é “superior”, buscando equiparar-se aos usos e costumes das elites. “[...] a imagem “enlatada” paralisa qualquer julgamento de valor por parte do consumidor passivo, já que o valor depende de uma escolha; o espectador então será orientado pelas atitudes coletivas da propaganda: é a temida “violentação das massas”” (DURAND, 2010, p. 118).

Podemos considerar que cultura de massa é a cultura popular produzida pelas técnicas de produção industrial e comercializada com fins lucrativos para uma massa de consumidores. É uma cultura comercial, produzida para o mercado. [...] Considera-se que o uso dessas técnicas de produção tece uma influência tão prejudicial e degradante sobre a cultura nas sociedades industrializadas quanto os imperativos do lucro (STRINATI, 1999, p. 27).

Assim, as propostas publicitárias passam a influenciar, como colocado anteriormente, o imaginário dos mais diversos grupos sociais. Surgem novas formas de organização das ações e do espaço, uma vez que “as facilidades de imitação reforçam, pois, a memória comum [...]” (LEGROS *et al.*, 2007, p. 48), transformando as relações socioculturais.

Para uma possibilidade de trocas comerciais entre países, vai se desenvolvendo também normativas políticas internacionais, abrindo-se as fronteiras e delineando-se novas relações socioculturais.

A erosão das fontes locais de autoridade acompanha um sentimento agudo de perda de identidade. Se o lugar onde você habita deixa de garantir sua especificidade, se os modelos em que se referencia são importados de outros lugares e compartilhados frequentemente por enormes massas, como não ser tomado de uma certa desesperança? O sentido de cultura muda totalmente (CLAVAL, 2007, p. 393).

Assim, a mídia passa a ter poder sobre as massas, um poder não instituído legalmente, mas que se dá através da manipulação e convencimento, cabendo aos governos criar instrumentos políticos de preservação do patrimônio cultural dos diversos grupos que compõem uma nação.

Contraponto a capacidade de padronização de produtos e ações, o poder público deve chamar a atenção para a importância das singularidades, criando meios de se preservar as características materiais e imateriais de cada grupo sociocultural, mantendo o vínculo com a sua história e seu lugar. A maneira mais rápida (e nem sempre a mais apropriada) de se justificar a preservação cultural, por vezes é chamar a atenção para as questões econômicas, levando as sociedades e seus governantes a preservarem seu patrimônio com o intuito de torná-lo produto.

Desta forma, o turismo passa a representar uma justificativa econômica para uma postura política em prol da cultura. Segundo Yúdice (2004, p. 14), o “[...] único meio de convencer os líderes governamentais e empresariais de que vale a pena apoiar a atividade cultural é argumentando que ela reduz os conflitos sociais e promove o desenvolvimento econômico”.

Para Moesch (2000, p. 9), o turismo pode ser visto como:

uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações

interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/ subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico.

Neste sentido, o desenvolvimento da atividade turística justifica-se como uma possibilidade de integração social, um instrumento de preservação cultural, ao mesmo tempo em que gera benefícios econômicos para os núcleos receptores, quando corretamente planejada.

[...] é fundamental que aqueles que viajam saibam viajar, afetando ao mínimo os espaços percorridos. Também é fundamental que os que recebem visitantes saibam receber não com subserviência, advinda da força econômica que a atividade turística pode exercer, mas com orgulho de quem sabe quem é e conhece os papéis a desempenhar numa comunidade hospitaleira. Hospitalidade que não deve ser exercida apenas em relação a quem vem de fora, mas também para com os próprios moradores do local, aqueles que são vizinhos de rua ou de outros bairros (GASTAL; MOESCH, 2007, p. 10).

Assim sendo, com o devido planejamento da atividade turística, a mesma pode beneficiar todos os envolvidos nesta relação de fluxos, propiciando, inclusive, do ponto de vista cultural, uma maior valorização do patrimônio por parte da comunidade, uma vez que a mesma percebe os bens que levaram ao deslocamento de turistas tornando-se atrativos culturais. Gastal e Moesch (2007, p. 12) afirmam que “o Turismo se constitui em um fenômeno sociocultural de profundo valor simbólico para sujeitos que o praticam”.

Um segmento do turismo capaz de agregar estas diversas práticas simbólicas é o de eventos. O próprio evento pode se tornar símbolo do patrimônio local, constituído de música, dança, gastronomia e hábitos culturais representativos de lugares. A respeito dos eventos, Melo Neto (2001, p. 53) propõe:

Tal a sua importância no contexto social, cultural, econômico e político da cidade e região e, em alguns casos até mesmo do país, podemos denominá-los de agente do patrimônio histórico-cultural.

Diferentemente dos monumentos e demais equipamentos urbanos, dotados de valor histórico, os eventos representam a memória viva da cidade. São agentes formadores de um novo *ethos* social. Eventos de sucesso criam novos tipos de relações entre as pessoas, novos jargões linguísticos, palavras de ordem, fomentam paixões, desenvolvem hábitos e costumes e definem novos estilos de ser e viver.

Os eventos representam não só um instrumento de preservação do patrimônio cultural e possível atrativo para o turismo, como também um espaço de relacionamento social para a própria comunidade local. Este pode ser criado, inclusive, com o intuito primeiro de reunir a população e, só a partir disso, tornar-se uma possibilidade de preservar o patrimônio e/ou induzir o consumo turístico.

Além da liberação momentânea, as festas apresentam um caráter ideológico uma vez que comemorar é, antes de tudo, conservar algo que ficou na memória coletiva. A dramatização dos símbolos e das alegorias no interior da festa tende a justificar ou explicar uma doutrina. Há sempre uma crença a ser defendida. Toda festa tem uma longa história que aponta uma enorme quantidade de interesses espirituais e materiais, constantemente alterados no decorrer de sua existência (MOURA, 2001, p. 38).

Os eventos, seja em seu formato “festa” ou não, são capazes de retomar a história local, fazendo com que novas gerações percebam as raízes de sua cultura. Mas, também pode se tratar de “tradições inventadas” e mexer com o imaginário de seus participantes a respeito do patrimônio cultural local.

Neste sentido, seus efeitos vão além da abrangência social, como destaca Barretto Filho (2001, p. 65):

A realização de eventos não é algo novo no imaginário social e no inconsciente coletivo. O que de fato é novo é a importância do evento no contexto sociopolítico-cultural-econômico da cidade e da região. O que torna o evento um agente do patrimônio histórico-cultural.

Tal categorização faz do evento muito mais do que um simples acontecimento, mais (sic) algo de fundamental importância para a definição do estilo do povo e da identidade da própria cidade onde ele se realiza.

O que pode diferenciar a realização de eventos dos demais símbolos culturais é justamente a capacidade que estes têm de reunir pessoas, permitir a sociabilização, seja de comunidade local e visitantes, ou apenas dentro do próprio grupo social.

Há muitos artefatos e manifestações culturais que constituem formas simbólicas ou que apresentam significados culturais: uma ponte, uma habitação, vestimentas, danças, festas, costumes, alimentação etc. No entanto, há certos elementos que adquirem um valor especial e que constituem uma referência simbólica para determinada cultura (DIAS, 2006, p. 77).

As festas são eventos comemorativos, geralmente marcados por uma postura descompromissada, alegre e de liberdade de seus participantes. Podem ter caráter popular, com iniciativa do próprio grupo social ou ter a realização a cargo dos gestores públicos, com o objetivo de celebrar uma data ou acontecimento:

A festa marca uma ruptura coletiva e particularmente clara e significativa no desenvolvimento ordinário dos dias. [...] Mais importante ainda são as festas que marcam os tempos da vida coletiva, religiosa ou cívica. Elas são organizadas em datas fixas que correspondem frequentemente aos grandes momentos dos ciclos cósmicos e aos acontecimentos maiores da vida da cidade.

As festas manifestam-se por procissões, danças, música, espetáculos. Cada um é por sua vez ator e espectador e vive um momento de intensa emoção, de comunhão e de evasão (CLAVAL, 2007, p. 131).

Assim, pode-se dizer que o próprio grupo social envolvido, presente nas festas, pode assumir simultaneamente o papel de público e de atrativo, permitindo trocas socioculturais.

Contudo, quando o evento de caráter cultural é criado com o objetivo principal de gerar fluxo turístico, pode se desenvolver uma atividade sem caráter simbólico, uma vez que o patrimônio nem sempre é apropriado por todo o núcleo receptivo, configurando o espaço dedicado à sua realização como um cenário, sem o envolvimento da população. Assim, os referenciais podem representar a história local, mas perdem seu significado sociocultural.

Esta perda acontece quando há um planejamento que tenha foco principalmente na questão econômica, não abrangendo todos os fatores e atores envolvidos na atividade turística. Claval (2007, p. 176) propõe, para um contexto global, que:

As relações puramente pessoais, que nascem da vida cotidiana ou por ocasião de deslocamentos de lazer diminuem; o desenvolvimento do turismo internacional tem tendência a reduzir o efeito de ruptura neste domínio, mas menos do que se diz frequentemente: os viajantes são geralmente enquadrados e frequentemente alocados em áreas especializadas limitadas ou em certos bairros profissionais de contato; os visitantes ignoram, assim, quase tudo da vida real da maior parte da população.

Neste sentido, não há dúvidas de que a promoção de eventos transforma o(s) espaço(s) onde estes se realizam, bem como o seu entorno, podendo gerar

benefícios ou impactos negativos, sejam estes de ordem física/ambiental, política ou sociocultural:

[...] a massificação dos eventos pode trazer consequências de diversas ordens, tais como: a perturbação da ordem pública; a saturação de espaços físicos; a falta de respeitabilidade para com edificações ou logradouros públicos ou de interesse de preservação; choques culturais e de costumes em função de comportamentos inadequados ou exóticos; incorporação de elementos visuais ou de impacto, entre outros (BAHL, 2004, p. 42).

Assim, o patrimônio cultural pode ser deixado em segundo plano, acarretando, inclusive, na sua degradação por meio da visitação descontrolada dos bens materiais ou pela desvalorização dos aspectos imateriais do grupo cultural local. Dessa forma, o atrativo cultural é posto em segundo plano em detrimento da realização da festa como produto de trocas econômicas e sociais.

A este respeito, Melo Neto (2001, p. 55) propõe que:

Os eventos são valorizados como fatos e acontecimentos e não como manifestações culturais. [...] é a dimensão do entretenimento que se sobrepõe à dimensão cultural. Pois é como ação de entretenimento que o evento é valorizado pela mídia e pelo público em geral. [...] produções de agrado fácil, em especial de riso fácil. O objetivo é atrair o público, divertir as pessoas e nada mais.

O evento (ou a festa) torna-se, então, produto para o consumo de massa. A projeção que grandes e megaeventos ganham na mídia, pode ser revertida em benefício dos grupos sociais locais, uma vez que projete seu patrimônio e que haja um controle por parte de seus gestores da atividade turística local, no sentido de não comprometer o espaço de realização e abrangência dos mesmos.

Diversas festas tornam-se os próprios símbolos de suas cidades ou lugares de realização. No Brasil, pode-se citar: as Festas Juninas do Nordeste, a Festa do Boi de Parintins, as Oktoberfests de Santa Catarina, o Carnaval do Rio de Janeiro, entre outras. Uma vez que a imagem local torna-se muito atrelada ao evento, é importante um planejamento constante das atividades que o envolvem, no sentido de minimizar impactos e potencializar benefícios para os grupos socioculturais locais.

De maneira geral, os efeitos econômicos são os mais rapidamente sentidos, o que acaba por encobrir consequências sociais e culturais da sua realização. É o caso de Barretos que, com seus 57 anos de realização de Festa do Peão Boiadeiro,

tem sua imagem projetada internacionalmente como “Capital do Rodeio” no Brasil e recebe anualmente centenas de milhares de visitantes em 11 dias de evento.

Esta festa é, sem dúvida, importante fonte de renda para o turismo regional, mas produz impactos nem sempre percebidos na sua cobertura de mídia, que acaba por deixar como coadjuvante referenciais da cultura local, bem como sua história de Capital do Boi. O que se assiste é uma padronização de sua produção e das formas internacionais de consumo.

A festa assume hoje uma cultura de massa, que procura imitar o que lhe é “superior”, ou seja, a cultura *country*. O evento, que teve um caráter cultural quando foi criado, tem hoje como principal objetivo gerar fluxo turístico, com os responsáveis esquecendo-se de seu valor simbólico. Assim, embora alguns referenciais da festa ainda representem a história local, foi se perdendo seu significado sociocultural.

É possível, entretanto, reverter esta situação, enfatizando seu papel de encontro de culturas, no qual a cultura “de raiz” assume seu papel de anfitriã, recebendo a cultura *country* e outras manifestações no “seu espaço”: a Festa do Peão Boiadeiro de Barretos. Neste sentido, a cultura “de raiz” em Barretos representa um grande potencial que deve ser melhor empregado junto a esta tradicional festa.

CAPÍTULO II – BARRETOS COMO “CAPITAL DO BOI”: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-REGIONAL

Barretos é sede de uma região administrativa no estado de São Paulo desde 1983, mas devido à sua inserção histórica na região de Ribeirão Preto e à proximidade com a região de São José do Rio Preto, possui uma forte ligação com ambas, bem como com o oeste paulista. Todo o noroeste do estado apresenta fases históricas semelhantes.

Neste capítulo buscou-se apresentar uma contextualização histórica de Barretos e da região onde está inserida. A cidade de Barretos ao longo da sua trajetória foi adquirindo diferentes funções dentro da rede urbano-regional que integra. A dinâmica funcional da cidade diante das transformações no espaço regional é analisada aqui para diferentes momentos, desde a fase de sua articulação regional com a Estrada Boiadeira, até a fase de integração ao sistema ferroviário. Todo este processo culmina com a consolidação de Barretos como “Capital do Boi” no noroeste de São Paulo.

Desta forma, diante desta contextualização histórico-regional, torna-se possível avaliar até que ponto a Festa do Peão Boiadeiro, no seu surgimento, se vincula às raízes histórico-culturais regionais. Sabe-se que as tradições são acompanhadas por mudanças sociais que geram, segundo Hobsbawm e Ranger (1997, p. 10), certo “comprometimento formal com o passado”, assim, busca-se entender se a festa foi concebida como uma forma de resistência, buscando uma continuidade histórico-regional vinculada à pecuária.

2.1 OS PRIMÓRDIOS DO MUNICÍPIO E SUA REGIÃO

O município de Barretos foi criado a partir da doação de terras, em 1854, das fazendas Monte Alegre e Fortaleza de propriedade das famílias de Simão Antônio Marques e Francisco José Barreto, respectivamente (ROCHA, 1954). Segundo o autor, nestas terras estava a “... capela ao Divino Espírito Santo, o tôsko (sic) templozinho que levantaram dois anos depois no lugar onde se ergue hoje o prédio da Associação Rural do Vale do Rio Grande” (1954, p. 7).

Rocha (1954, p.13) refere-se a estas terras como “Sertões de S. Bento” e destaca que “desde 1790 amiudavam-se nessa região, explorada por Pedro José

Neto, as aquisições de posses e sesmarias”, tendo esta região muito provavelmente pertencido à sesmaria “do Ouro”. Contudo, Teodózio (2008, p. 27) comenta que a região de São José do Rio Preto foi ocupada por migrantes mineiros, atraídos pela abundância de terras devolutas.

O povoamento da região começou por volta de 1831, segundo Rocha (1954, p. 7), “com a edificação de algumas choças⁸ cobertas de capim do brejo ou sapé em torno da sede de Chico Barreto, apossante (sic) da Fortaleza” (Figura 3). A família proprietária desta fazenda dá nome à cidade.

Figura 3 – Habitação de pau-a-pique típica dos pioneiros do Noroeste paulista – Primeira metade do Século XIX



Fonte: Acervo do Museu Marechal Rondon de Araçatuba/SP⁹

A obra de Osório Rocha (1954) é a mais antiga encontrada que trata especificamente da história de Barretos. Ela foi baseada em jornais, entrevistas e documentos, conseguidos através de buscas em cartórios e em arquivos públicos e particulares, do século XIX e primeiras décadas do século XX. No entanto, o autor não cita a presença de índios ou resquícios de sua cultura, tratando deste espaço como “mata fechada” até a chegada de posseiros.

Sobre as ocupações anteriores à de Francisco José Barreto, bem como sobre a sua chegada à região, não existem consensos. Ao que indicam

⁸ Choça: choupana; habitação rústica, humilde.

⁹ Disponível em: http://3.bp.blogspot.com/_YLTwGO3hmpo/SC251mZJP5I/AAAAAAAAAcY/s3FC3-j68-w/s1600-h/POSSEIROS1.JPG

bibliografias¹⁰ pertinentes ao Brasil pré-colonial, a região onde se localiza Barretos foi ocupada por índios caingangues (ou *kaingang*), da família dos Jê.

Os índios presentes no estado de São Paulo, assim como os das demais unidades federativas:

passaram a ser alvo de ataques violentos, chegando a ser atacados e assassinados em massa. Por um longo tempo, o governo brasileiro não tomou nenhuma atitude em relação a essa região, muito pelo contrário, os seus próprios funcionários incentivavam o extermínio destes povos 'que em nada contribuíam para o progresso do país'. Não só em São Paulo, mas em várias outras regiões do país, os povos indígenas sofriam com a expansão capitalista sobre as suas terras, acompanhada de uma longa agonia que ocupou os grandes congressos e encontros científicos na primeira década do século passado, a ponto de o governo federal criar o Serviço de Proteção aos Índios (o extinto SPI), em 1910 (CRUZ, 2011, p. 3).

Assim sendo, colonizadores acabaram por confinar os povos indígenas em pequenas reservas, em benefício da expansão capitalista, seja na exploração de recursos ou no traçado de estradas e ferrovias para escoar riquezas nacionais até os portos, para exportação para a Europa, prosseguindo com a “marcha para o desenvolvimento” (CRUZ, 2011, p. 3).

No início do século XX o governo imperial passou a incentivar o desbravamento das terras interioranas em todo o país, especialmente no interior paulista (GHIRARDELLO, 2002). Segundo este autor, as chamadas terras do sertão de Rio Preto passaram a ser tomadas por expedições colonizadoras que, para apossar-se das terras, destruíam os aldeamentos caingangues (2002, p. 102).

Nenhuma tribo indígena foi preservada na região norte do estado de São Paulo. Embora não tenham tomado posse das terras do interior paulista, a passagem dos bandeirantes pode ter sido decisiva para a ausência de índios e a presença de mata no interior paulista, quando da chegada de posseiros vindos do sul e triângulo mineiro (ROCHA, 1954, p. 45, e NARDOQUE, 2007, p. 39).

Os bandeirantes chegaram a adentrar a região nos séculos XVII e XVIII, em busca de índios para vender como escravos, mas não fixaram residência (LEONÍDIO, 2009). Segundo o autor, “em meados do século XIX, a última vila da Província de São Paulo era Botucatu. Daí para o oeste, o território era desconhecido” (2009, p. 37).

¹⁰ Fonte: http://www.suapesquisa.com/musicacultura/povos_indigenas.htm

A ocupação do oeste e de parte do norte paulista deu-se por famílias vindas de Minas Gerais, em busca de terras para a agricultura, bem como para a expansão das atividades de criação de gado, já que a mineração encontrava-se em decadência (NARDOQUE, 2007). Segundo o autor, a posse dessas terras resultou da expansão do Triângulo Mineiro, região pertencente a Goiás até a primeira metade do século XIX, e também “por precursores ou a frente de expansão”, indicando a entrada de “pioneiros” de Uberaba e Frutal com destino a Barretos (2007, p. 39).

Com o objetivo de por fim às formas tradicionais de adquirir terras, com doações reais e posses, beneficiadas pela extinção do regime de sesmarias em 1822, foi decretada no Brasil a Lei de Terras, em 1850, que proibia a aquisição de terras públicas por qualquer outro meio que não fosse a compra. Contudo, no interior paulista, “o costume teve mais força que a lei, a qual ficou letra morta” (COBRA, 1923, p. 11, *apud* LEONÍDIO, 2009, p. 38), dando sequência a operações ilegais como ocupação de terras e falsificação de títulos de propriedade. Nardoque (2007, p. 40) afirma que esses posseiros “não tinham noção jurídica da propriedade da terra” que, quase sempre, era determinada nas paróquias.

Sobre a história da ocupação de Francisco José Barreto existem versões contraditórias. Uma hipótese foi divulgada no jornal ‘O Sertanejo’, em 31 de março de 1900, numa publicação do Coronel Jesuíno da Silva Melo, agrimensor residente em Barretos neste ano, primeiro a tratar da história barretense no texto “Tradições de Barretos”, baseado em informações de alguns fazendeiros, clientes e amigos (ROCHA, 1954, p. 15).

Segundo Rocha (1954, p. 15), para o coronel Jesuíno, Francisco Barreto:

[...] acompanhado do irmão José (ou Antônio), durante algum tempo auxiliou nos serviços de picadas, outros sertanistas, notadamente o alferes João José de Carvalho, já então dono da fazenda Palmeiras; depois fora agregado do tenente (ou capitão) Francisco Antônio Diniz Junqueira, na fazenda S. Inácio, local recentemente denominado Capoeira do Barreto.

Francisco Barreto, conhecido também como Chico Barreto, a mando de Francisco Antônio Diniz Junqueira, a quem acompanhara do Sul de Minas como um dos capatazes de sua comitiva, tomou posse das terras e assentou-se à beira do ribeirão das Pitangueiras, no lugar chamado Fazendinha. O tenente Junqueira, que já havia tomado posse da barra do córrego Pitangueiras, autorizou Chico Barreto a seguir em direção às cabeceiras daquele ribeirão e que, de certa distância que lhe

determinou para cima, “tomasse posse das terras que encontrasse para si” (ROCHA, 1954, p. 15-16). Para o mesmo autor, Francisco Barreto, a esposa e irmão seriam naturais de Carmo dos Tocos/MG.

No entanto, ainda segundo Rocha (1954), a família divergia de tal versão, afirmando que Chico Barreto jamais foi empregado ou agregado, pois possuía recursos próprios. “Não fôra trazido, mas viera por si mesmo, apenas com a mulher, uma irmã e sobrinhos” (1954, p. 16), de onde hoje é Caldas e não de Carmo dos Tocos. Supõe-se que a esposa, Ana Rosa de Jesus, fosse irmã de Simão Antônio Marques, dono da fazenda Monte Alegre, de onde veio parte da doação para a capela do Divino Espírito Santo, que deu origem à cidade. “O certo é que Francisco José Barreto teve renome e certa projeção no cenário sertanejo” (1954, p.16).

Costa (2011, s.p.) afirma que “o município de Barretos foi uma das primeiras áreas a ser ocupada na porção do território paulista delimitada pelos rios Pardo, Turvo e Grande”. O autor sustenta, também, a ocupação das terras dada por mineiros, durante o século XIX. Segundo ele, “em 1831, os irmãos Francisco José Barreto e Antonio Barreto, que eram capatazes de prósperos fazendeiros mineiros, juntamente com suas famílias, procedentes das proximidades de Poços de Caldas (MG), chegaram à região” (2011, s.p.), recebendo glebas de terras como pagamento por serviços prestados a seus patrões. Eles “organizaram as fazendas Fortaleza, Monte Alegre e Posse Seca todas às margens do córrego Pitangueiras” (2011, s.p.).

Independentemente da origem de seus posseiros e de como se deu a tomada do patrimônio, era costume na época a doação de terras para templos aos santos de quem eram devotos, como forma de agradecimento por graças obtidas. Assim, Chico Barreto e Simão Librina¹¹ determinaram que parte de suas propriedades seriam destinadas ao “Patrimônio do Espírito Santo” (ROCHA, 1954, p. 7).

Francisco José Barreto faleceu em 1848, antes que sua determinação de doação fosse “legalizada”. Segundo Rocha (1954, p. 42), ainda assim:

No dia 25 de agosto de 1854 os Barretos que foi possível reunir, descendentes do apossante da Fortaleza, seus genros e noras,

¹¹ O apelido dado a Simão Antônio Marques, que se tornou sobrenome da família, veio da resposta de seu pai a um sacerdote que lhe perguntou por que havia crescido tanto: “- O que me fez deste porte, Siô Padre, foi a librina da madrugada. Sempre fui homem dos que entram na labuta á (sic) hora em que os galos prispria (sic) a amiudar...” (ROCHA, 1954, p. 30). Librina refere-se à neblina, chuveiro.

resolveram finalmente realizar o desejo em vida manifestado pelo patriarca da família, de fazer a doação de uma parte de suas terras ao Divino Espírito Santo, ao qual seria nelas edificada uma capelinha. Debatido o assunto, assentaram que seriam 62 alqueires. Simão Antônio Marques e os seus, aderindo aos santos propósitos dos vizinhos, parentes e amigos, ofereceram a contribuição de mais 20 alqueires, das terras de Monte Alegre.

Ainda hoje o aniversário da cidade é comemorado no dia 25 de agosto¹². No entanto, “a posse da fazenda Fortaleza ou Barretos só foi registrada nos assentos do capelão Justino Ferreira da Rocha, em Jabuticabal, a 10 de abril e 29 de maio de 1856, por José Antônio Barreto, genro, e José Francisco Barreto, filho do apossante” (ROCHA, 1954, p. 28).

Nesta ocasião, foram feitos quase todos os registros de terras de posseiros da região do Vale do Rio Grande, do lado paulista, quando já era vigente a Lei Imperial de Terras (ROCHA, 1954, p. 28). Até então a doação era um ato precipitado, visto que, formalmente, ainda não eram donos daquilo que doavam, nem em face da lei ou das regras da “Santa Madre Igreja”.

Assim, segundo o Jornal de Barretos, caderno Regional, de 2011:

A mesma área já vinha servindo como referência e pousada de viajantes, particularmente comerciantes das mais diversas e distantes localidades. A delimitação motivou a construção, logo a seguir, da primeira Capela e as primeiras casas começaram a surgir ao longo da atual rua 14. A Paróquia da época organizou a divisão do “Patrimônio” em quadras e datas, formando, assim, uma “primeira planta da cidade”¹³.

Assim, o povoado foi paulatinamente desenvolvendo-se. “As gentes do sertão, referindo-se às terras ‘dos Barretos’, depois do arraial ‘dos Barretos’, foram deixando em esquecimento o nome de Fortaleza” (ROCHA, 1854, p. 27). Da mesma forma, caiu no esquecimento o nome da Monte Alegre, fazenda que teve parte doada por Simão Librina para a construção do Patrimônio do Espírito Santo.

O cenário regional onde surge a cidade de Barretos é, portanto, o de grandes fazendas obtidas através da concessão imperial de Sesmarias, anteriormente à Lei de Terras de 1850. Esta região era primordialmente ocupada pelos índios Kaingang, que como nômades deixaram a região ou dela foram expulsos. Os donos das fazendas provinham das Minas Gerais em função do declínio das atividades com o ouro naquela região e tinham o intuito de ali

¹² Ver convite da Prefeitura Municipal no Anexo A.

¹³ HISTÓRIA de Barretos. Jornal de Barretos Regional, 25 de agosto de 2011, p. 15.

desenvolverem a mineração, a agricultura e a pecuária. Nas fazendas Monte Alegre e Fortaleza, de propriedade das famílias de Simão Antônio Marques e Francisco José Barreto, vai se erigir em 1856 a Capela do Divino Espírito Santo, ao redor da qual se origina um pequeno povoado de mesmo nome. A tal designação vai sendo gradativamente incorporada à denominação de Barretos em alusão ao fazendeiro pioneiro.

2.2 A ESTRADA BOIADEIRA COMO ELEMENTO ARTICULADOR REGIONAL

Na segunda metade do século XIX Barretos foi adquirindo localização privilegiada pela passagem de “tropas com fardos, carros de bois na odisséia do transporte do sal, sob a chuva, através dos atoleiros, para fazendas distantes. Únicos derivativos¹⁴ [eram] a caça, a pescaria, o catira¹⁵, á viola (sic), as bestialidades da natureza” (ROCHA, 1954, p. 43). “A densa mata que o circundava [a localidade] exigia sacrifícios sobre-humanos para ser removida”¹⁶.

Em 1860 não havia higiene e lazer nem mesmo para os mais abastados. Para se ter uma ideia de quão escassos eram os recursos e das dificuldades de acesso a produtos e serviços dos maiores centros urbanos, nos primeiros anos de povoado, os barretenses tinham que ir buscar suas correspondências em Araraquara. Araraquara era uma vila de uns 5 mil habitantes, na época, a mais de 150 km de Barretos (ROCHA, 1954, p. 42-43). Segundo o mesmo autor, “em 1868 ainda pediam ao governo que fizessem o Correio chegar, ao menos, a Jabuticabal” (1954, p. 42), que distava quase 100 km de Barretos.

Em função desta dificuldade de acesso, a região esteve atrelada à expressão “sertanejo”, apontando sua localização no sertão, no sentido de lugar que fica longe de grandes centros e onde os recursos são precários. A noção conceitual de sertão, todavia, é ampla e varia no tempo e no espaço. Em determinado momento histórico, o termo passou a ser empregado genericamente como um contraponto à civilização portuguesa, configurando, portanto, uma expressão cultural

¹⁴ Derivativo: Ocupação que serve para distrair o espírito e afastar ou evitar ideia, assunto, problema ou trabalho desagradáveis.

¹⁵ Trata-se de dança de origem ameríndia, que consiste em cantos, sapateados e palmas ao som da viola.

¹⁶ HISTÓRIA de Barretos. Jornal de Barretos Regional, 25 de agosto de 2011, p. 15.

e ideológica que reforçava o distanciamento entre o “civilizado” e o “selvagem” (LIMA, 1996, s.p.).

Para ilustrar as dificuldades desses sertanejos que desbravaram o interior paulista, até mesmo no deslocamento, Rocha (1954) narra uma viagem de “Ferreirinha” e sua família, residentes em Barretos, até Frutal, em Minas Gerais (a 78 km), em carro de boi contratado, levando entre 3 e 4 dias para chegar. No caminho iam pousando nas fazendas, “saboreando alguns pratos de leite gordo” (1954, p. 125).

Por todas as dificuldades de acesso, comunicação e área envolta por matas fechadas, Barretos abrigou alguns homens fugitivos da Guerra do Paraguai¹⁷, que preferiram correr os riscos da vida no sertão a sujeitar-se ao alistamento militar (ALMEIDA, 2008). Por esse conflito, o país teve, na década de 1870, que se recuperar das perdas na luta contra o país vizinho.

Segundo Rocha (1954), em Barretos, na mesma década, abrem-se vendas e lojas e dão-se os registros de posses de antigas fazendas, já que a região se tornava, cada vez mais, ponto de pouso e caminho de passagem de outros sertanejos. “Aí os primitivos sertanistas davam poisada (sic) a tropeiros e carreiros que passavam rumo a S. João do Rio Claro e S. Bento de Araraquara” (1954, p. 135).

A criação de gado em Minas Gerais e no sul de Mato Grosso forçou o estabelecimento de uma ligação entre Sant’Ana do Paranaíba e a região em desbravamento no interior paulista¹⁸. Esta ligação ficou conhecida como Estrada Boiadeira (Figura 4). Atravessando o rio Paraná, a Estrada Boiadeira ligava o atual Mato Grosso do Sul à região de Barretos, orientando-se pelo curso do rio São José dos Dourados. Ela servia para conduzir as tropas e o gado a São José do Rio Preto e, daí atingir Barretos, forte entreposto de comercialização, reduzindo o trajeto até então utilizado¹⁹.

¹⁷ A **Guerra do Paraguai** foi o maior conflito armado internacional travado entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, composta por Brasil, Argentina e Uruguai. A guerra estendeu-se de dezembro de 1864 a março de 1870. Os desentendimentos, acirrados pela luta por poder e disputa de fronteiras, deixaram o Paraguai derrotado.

¹⁸ Fonte: <http://www.fernandopolis.sp.gov.br/Portal/Principal.asp?ID=1>

¹⁹ Idem.

Figura 4 – Estrada Boiadeira que ligava Mato Grosso a Barretos – Segunda metade do Século XIX



Fonte: Evandro Ferreira, disponível em <http://br.geocities.com/estradaBoiadeiraDotaboado>.
Adaptação da autora

A Estrada Boiadeira cortava fazendas, como as dos Barretos, e ficou sendo a via de acesso para os sertanejos vencerem as inóspitas florestas, plantarem as cidades e povoarem a região, facilitando as relações comerciais entre Mato Grosso, São Paulo e Minas Gerais (ALMEIDA, 2008). Ainda segundo o autor, parte dos trabalhadores empregados no deslocamento do gado não retornava, pereciam no trajeto, vítimas de acidentes e doenças que os impediam de voltar ao lar. Alguns deles eram sepultados ali mesmo, às margens da estrada (ALMEIDA, 2008).

No mesmo ano de 1870, Barretos foi marcada por um acidente natural histórico, que “alterou substancialmente as condições de ocupação e desenvolvimento da região”²⁰. Durante rigoroso inverno, em junho, uma geada transformou a região do Vale do Rio Grande, contribuindo para a destruição das matas:

Com efeito, o fogo conseqüente (sic), que ninguém conseguiu extinguir, abriu clareiras e também facilitou a penetração dos sertanistas e lavradores em sítios antes impérvios ou de difícil acesso. Possivelmente o formidável incêndio terá causado muitos danos, sobretudo pela destruição

²⁰ HISTÓRIA de Barretos. Jornal de Barretos Regional, 25 de agosto de 2011, p. 15.

de preciosos espécimes de flora. Os memoriais dos agrimensores de algumas divisões mostram que os freqüentes incêndios das matas reduziram para metade as terras de boas culturas (ROCHA, 1954, p. 45).

Esses incêndios só cessaram ao atingirem as margens do Rio Grande. Embora tenha atingido região remota, de difícil acesso, a geada de 1870 do interior paulista chegou a abalar a venda de café na “praça de Nova York” (ROCHA, 1954, p. 46), subindo consideravelmente seu preço. O café viria a se tornar um importante produto de exportação e reafirmar a amplitude de mercado dos agricultores paulistas.

Se algo pôde se tirar de bom frente às dificuldades, com a geada e os incêndios, foi que, com “a chegada das chuvas, no lugar da antiga floresta surgiu uma rica e natural pastagem que criou condições adequadas para a criação e engorda de gado”²¹. Esse incidente contribuiu para que a pecuária progredisse rapidamente na região.

Os campos de pastagem e a construção da estrada de ferro de Jundiaí a Campinas, iniciada em 1861, levaram o interior paulista a uma nova fase (ROCHA, 1954, p. 44). Houve o fomento da atividade pecuária, do comércio de boiadas vindas dos estados do Mato Grosso e Goiás para feiras em Sorocaba, Jaboticabal, Rio Claro e Araraquara (Figura 5).

Figura 5 – Transporte de Boiada de Goiás - 1907



Fonte: SILVA, 1907²²

²¹ HISTÓRIA de Barretos. Jornal de Barretos Regional, 25 de agosto de 2011, p. 15.

²² <http://peregrinacultural.files.wordpress.com/2010/06/dsc08485.jpg>

Sorocaba também era o extremo de outro caminho de tropas, ainda mais antigo, vindo de Viamão (RS). Assim como se desenvolveu Barretos, diversas cidades surgiram pela passagem de tropeiros em rota oposta, notadamente pela Estrada Boiadeira Sorocaba-Viamão, nos Campos Gerais do Paraná, por exemplo, uma vez que as tropas e boiadeiros precisavam de repouso (SUPRINYAK, 2008).

Segundo Rocha (1954):

No interior, nenhuma cidade poderia competir com Sorocaba, com a sua movimentada feira de muars. Há 100 anos [1854], havia ali 31.590 mulas, 3.025 cavalos e 210 éguas registrados [...]. [...] a cidade muitíssimo se beneficiava com isso durante os três meses de feira. Todos ganhavam: os hotéis e ranchos, os seleiros, doceiras, vendedores ambulantes, etc.. (ROCHA, 1954, p. 42).

Como caminho para novos centros comerciais, Barretos também prosperou. Segundo Rocha (1954), em 1874, a capela foi elevada à Freguesia, sob a jurisdição de Jabuticabal. A Nova Paróquia de Espírito Santo de Barretos foi instituída canonicamente por D. Lino em 1877 (1954, p. 46). Ainda no final do século XIX, Ana Barreto vendeu suas terras herdadas do avô Francisco Barreto para Antônio Alves Pereira (ROCHA, 1954). “Este vendeu a Antônio Modesto Cardozo, durante 5 anos único açougueiro de Barretos. Montou no aqueduto aberto por Barreto seu matadouro e um curtume” (1954, p. 18).

Rocha (1954, p. 155) descreve que, no final do século XIX, “pelas ruas encontrava-se, de vez em quando, um preto; os brancos, raramente”. Em 1885, já em movimentos pela libertação dos escravos, “havia na Província de S. Paulo 172.808 escravos (97.570 homens e 75.238 mulheres)” (1954, p. 107). A abolição da escravatura, em 1888, viria a transformar consideravelmente o interior paulista (TEODÓZIO, 2008, p. 31).

Ainda segundo Rocha (1954), em 1884, o Império registrava 12 milhões de habitantes, dos quais apenas 145 mil eram eleitores, sendo apenas sete deles de Barretos. Em 1885 é criada a Vila de Espírito Santo de Barretos, instalada em 1890, e a “Lei Municipal de 8 de janeiro de 1897 delibera, *quae sera tamen*, conferir-lhe as altas honras de cidade. A Lei nº 1021, de 1906, encurta-lhe o nome para Barretos” (ROCHA, 1954, p. 8).

Barretos em função de sua localização privilegiada ao longo da Estrada Boiadeira transforma-se gradativamente num centro regional. Na década de 1870 abrem-se vendas e lojas na localidade, que vai assumindo cada vez mais o papel de

ponto de pouso e caminho de passagem de tropas. Aos poucos se transforma também num forte entreposto de comercialização de gado, assumindo relações comerciais com Mato Grosso, São Paulo e Minas Gerais. Já em 1874, a capela é elevada à Freguesia, e em 1885 à Vila. Em 1897 lhe é conferida as altas honras de Cidade do Espírito Santo de Barretos. Todavia, é em 1906 que passa a ser denominada apenas como Barretos.

2.3 BARRETOS CONSOLIDA SUA POSIÇÃO DE “CAPITAL DO BOI”

Em 1902, de acordo com Rocha (1954), se inaugura a Linha de Troles²³ entre Barretos e Bebedouro, cidade na qual, no mesmo ano, havia chegado a estrada de ferro Paulista. “Esta é inaugurada em Barretos no dia 25 de maio de 1909, sendo que no dia 29 de dezembro do ano anterior entrara em sua estação a primeira locomotiva, do trem de lastro²⁴”, em fase de testes (1954, p. 8).

Eric Hobsbawm (1977, p. 72), em sua obra *A Era das revoluções*, justificaria que “nenhuma outra inovação da Revolução Industrial incendiou tanto a imaginação quanto a ferrovia, como testemunha o fato de ter sido o único produto da industrialização do século XIX, totalmente absorvido pela imagística da poesia erudita e popular”.

Observa-se, portanto, que este invento nascido no norte da Inglaterra, tornar-se, rapidamente, um símbolo do progresso, da integração, da circulação, enfim, o símbolo das transformações que ocorreram e estavam ocorrendo naquele século na Europa e, posteriormente, na América (MILANI, 2010). Da mesma forma, as linhas férreas chegaram ao Brasil como símbolo de desenvolvimento e, ainda, do poderio que desbravava os “sertões”.

Em Barretos, a inovação permitia não só o escoamento da produção pecuária, mas também oferecia vagões de passageiros àqueles que viam suas terras seguirem, a passos menos lentos, rumo ao desenvolvimento (ROCHA, 1954). E os mesmos vagões que levavam, poderiam trazer novos investidores e produtos,

²³ Trole: carruagem rústica que se usava nas fazendas e nas cidades do interior antes da introdução do automóvel. Pequeno carro descoberto que anda sobre trilho das ferrovias e é movido pelos operários por meio de varas ou paus ferrados.

²⁴ Lastro: Locomotiva empregada nos trabalhos de manobras do material rodante das estradas de ferro.

alimentar as trocas com os grandes centros e movimentar as negociações de suas terras e produções²⁵.

Barretos oferecia, cada vez mais, serviços de pouso:

Na Rua 22 (Tiradentes) havia uma casa (à esquina da Av. 17) dividida em quartos com entradas independentes, em que João Crósio outrora dava pousada a boiadeiros, e também casinhas esparsas, no bairro do Outro Mundo (Fortaleza) e nos altos da saída para Laranjeiras (Rancharia) (ROCHA, 1954, p. 264).

Nos primeiros anos do século XX, com a ferrovia e a Lei Áurea, símbolos do desenvolvimento, além de hospedarias e comércio, começam a surgir os primeiros representantes da imprensa local (ROCHA, 1954). Segundo o autor, eram mídias impressas, sendo que o primeiro jornal diário, o Correio de Barretos, foi criado em 1906. Posteriormente, esses veículos seriam canais de discussão política na cidade e teriam artigos publicados nas cidades do Rio e São Paulo, contando ao Brasil a história de Barretos (1954, p. 216).

Esses anos foram marcantes para a história barretense, embora Rocha (1954) afirme que em 1903 a cidade ainda tivesse aspecto “tipicamente sertanejo”, sem linha ferroviária (que só viria a chegar em 1909), sem luz elétrica, nem água encanada, “só muito gravatá²⁶” (1954, p. 243).

No período de 1891 a 1901, “os preços barretenses eram mais elevados do que em qualquer outro lugar, talvez devido a dificuldades do transporte das mercadorias, vinda do Pontal ou de Jabuticabal em carros de bois” (ROCHA, 1954, p. 123). As boiadas que vinham do Centro-Oeste ou de Minas Gerais atravessavam o Rio Grande a nado ou por um tipo de balsa (COSTA, 2011). Conduzir gado entre fazendas tornara-se profissão, assim como o serviço de picadas.

Parte do interior paulista ainda figurava como “zona desconhecida” em mapas. Em 1902, todavia, a Câmara Federal autoriza a construção de ponte sobre o Rio Grande. Em 1905, o primeiro barco a vapor atravessa o porto a que se dá o nome de Antônio Prado (linha fluvial Pontal – Rio Grande), onde encontra-se atualmente a cidade de Colômbia (ROCHA, 1954, p. 232-235). “Antes, os matogrossenses só podiam ir a S. Paulo ou ao Rio pelo Paraguai ou por Uberaba,

²⁵ HISTÓRIA de Barretos. Jornal de Barretos Regional, 25 de agosto de 2011, p. 15.

²⁶ Gravatá: designação comum às plantas pertencentes a vários gêneros de plantas epífitas e terrestres da família das bromeliáceas.

tinham de percorrer mais de 200 léguas para alcançar estrada de ferro” (p. 236). As estradas de trem viriam a facilitar esse caminho no final da década de 1900.

Essa década também foi marcada pela adaptação da mão de obra no campo, uma vez que as leis de liberdade aos negros escravizados deixaram muitos fazendeiros sem trabalhadores suficientes em suas lavouras. Neste sentido, os fazendeiros pecuaristas eram privilegiados, uma vez que a criação de animais é o trabalho rural que exige menor número de funcionários.

Schlesinger (2010, p. 4) destaca que a pecuária foi uma opção de substituição “às atividades agrícolas em terras cansadas, onde os rendimentos se tornaram baixos. Ela demanda mão de obra menos numerosa e pode se instalar em solos de baixa fertilidade e com custo reduzido (média de um emprego a cada 500 hectares)”.

Do ponto de vista do lazer em Barretos, “a vida da mocidade barretense era já bem divertida, nesses recuados tempos [1908]. Não havia na cidadezinha um teatro, mas vinham sempre circos eqüestres (sic) e de touros, além de outras emprêsas (sic) de espetáculos [...]” (ROCHA, 1954, p. 267), que passavam meses na cidade.

As atividades de lazer cresciam em Barretos:

Por essa ocasião os barretenses gostavam pois, mais de divertimento que de trabalhar [...]. Freqüentemente (sic) os violeiros e a moçada das redondezas faziam farras e serenatas ou procuravam a companhia de mulheres erradas [...], dançavam, cantavam e bebiam alegre (sic) [...]. Viajantes vindos dos portos ou das bandas de Jabuticabal, já do alto dos morros, ouviam sanfonas, violas e vozes plangentes interrompidas pelos sapateados e palmas do cateretê (ROCHA, 1954, p. 138).

Em 1909 funda-se o Grêmio Literário e Recreativo e, em 1910, o seu cinema, que lotava mesmo com alguns desarranjos no maquinário (ROCHA, 1954). Em 1912, é inaugurado o teatro Aurora, onde se apresentou Césare Gravina, tornando-se posteriormente famoso cômico em Hollywood (1954, p. 9).

O cinema tornou-se um entretenimento inovador, não só pelos filmes que lotavam plateias, mas principalmente pelo detalhe de que 1909 era o primeiro ano de fornecimento de luz na cidade (ROCHA, 1954). Apenas em julho daquele ano fora autorizado o empréstimo para execução de serviços de água, esgoto e sarjeteamento, iniciando o abastecimento de água potável a partir de janeiro de 1910 (1954, p. 9).

Em outubro de 1909 foi concedido à Cia Paulista de Vias Férreas e Fluviais o uso e gôzo, por 40 anos, de grande matadouro, onde fosse empregado o processo frigorífico, para resfriamento e exploração dos derivados do gado abatido (ROCHA, 1954, p. 200). Viagens eram feitas ao Mato Grosso e Goiás para compra de gado, formando-se uma Aristocracia Rural (1954, p. 272).

O início do século XX é marcado por muitas mudanças, sobretudo, na configuração de sua população:

No início do século passado, importante atividade agrícola veio somar-se à pecuária. A cultura do café atingiu a região. As mudanças vieram acompanhadas de um elemento historicamente ligado ao desenvolvimento do país: o imigrante europeu.

A vinda e instalação dos europeus, particularmente italianos, alteraram o ritmo de desenvolvimento assim como o aspecto e a arquitetura da cidade. Um pouco mais tarde, chegaram os árabes e as atividades econômicas começaram a desenvolver-se também no seu aspecto urbano, unindo o aumento da produção agrícola ao crescente comércio²⁷.

Em Barretos, o italiano Pagani Fioravante construiu o prédio para o primeiro Grupo Escolar e, na mesma época, a Companhia Frigorífica e Pastoril edificou seu matadouro (ROCHA, 1954). Nesse tempo, Barretos ainda era apontada como os “confins do Oeste Paulista onde só há valentões e caipiras” (1954, p. 283).

A cidade, todavia, foi se afirmando como ponto de comércio pecuarista, uma vez que, com a presença de matadouros frigoríficos, era possível preparar, ali mesmo, a carne para venda nos grandes centros brasileiros e no exterior²⁸. Essa atividade foi impulsionada com a presença da ferrovia, que possibilitou o escoamento de cargas em vagões refrigerados até o porto de Santos e outras cidades do Brasil e destas para o mundo²⁹.

Em maio de 1913, “inaugura-se o Matadouro Frigorífico depois transferido sucessivamente à Brazilian Meat e outras empresas e finalmente à Frigorífico Anglo” (ROCHA, 1954, p.9), negociações estas feitas no período de 1913 a 1923. “A Anglo, de propriedade dos ingleses, gerou empregos e crescimento, tanto econômico como

²⁷ HISTÓRIA de Barretos. Jornal de Barretos Regional, 25 de agosto de 2011, p. 15.

²⁸ HISTÓRIA de Barretos. Jornal de Barretos Regional, 25 de agosto de 2011, p. 15.

²⁹ Idem.

populacional, instalando, ao lado de suas dependências industriais, a Vila Operária, um núcleo urbano”³⁰.

Sobre tal frigorífico, Costa (2011, s.p.) escreveu:

Tinha a capacidade para abater 500 cabeças de bovinos por dia. Para propiciar a manutenção deste abate diário, o frigorífico contratou agenciadores de gado em Goiás e no Triângulo Mineiro que adquiriam até gado magro que era engordado nas fazendas que a empresa adquiriu na região para esta finalidade. Começou assim a fama que Barretos ganhou de ser um centro de engorda de bois, que permaneceu até a década de 1950. Em 1914, saiu deste frigorífico a primeira remessa experimental de carne congelada para a Inglaterra. Foi a primeira exportação de carne congelada do Brasil.

O perfil dos trabalhadores na indústria frigorífica de Barretos, fundada num momento de monopolização do mercado de carnes, trouxe técnicas de racionalização tayloristas (ARAÚJO, 2003). Foram impostas novas relações entre empresários e operários, que ocasionaram longas jornadas de trabalho com conseqüente aumento de produtividade e comprometimento das condições e do nível de segurança do trabalho (2003, p. 2).

Em 1916, Barretos já era considerada a “Capital do Boi” (ROCHA, 1954, p. 232). “O Cel. Vicente Macedo enfeixa numa brochura artigos que publicara sobre (sic) o abastecimento de carne pelo sistema de frigoríficos, ‘única solução atualmente praticável para salvar essa indústria (pastoril) em Minas, Goiás e Mato Grosso” (1954, p. 232).

Segundo Costa (2011), além do Frigorífico Anglo, dois outros estabelecimentos foram importantes para a história pecuária de Barretos: a Charqueada Bandeirante e a Charqueada Minerva.

A Charqueada Bandeirante foi fundada em 17 de outubro de 1927, por Geraldo Olivé, que mais tarde vendeu a empresa para uma sociedade que, por sua vez, transferiu o controle da empresa no ano de 1935 para os sócios Antonio Jacinto Júnior e Amadeu Faleiros do Nascimento (COSTA, 2011, s.p.). Segundo o mesmo autor, por dificuldades financeiras parou suas atividades nos anos de 1938 e 1939, sendo depois, no mês de março do ano de 1940, transferida para uma nova sociedade. Em 12 de janeiro de 1943, a empresa passou a denominar-se Matadouro

³⁰ HISTÓRIA de Barretos. Jornal de Barretos Regional, 25 de agosto de 2011, p. 15.

Industrial Bandeirante, permanecendo com a mesma razão social até o encerramento das suas atividades (COSTA, 2011, s.p.).

A Charqueada Minerva foi fundada em 1924 e funcionou até 1925, quando faleceu um de seus dois sócios (COSTA, 2011, s.p.). Segundo este autor, por problemas financeiros, em 1926 a empresa foi levada a leilão, sendo arrematado por dois senhores que adotaram o nome de Charqueada Ede. Em 1949 o estabelecimento foi reformado e ganhou o nome de Matadouro Industrial Minerva³¹, tendo a capacidade de abater 300 cabeças por dia (COSTA, 2011, s.p.).

No ano de 1917, Barretos, com apenas 7 mil habitantes, já abatia, em seu Frigorífico, cerca de 80 mil bois e 6 mil porcos/ano (ROCHA, 1954). Concomitantemente à comercialização pecuária, o município possuía em sua área em torno de 6 milhões de pés de café (1954, p. 286).

Em seu território, entre 1917 e 1925, vão ocorrendo desmembramentos de distritos e de cidades, como Olímpia e Colina, modificando o mapa do interior paulista. Menezes (1985, p. 37) comenta:

Mas, o Município, de extensão a princípio cobrindo grande parte do Norte do Estado e alongando-se ainda pelo sentido Noroeste afora, passou, posteriormente, por sucessivas mutilações em seu território, até chegar à mínima expressão de área que é atualmente.

Neste mesmo período são fundadas em Barretos a Santa Casa, o Hipódromo e a Caixa Econômica anexa à Coletoria Estadual (ROCHA, 1954, p. 10). Essa evolução física-estrutural foi reflexo de um crescimento econômico:

As duas grandes guerras mundiais ocorridas entre 1914 e 1945, marcaram, significativa, a evolução econômica de Barretos com o aumento nas exportações de carnes e enlatados. Naturalmente, os reflexos foram rapidamente sentidos em todos os setores da economia local³².

Em 1929, a economia cafeeira na região foi marcada pela quebra na Bolsa de Valores de Nova York, maior crise econômica já sentida pelos Estados Unidos, país consumidor de produtos agropecuários brasileiros³³. Com os Estados Unidos

³¹ Em 1971 mudou o nome para Frigorífico Minerva, mais tarde, por dificuldades financeiras ficou desativado durante vários anos. Em 1992 foi adquirido pela família Vilela de Queirós, que o transformou em um dos grandes frigoríficos do Brasil (COSTA, 2011, s.p.).

³² HISTÓRIA de Barretos. Jornal de Barretos Regional, 25 de agosto de 2011, p. 15.

³³ Fonte: <http://veja.abril.com.br/historia/crash-bolsa-nova-york/brasil-crise-do-cafe-exportacoes-falencias.shtml>. Acesso em 27/11/11.

passando pela “Grande Depressão”, diminui a importação de café, o que faz baixar drasticamente o preço do produto no Brasil. Com demanda insuficiente, governo e produtores queimaram milhões de sacas de café, com o intuito de evitar a falência de mais produtores nacionais³⁴.

Não bastasse a crise econômica, que só vinha a confirmar o Brasil como fornecedor de produtos basicamente agrícolas no mercado global naquele momento decadente, internamente o cenário político passava por agitações. Os estados de São Paulo e Minas Gerais romperam a aliança política conhecida como café-com-leite³⁵, onde representantes de ambos estados se alternavam no poder, culminando com a Revolução de 1930³⁶ (TEODÓZIO, 2008, p. 31-33).

Segundo Rocha (1954, p. 10), “em 1932, o movimento constitucionalista, com muita repercussão em Barretos, onde se organizam batalhões voluntários, enviados a várias frentes”, tinha os objetivos de derrubar o Governo Provisório de Getúlio Vargas e promulgar nova constituição, objetivos estes não alcançados.

Desde sua origem, as atividades vinculadas ao setor agropecuário sobressaíram-se na economia regional. Após a grande crise mundial de 1929, com a quebra da bolsa de Nova York, segundo Menezes (1985, p. 10), a região de Barretos substituiu paulatinamente a cafeicultura pela diversificação de usos da terra.

Economicamente, já fomos o maior entreposto de gado da América Latina e, depois, quando diminuiu a intensidade da pecuária por aqui, chegamos a ostentar o título de município que contava com a maior quantidade de unidades mecanizadas em sua lavoura, em todo o País (MENEZES, 1985, p. 10).

A cidade de Barretos foi, assim, gradativamente aumentando sua área de influência:

Entre os anos de 40 e 50, o progresso chegou decisivamente nos setores urbanos. Ocorreram a ampliação dos serviços públicos, pavimentações infra-estrutura de saneamento, energia elétrica e telefonia. O comércio local passou à condição de pólo do norte do Estado, Triângulo Mineiro e Sul de

³⁴ Idem.

³⁵ São Paulo representado pelo café (devido à sua grande produção cafeeira) e Minas representado pelo leite (por sua forte economia na pecuária leiteira).

³⁶ A Revolução de 1930 foi o movimento armado, liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com o golpe de Estado que depôs o presidente da república Washington Luís e impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes.

Goiás. Linhas aéreas regulares e pavimentação asfáltica da rodovia de ligação com a capital consolidaram, no final de 50, o espírito desenvolvimentista³⁷.

Ainda assim, em 1953 a população de Barretos situava-se, em sua maioria, no campo, aproximando-se do equilíbrio (COSTA, 2011). Segundo o autor, neste ano a população era de 51.486 habitantes, sendo 48% na zona urbana e 52% na zona rural, estes vivendo à custa de pastos e produção agropecuária.

A primeira metade do século XX é marcada, portanto, pela chegada de inovações no interior paulista, como a estrada de ferro e de vias fluviais, que intensificam a integração e circulação na região, tanto em termos de produção como de pessoas. Neste período, assiste-se também a um processo de modernização na cidade de Barretos, que inaugura uma fase industrial, sobretudo, com a implantação de matadouros frigoríficos, visando o resfriamento e exploração dos derivados do gado abatido. Barretos se transforma na “Capital do Boi”, e passa a abastecer com carne, pelo sistema de frigoríficos, os grandes centros brasileiros e no exterior.

Em termos de lazer, Barretos passa a receber, no início do século XX, circos equestres e de touros, além de outras empresas de espetáculos. Funda-se um Grêmio Literário e Recreativo e inaugura-se seu cinema e teatro. A Festa do Peão Boiadeiro de Barretos tem sua criação, em 1956, remontando as atividades dos sertanejos que percorreriam longas jornadas até a cidade, guiando boiadas e domando cavalos xucros. Desta forma, conclui-se que a festa foi concebida como uma forma de resistência, buscando proporcionar uma continuidade histórico-regional vinculada à pecuária. A festa, todavia, passou por profundas transformações ao longo do tempo, as quais serão foco de aprofundamento no próximo capítulo.

³⁷ HISTÓRIA de Barretos. Jornal de Barretos Regional, 25 de agosto de 2011, p. 15.

CAPÍTULO III – A FESTA DO PEÃO BOIADEIRO DE BARRETOS: TRAJETÓRIA HISTÓRICA E DINÂMICAS CULTURAIS

Como ponto de internada e uma história intimamente ligada à atividade rural, mais especificamente à pecuária, o município de Barretos é marcado por alguns eventos agropecuários. Destes, a Festa do Peão Boiadeiro é o que tem maior amplitude e maior permanência temporal.

Conforme analisado no capítulo anterior, esta festa foi concebida originalmente como uma forma de continuidade histórico-regional vinculada à tradição da pecuária. Para Maffesoli (2007, p. 36) a volta das tradições culturais “[...] traduz a continuidade, a tenacidade de um querer-viver individual e coletivo que não foi totalmente erradicado”.

Ao longo dos anos, entretanto, assiste-se a uma série de transformações neste evento, transformações estas que evidenciam a influência de uma mundialização de valores, exemplo disso foi a crescente *country*ificação da festa. A estrutura de processos como este é analisada por Maffesoli (2007), o qual aponta que os símbolos propostos pelo imaginário social podem vir agregados de valores estabelecidos por fatores sociais, culturais e econômicos, ditados por modelos que são cada vez mais introduzidos pela mídia.

Desta forma, o objetivo do presente capítulo é avaliar o contexto do surgimento de novos elementos à festa, sobretudo os denominados “externos” (sem uma raiz cultural local), e analisar até que ponto esses elementos contribuíram para uma possível descaracterização cultural da festa ou introdução de uma nova dinâmica à mesma. Para tal análise, buscam-se subsídios históricos através de uma (des)construção da festa para diferentes momentos.

A apreensão da festa ao longo de sua trajetória deu-se por meio de fontes secundárias: bibliografia local e debates em *sítes* relacionados ao evento. Tais informações foram complementadas com fontes primárias, sobretudo, entrevistas com pessoas chaves, como Mussa Calil Neto, “Independente” responsável pela transferência da Festa do Peão para um novo espaço (na década de 1980) e vice-prefeito do município na gestão que se encerrou em 2012, bem como com moradores que estiveram presentes nas primeiras edições do evento.

Também foi realizada a observação participante, integrando o espaço da Festa do Peão e circulando pelo município de Barretos durante a realização do evento em 2010 e 2011.

O capítulo organiza-se em quatro tópicos. Primeiramente se apresentam os antecedentes e os primórdios da festa. Num segundo momento é retratada a oficialização do evento e sua repercussão nacional. Passa-se, então, à transformação da festa em evento *country*. Avaliam-se suas transformações em evento grandioso e internacional, bem como sua conseqüente insustentabilidade.

3.1 DE QUERMESSE À FESTA: ANTECEDENTES E PRIMÓRDIOS

Passagem obrigatória dos “Corredores Boiadeiros”, como eram também conhecidas as vias de transporte de gado, “em um sábado de 1947, na quermesse realizada pela Prefeitura Municipal de Barretos, na praça central da cidade, acontece o primeiro rodeio do país, realizado dentro de um cercado com arquibancadas”³⁸.

Barretos é, por isso, conhecida como o berço do rodeio brasileiro³⁹, que se confunde com a história da cidade. O rodeio foi uma maneira dos peões de comitivas se divertirem, provando suas habilidades na lida com o gado, que se tornou, então, uma competição durante o pouso e descanso das tropas.

Além de guiar a boiada sem que esta se dispersasse, cruzando rios, matas e lamaçais, os peões tinham que treinar os cavalos e, em alguns casos, os burros, que os conduziram em torno da tropa. As tropas vindas do Centro-Oeste rumo ao frigorífico de Barretos podiam trazer entre 100 e 500 animais, sendo que as tropas mineiras eram ainda maiores, podendo chegar a mil cabeças de gado (SUPRINYAK, 2008).

³⁸ Fonte: A história do rodeio em Barretos. **Jornal de Barretos**. Barretos, 25 de agosto de 2011, p. 16. Sem referência ao redator.

³⁹ O rodeio como competição ou esporte, nos moldes que se conhece hoje, teve sua origem, muito provavelmente, na evolução das festas mexicanas de doma de cavalos e brincadeiras (ou disputas) com touros, trazidas pelos colonizadores espanhóis, reportando as touradas e corridas da Festa de *San Fermín*, ainda realizadas na Espanha. “Depois de vencer a guerra contra o México no século XVII, os colonos norte-americanos acabaram adotando costumes de origem espanhola. [...] Em 1869, a cidade de Colorado sediou a primeira prova de montaria em sela [...]”. Assim sendo, o rodeio já existia nos Estados Unidos há quase um século antes de acontecer no Brasil. Fonte: <http://www.novoguiabarretos.com/paginas/festa%20do%20peao.html>, acesso em 14 de novembro de 2011.

Para não haver a perda de animais, os peões se organizavam nas extremidades do rebanho, seguindo com seus cavalos. Também tinham que providenciar os pontos de pouso, bebedouros e pastos para os animais, e espaços para seu próprio descanso e alimentação. Barretos foi se tornando, assim, um ponto de parada de grande importância.

Os eventos agropecuários foram se tornando, desta forma, constantes na história de Barretos. Já em 1945, a cidade ganha o Recinto Paulo de Lima Correia (Figura 6), que recebe diversas exposições agropecuárias desde então⁴⁰.

Figura 6 – Exposição Agropecuária no Recinto Paulo de Lima Correia de Barretos - 1945



Fonte: Acervo de “Os Independentes”

Esses eventos eram comumente realizados desde o início do século XX em espaços públicos, em especial as quermesses beneficentes, que tinham em sua renda uma possibilidade de contribuir com instituições como a Santa Casa e a Vila dos Pobres (ROCHA, 1954, p. 294-302).

Com o intuito de reunir a atividade filantrópica e essas representações da cultura local, um grupo de amigos se organiza para que perpetuassem as brincadeiras dos tropeiros:

Há, em Barretos, um clube cuja finalidade específica é justamente esta de ressaltar as características da cidade e cultivar suas tradições. É o Clube dos Independentes. Conta-se que a idéia (sic) de se fundar este clube surgiu numa roda de jovens amigos que tomavam uma cerveja no “Bar do Henrique”, em agosto de 1955. A finalidade da agremiação era promover festas folclóricas, cívicas e culturais, além de arrecadar fundos para fins beneficentes (LIMA, 1976, p. 91).

⁴⁰ Fonte: <http://www.acibarretos.com.br/noticia/320/tombamento-do-recinto-paulo-de-lima-correa>

O nome “Os Independentes” partiu dos princípios estipulados pelos sócios do clube. Eles deveriam ser maiores de 22 anos de idade, livres de compromissos familiares (solteiros) e independentes financeiramente (GOMES Jr, 2005, p. 11).

Desde então, mudanças foram feitas em seu estatuto já que, com a maturidade, os sócios começaram a se casar e formar família, o que não sendo permitido levaria o clube a findar-se. Os sócios de “Os Independentes” eram, em sua maioria, ligados também à lida no campo.

A princípio os Independentes não pensavam em realizar a Festa do Peão, festa que, hoje, eleva o nome do clube em todo canto do Brasil. É que o clube iniciou, realmente como um simples Clube de Serviço. A finalidade principal era a beneficente. Por isso sua primeira realização foi uma gincana automobilística cuja renda foi destinada ao Asilo dos Velhos. Em 1956 comandaram o carnaval de rua, sempre com fins filantrópicos (LIMA, 1976, p.92).

No entanto, observando as dificuldades pelas quais os peões passavam e a progressiva substituição do transporte de gado por trens, já que as ferrovias iam tomando o interior do país, “Os Independentes” decidiram promover uma festa em homenagem a esses trabalhadores, com provas inspiradas na lida do campo.

Um ano depois [da criação do clube], em 1956, foi lançada a 1ª Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos. Sob a lona de um velho circo, surgiu o modelo do evento rural de maior sucesso no país atualmente. Já na primeira festa, a principal atração foi o rodeio. E os mesmos peões que passavam meses viajando pelos estados brasileiros, agora eram estrelas da festa do peão de Barretos⁴¹ (Figura 7).

Figura 7 – Peões na primeira década de Festa de Barretos



Fonte: Acervo do “Memorial do Peão”⁴²

⁴¹ Fonte: A história do rodeio em Barretos. **Jornal de Barretos**. Barretos, 25 de agosto de 2011, p. 16. Sem referência ao redator.

⁴² O Memorial do Peão é um museu localizado dentro do Parque do Peão que, além do acervo referente à criação do Clube “Os Independentes” e da Festa do Peão Boiadeiro de Barretos, ainda preserva peças do dia-a-dia do trabalhador que guiava tropas nas primeiras décadas do século XX.

As primeiras décadas de festa foram realizadas no recinto de exposições local (Foto 8), mas sem dúvida as primeiras edições foram realizadas com algumas dificuldades. “Um dos sócios conseguiu um circo de touradas denominado ‘Fubeca’, que alugaram para os festejos. Os números de tourada eram entremeados com os números de rodeio” (LIMA, 1976, p. 92).

Figura 8 – Recinto Paulo de Lima Correia nas décadas de 1950/60 em Barretos



Fonte: Acervo do “Memorial do Peão”

A primeira edição da festa foi realizada em dois dias, 25 e 26 de agosto de 1956, o primeiro deles em comemoração ao aniversário da cidade. A animação era feita pelos sócio-fundadores de “Os independentes”, à base de megafone⁴³.

Dividiu-se a programação em provas para os peões concorrentes e, ainda, noites folclóricas e desfile:

Dia 25 de agosto – 10h – Desfile de comitivas, aberto pela Rainha e Princesas da festa; 14h – Prova de Agilidade; 16h – Rodeio em Cavalos; 17h – Concurso de Berrantes; 20h – Concurso de Catira.

Dia 26 de agosto – 9h – Concurso de Marchas para Animais; 10h – Rodeio de Cavalos; 14h – Provas de agilidade para cavaleiros; 16h – Rodeio em Bois; 20h – Desafios de viola; depois entrega de prêmios e churrasco aos peões participantes (GOMES Jr., 2005, p.11).

O desfile (Figura 9), integrante da festa:

[...] que geralmente é feito no último dia da festa, é uma verdadeira exposição da vida do campo, tanto do antigo e do tradicional (monjolos, montarias, fiadeiras, etc.) como do moderno (mecanização da agricultura, com tratores, caminhões, implementos, etc.) (LIMA, 1976, p. 92).

⁴³ Fonte: Site “Os Independentes”.

Figura 9 - Desfile típico da Festa de Barretos - 1956



Fonte: Acervo de “Os Independentes”

Todas as atrações apresentadas anteriormente eram vinculadas à pecuária e cultura local. Além destas, existiam também as noites folclóricas, que apresentavam danças como a catira (ou cateretê), modas à viola, gastronomia típica, organizavam-se ainda brincadeiras como o pau-de-sebo e futebol. Lima (1976, p. 92) assim descreve:

Entre as provas estão a de montaria, a do laço, a do berrante e a queima do alho⁴⁴. A prova do laço consiste em ver quem, montado em um cavalo, laça em menos tempo um bezerro solto no picadeiro. É muito interessante a prova da queima do alho: Os cozinheiros das comitivas se reúnem, cada um com seus animais levando os utensílios de cozinha e os ingredientes para a refeição campestre. Ganhará a competição quem fizer a melhor comida em menos tempo.

A existência de eventos agropecuários e de rodeios em Barretos, bem como a organização de um clube de serviços (“Os Independentes”) torna possível a promoção de uma festa em homenagem aos peões. A festa surge exatamente no período em que essa classe de trabalhadores vinha gradativamente sendo reduzida em função da substituição do transporte de gado pela ferrovia. A festa aparece, assim, como uma forma de manter ativa a figura do peão, substituindo suas lidas rotineiras por provas nelas inspiradas.

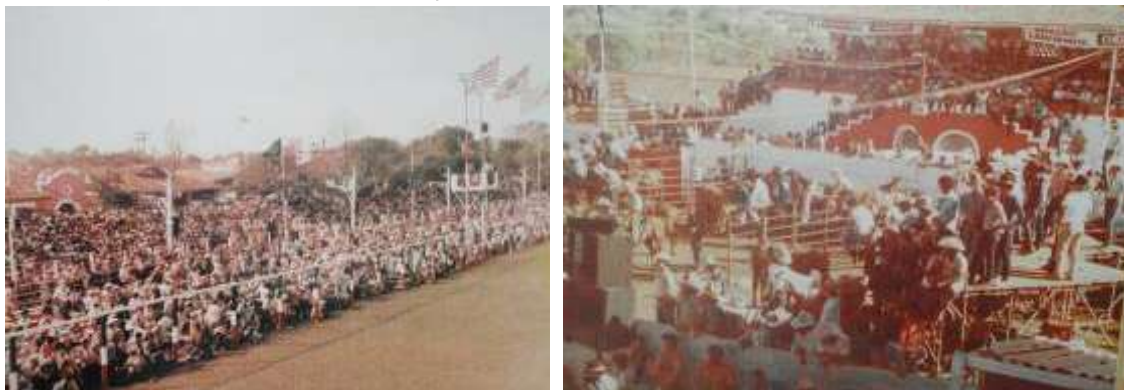
⁴⁴ Entre os tropeiros de uma comitiva, um era escolhido para ir à frente, com utensílios e alimentos para a “queimar o alho”, ou seja, para preparar a comida para que a mesma já estivesse pronta quando os demais peões chegassem com a tropa.

3.2 DE FESTA LOCAL À NACIONAL: A OFICIALIZAÇÃO DO EVENTO

Junto aos grupos locais, logo começaram a apresentarem-se grupos folclóricos de outros estados das regiões Sul, Centro Oeste e Sudeste. O entorno do Recinto Paulo de Lima Correia começou, já nos primeiros anos de evento, a receber barracas dos mais diversos produtos. Isso fez com que a festa refletisse de diversas formas, também além dos muros do recinto.

De acordo com Gomes (2005, p. 33), na década de 1960 (Figura 10), o evento passou a ser realizado em cinco dias, sendo que em 1964 o evento foi declarado como de “utilidade pública” pela Lei Municipal nº 1001, de 09 de abril deste ano, devido à sua importância econômica para o município. Foi oficializado pela Lei Estadual nº 45.133, de 17 de agosto de 1965, sendo inscrito no Calendário Turístico do Estado de São Paulo (GOMES Jr., 2005, p. 33). Nesta década, a festa já recebia artistas de renome nacional, bem como peões e grupos folclóricos sulamericanos⁴⁵.

Figura 10 – Primeiras edições da Festa de Barretos – Décadas de 1950/60



Fonte: Acervo do “Memorial do Peão”

Barretos passou a ter projeção nacional devido à sua Festa de Peão Boiadeiro, bem como a servir de modelo para outras cidades, principalmente paulistas, que foram criando suas festas rurais. Na década de 1960 foi crescente o número de eventos estaduais e nacionais ligados ao rodeio. Se nas décadas de

⁴⁵ Fonte: <www.independentes.com.br>. Acesso em 21 de setembro de 2009.

1940 e 1950 Barretos era conhecida como “Capital do Gado”, nos anos 1960 a cidade passa a ser reconhecida como a “Capital do Rodeio Brasileiro”⁴⁶.

O grupo realizador do evento, “Os Independentes”, se aprimorou, elaborando um novo estatuto e investindo em um imóvel próprio para a sede administrativa, em 1967, no centro da cidade (LIMA, 1976). O prêmio principal para a montaria acompanhou o crescimento do evento, passou de uma “Capa Ideal”⁴⁷ para um carro “Volkswagen” em 1974 (1976, p. 92). Assim, gradativamente foram surgindo patrocinadores, a exemplo da já citada Volkswagen e também do Banco Bradesco.

Mantendo seu objetivo de filantropia, “Os Independentes” recebiam apoio de outros grupos e instituições. Menezes (1985) aponta o exemplo da Maçonaria – Sede Fraternidade Paulista, que administrou o bar por algumas edições da Festa, atendendo os visitantes, noite adentro, com a venda de bebidas. Com diretoria própria, esta loja maçônica desenvolvia ações conjuntas em proveito da comunidade (1985, p. 17). “Quando terminava o evento, parte deles estava doente, gripada, depois de passarem por noites frescas [já que a festa é no inverno], mexendo no gelo das caixas de bebidas”⁴⁸.

Em 1966, “Zé do Prato, usando sua criatividade, dá novos rumos à narração de rodeios, fazendo orações na abertura e encerramento da festa e tocando o Hino Nacional, em sinal de patriotismo”⁴⁹. Desta forma, o evento adquire também ações e atrações cívicas e religiosas.

A década de 1970 foi marcante para a Festa, dada a sua repercussão nacional. Pela primeira vez o evento recebeu um Presidente da República, o então Presidente Emílio G. Médici, que em 1972 foi conhecer e prestigiar a Festa (conforme Figura 11). A partir de então, Barretos passa a ser palco político, principalmente em anos eleitorais, de candidatos e gestores em cargos públicos.

⁴⁶ Fonte: A história do rodeio em Barretos. **Jornal de Barretos**. Barretos, 25 de agosto de 2011, p. 16. Sem referência ao redator.

⁴⁷ O prêmio a Aníbal de Araújo, primeiro campeão da Festa de Barretos, foi uma “tralha” de montaria, ou seja, arreio, pelego, espora e, entre outros objetos, uma capa de cavaleiro. (GOMES Jr, 2005, p. 7).

⁴⁸ Informação fornecida por Erotilde Gonçalves Joaquim, filha de José Gonçalves Sebastião (maçom que trabalhou nas primeiras edições da Festa), em depoimento à autora, em 26 de agosto de 2011.

⁴⁹ Fonte: Site “Os Independentes”.

Figura 11 – Registro da presença de políticos na Festa de Barretos no “Memorial do Peão”



Fonte: Acervo da Autora, 2011.

Dado o volume de pessoas circulando, a Festa do Peão Boiadeiro de Barretos representa, para os políticos⁵⁰, a oportunidade de se aproximar da população e visitantes, seus possíveis eleitores. A maior repercussão do evento transforma-se em oportunidade para os políticos mostrarem sua popularidade à mídia e sua “simplicidade” de brasileiro de interior.

⁵⁰ Ainda nos dias de hoje esta é uma prática que se mantém. Durante o período de observação participante no evento, pôde-se observar que os políticos se juntam ao público, fazendo as refeições típicas em pratos de alumínio e utensílios nos moldes de peões dos séculos passados.

No início da década de 1970, a Rainha da Festa, até então escolhida pelo clube gestor “Os Independentes”, passa a ser eleita pelo público⁵¹. Em 1972 se organiza o primeiro baile típico, o “Peão e Sambão”. No mesmo ano, “a empresa Heublein, fabricante do uísque Drury’s, é a primeira empresa a colocar *merchandising* na arena⁵² do Barretão”⁵³. Em 1973, pela primeira vez, há uma exibição de montaria em touro, já que a mostra tradicionalmente brasileira e competitiva era a de montaria em cavalos⁵⁴.

Em 1977, o peão “barretense Rubico de Carvalho Filho, o ‘Rubiquinho’, depois de morar algum tempo nos Estados Unidos, traz a corda americana e a chaparreira de couro para Barretos”⁵⁵. A primeira é uma corda de náilon ou fibra vegetal, que envolve o touro, dando apoio ao peão. A chaparreira é uma sobre-calça usada para aumentar a proteção do peão na queda ou somente como adorno.

A prova de rodeio passa a ser considerada, segundo Lima (1976, p. 92):

[...] uma das melhores do mundo, comparando-se com a que se faz no Texas. De ano para ano a prova de montaria vem se tornando cada vez mais ampla, atraindo concorrentes dos vários estados do país e mesmo do exterior. Têm participado do rodeio peões do Paraguai, da Argentina, do Uruguai e até dos Estados Unidos.

A festa, que num primeiro momento parecia apresentar uma motivação mais cultural, foi gradativamente se transformando em um evento de caráter mais econômico (patrocínios e *merchandising*) e político. O pequeno evento de dois dias amplia-se para cinco e sua repercussão local-regional, assume proporções nacionais. O final da década de 1970 é marcado, ainda, pela apresentação sobre touros como mostra competitiva. Com essa mudança incrementam-se os moldes tipicamente estadunidenses e a festa passa por intensas transformações.

⁵¹ Idem.

⁵² “Arena do Barretão” é a parte central do Estádio de Rodeios, do Parque do Peão, de terra, onde se realizam as provas de montaria.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Idem.

3.3 DE FESTA DE PEÃO À FESTA *COUNTRY*: A NORTE AMERICANIZAÇÃO DO EVENTO

Na década de 1980, a Festa do Peão Boiadeiro de Barretos deixa de ser a brincadeira de peões brasileiros sobre o cavalo xucro, para representar uma competição norte-americana, transformando-se no maior “evento *country*” do Brasil.

No início desta década o traje do peão oficialmente deixa de ser a bombacha, o lenço usado no pescoço, o cinturão de couro - mais conhecido como "guaiaca" e a bota de cano longo toda de fivelas. O jeans justo no corpo e o cinto de couro fechado com a larga fivela são assumidos pelos peões sob a influência americana⁵⁶.

Pela descrição que “Os Independentes” fazem do traje brasileiro que foi substituído, pode-se notar a semelhança com o que atualmente se conhece como traje típico gaúcho. Para os peões e fazendeiros, segundo relatos concedidos em entrevista à autora, tal alteração na época foi completamente estética, um modismo, já que a bombacha é muito melhor para a montaria, pois permite o movimento sobre o cavalo com mais agilidade e conforto do que a calça justa.

Em 1980, ou seja, no jubileu de prata do evento, o barretense Alceu Garcia, conhecido como o melhor berranteiro do Brasil, prestou uma homenagem tocando o Hino Nacional⁵⁷. O clube gestor da festa, “Os Independentes”, complementando as ações relacionadas à comemoração, adquiriu, em 1981, um terreno de 40 alqueires para a instalação do Parque do Peão (GOMES Jr, 2005, p. 19). O recinto de exposições, nesta década, já se tornara pequeno para o público recebido e seu posicionamento, próximo ao centro da cidade, começava a se apresentar como um problema social.

Lima (1976, p. 83) descreve a noite de um taxista barretense durante a realização da Festa no Recinto Paulo de Lima Correia (o ano era provavelmente de 1975):

Chegou o dia 22 de agosto: Festa do Peão. Alvorada cheia de som: buzinas aflitas de carro, caminhões cheios de fãs da festa, banda de música, batidas frenéticas de tambores, ritmo de catira, fogos, tudo isto enchia de algazarra a manhã do primeiro dia de festa. Eram quatro e meia da madrugada ou pouco mais e os festejadores, que mais pareciam foliões de carnaval,

⁵⁶ Fonte: Site “Os Independentes”.

⁵⁷ Idem.

passavam pela rua Trinta e Quatro, há pouco mais de cem metros de casa, com um barulho infernal. Meu sono, naquela manhã, estava condenado a se reduzir a apenas duas horas e meia. Felizmente consegui me abstrair de tudo aquilo e o ruidoso inferno foi se afastando até tornar-se um agradável embalo para o meu sono.

Assim sendo, a mudança do local de realização, passava a ser uma necessidade para o evento e para a comunidade local. Pode-se perceber que a repercussão da festa ultrapassava os muros do seu recinto, não só do ponto de vista comercial. Tornava-se evidente o conflito de interesses entre o morador comum, o visitante da Festa e os organizadores/promotores do evento.

Na edição de 1982, “Os Independentes” decidiram deixar de realizar a montaria em touros durante a Festa do Peão⁵⁸, procurando resgatar as características originais da festa. Tal fato gerou reclamações gerais de peões e do público, tanto que em 1983, o rodeio em touros retornou para a programação oficial do evento, equiparando-se à montaria em cavalos em seu valor de premiação⁵⁹.

Segundo Gomes Jr. (2005), a organização do evento inovou, em 1984, realizando o 1º Festival de Música Raiz, a “Violeira”. A ideia era lembrar a produção dos antigos cantores sertanejos, os momentos de lazer no pouso do tropeiro, e a criação e improviso dos animadores que tocavam e cantavam a música caipira no interior do país (2005, p. 64).

Também em 1984, a diretoria do clube foi até o Rio de Janeiro conhecer as instalações e estrutura montada para receber o “Rock in Rio”, já pensando na execução do projeto de transferência da Festa do Peão para o novo espaço, o do Parque do Peão⁶⁰. A iniciativa se deu na gestão de Mussa Calil Neto, que presidiu “Os Independentes” também em 1985, quando da inauguração do Parque do Peão a cerca de seis quilômetros do centro da cidade⁶¹. Para tanto, procurou-se o renomado arquiteto Oscar Niemeyer⁶², que concordou em assinar o projeto (Figura 12).

⁵⁸ Fonte: Site “Os Independentes”.

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ Fonte: Guia Turístico de Barretos Oficial 2007/2008.

⁶¹ Idem.

⁶² Em anexo (B), a carta de Oscar Niemeyer sobre Mussa Calil Neto e seu projeto do Parque do Peão.

Figura 12 – Homenagem a Oscar Niemeyer no “Memorial do Peão”



Fonte: Acervo da Autora, 2011.

Segundo Mussa Calil Neto (2011):

O conhecimento [do Rock in Rio] foi interessante “naquele momento” apenas do ponto de vista da engenharia de infra-estrutura para acolher confortavelmente um público qualificado, independentemente do estilo rock ou sertanejo, porém sabendo de antemão que seriam instalações provisórias. O sistema de banheiros e sanitários, as lanchonetes improvisadas à altura de grandes redes de lanchonetes tipo Mc Donalds, a sinalização em totens elevados, estacionamento rústico, tudo que foi captado no Rock in Rio, era para aproveitamento por tempo determinado. Não teve nada a ver com o projeto de implantação definitiva assinado por Oscar Niemeyer. São duas coisas totalmente distintas embora destinadas ao mesmo fim⁶³.

Mantendo a vontade de inovar ano a ano, em 1987 foi realizada a 1ª Festa do Peãozinho de Rodeio, destinada ao público infanto-juvenil⁶⁴. No mesmo ano, o então Presidente da República, José Sarney Filho, em visita à Festa, anunciou a liberação de uma verba no valor de US\$ 2 milhões para a construção do Estádio de Rodeios⁶⁵.

O Estádio foi inaugurado em 1989, com capacidade para 35 mil pessoas sentadas⁶⁶. Desta forma, a planta de Oscar Niemeyer foi concretizada ainda na década de 1980. Segundo o arquiteto:

⁶³ Declaração de Mussa Calil Neto em entrevista à autora, em 28 de fevereiro de 2012, conforme Apêndice A.

⁶⁴ Fonte: Site “Os Independentes”.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Fonte: Site “Os Independentes”.

Nossa idéia (sic) foi criar um estádio polivalente, servindo ao esporte, à música, às grandes festas populares e ao rodeio de forma perfeita. Será um estádio e ao mesmo tempo um grande anfiteatro. É, sem dúvida, diferente de todos os outros construídos neste país (Texto da Figura 12).

Em 1990, é criado o Rancho do Peãozinho (Figura 13), com 30.000 m² e atividades específicas para crianças (GOMES Jr., 2005, p. 58). Trata-se de uma área murada, fechada por questão de segurança das crianças e tranquilidade dos pais, onde é proibida a entrada de bebida alcoólica e de pessoas sem camisa ou fumando.

Figura 13 – Entrada do Rancho do Peãozinho no Parque do Peão



Fonte: Acervo da Autora, 2011.

Com mostras do folclore sertanejo em linguagem infantil, como a montaria de crianças em carneiros, o rancho recebe os visitantes com o atendimento de centenas de funcionários e voluntários. Este “Projeto [foi] desenvolvido especialmente para crianças de zero a doze anos, com o objetivo de aproximá-las do universo sertanejo com ensinamentos culturais, educacionais e ecológicos”⁶⁷.

A figura do peão brasileiro, vinculada às atividades tropeiras, vai assumindo gradativamente um segundo plano e a festa assume seu caráter “*country*”. A festa transforma-se verdadeiramente num evento de massa e sua estrutura não consegue mais mantê-la. No final da década de 1980, os Independentes compram um terreno para a construção do Parque do Peão, o qual é inaugurado em 1985, em 1989 o governo federal possibilita a construção do Estádio para Rodeios e 1997, fortalecendo o segmento infantil, constrói-se o Rancho do Peãozinho (GOMES Jr,

⁶⁷ Fonte: Guia Agenda da 54ª Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos

2005). Pouco a pouco, o evento toma proporções internacionais, intensificando-se as dificuldades sofridas pela cidade com a grandiosidade da Festa.

3.4 A INTERNACIONALIZAÇÃO DA FESTA E SUA CONSEQUENTE INSUSTENTABILIDADE

O renomado arquiteto Oscar Niemeyer, além do projeto do Estádio de Rodeios, desenhou também, em 2005, o cartaz comemorativo do Jubileu de Ouro da Festa do Peão Boiadeiro de Barretos (destaque amarelo na Figura 12). Para os cartazes de divulgação do evento, além de Niemeyer, renomados artistas brasileiros dedicaram-se ao desenho do que seria a base da programação visual de vários anos: Ziraldo (Figura 14) em 1990, Ronaldo Noronha (Figura 15) (que se baseou nas características das obras de Portinari) em 1999, Hans Donner (Figura 16) em 2001, Romero Britto (Figura 17) em 2002 e Elifas Andreato (Figura 18) em 2009.

Figura 14 – Cartaz de Ziraldo da 35ª edição da Festa de Barretos – 1990



Fonte: Em exposição no "Memorial do Peão".
Foto do Acervo da Autora.

Figura 15 – Cartaz de Ronaldo Noronha da 44ª edição da Festa de Barretos – 1999 (D'Aprés Portinari)



Fonte: Em exposição no "Memorial do Peão".
Foto do Acervo da Autora.

Figura 16 – Cartaz de Hans Donner da 46ª Festa de Barretos – 2001



Fonte: Em exposição no "Memorial do Peão".
Foto do Acervo da Autora.

Figura 17 – Cartaz de Romero Britto da 47ª Festa de Barretos – 2002



Fonte: Em exposição no "Memorial do Peão".
Foto do Acervo da Autora.

Figura 18 – Cartaz de Elifas Andreato da 54ª edição da Festa de Barretos - 2009



Fonte: Em exposição no "Memorial do Peão".
Foto do Acervo da Autora.

A confecção dos cartazes da festa mostra a dimensão que a mesma tomou a partir da década de 1990. Esta década foi marcada pela criação do Barretos

International Rodeo, em 1993, com a presença de peões canadenses, americanos, mexicanos e australianos. O vencedor do Circuito Internacional, em Barretos, passou a conquistar uma vaga na final realizada em Las Vegas (EUA), competindo com os melhores peões em montaria em touros do mundo⁶⁸.

Em 1991, Barretos entra para o *Guinness Book*, o livro dos recordes, pelo maior número de montarias: 950 em uma única edição (GOMES Jr., 2005, p. 27). Em 1993, junto ao rodeio internacional, a festa ganha uma primeira versão especial de latinha de cerveja como divulgação do evento e da cervejaria patrocinadora do evento (2005, p. 23).

Este produto deu início a uma sequência de desenhos especiais para divulgação do evento. Conforme se pôde observar nas festas, teve-se plotagem de ônibus, sacolinhas de lixo de empresas rodoviárias, agenda/guia da cidade, entre outros produtos. Estes eram distribuídos, gratuitamente ou através de venda, como divulgação do evento em todo o território nacional.

Com a divulgação dos novos padrões de rodeio de Barretos por diversos estados da federação, cria-se em 1996 uma Federação Nacional de Rodeio Completo (COSTA, 2003, p. 82), incluindo oito modalidades de rodeio, com diferentes estilos de montarias em touros e cavalos, além de provas como a dos três tambores e a de laço de bezerro.

No mesmo ano, grupos de rodeios de cidades como Jaguariúna (SP), Presidente Prudente (SP) e Goiânia (GO) adotam as modalidades e iniciam as atividades da Federação Nacional de Rodeio Completo (COSTA, 2003). Aos poucos, outras cidades vão se juntando às já citadas cidades da Federação.

A década de 1990 também é marcada pela presença de *shows* internacionais no palco principal, dentro do estádio de rodeios. Conforme se pôde observar nas programações dos diferentes anos, destaque especial pode ser atribuído a Shakira (em 1997), Garth Brooks (em 1998) e Allan Jackson (em 1999). Estas atrações, sobretudo as duas últimas, confirmam o rótulo de “Capital Country do Brasil”, presente até hoje na mídia.

Em 1998, o filme “Buena Sorte” tem parte de suas cenas rodadas em Barretos, confirmando a cidade como cenário sertanejo. No entanto, o roteiro, que conta a história de um peão vivido pelo ator Marcos Palmeira, faz referência à

⁶⁸ Fonte: Site Os Independentes.

cultura *country*, levando-o a análises como “uma sátira à influência do cinema americano no Brasil⁶⁹”.

Ainda na década de 1990, a festa passa a ser realizada durante 11 dias, da quinta-feira de uma semana ao domingo da semana seguinte, sempre incluindo o dia 25 de agosto, comemorando o aniversário da cidade. Como no rodeio nacional, o circuito internacional também passa a receber peões de diferentes países, incluindo franceses e neozelandeses, integrando também (como uma etapa) o Mundial da *Professional Bull Riders* (a PBR)⁷⁰.

Ao final da década de 1990, uma média de um milhão de visitantes/ano passam pela Festa do Peão Boiadeiro de Barretos⁷¹. Em 1999, a Assembleia Legislativa de São Paulo regulamenta o rodeio em todo o estado, com a aprovação da Lei Nº 268/8⁷².

A década de 1990, todavia, também é marcada por problemas. O acesso ao Parque do Peão pela via principal, a Rodovia Brigadeiro Faria Lima, torna-se de muito congestionamento. Os menos de 10 km até a entrada principal do Parque passam a ser percorridos, nos dias de maior público, em não menos de uma hora, tanto para aqueles que pretendem visitar a festa, quanto para o morador que busca apenas sair de Barretos no sentido município de Colômbia⁷³.

Em 1999, uma das vicinais de acesso interno até o Parque, outrora “Estrada Boiadeira”, conhecida e utilizada apenas por parte da população barretense, foi urbanizada e duplicada, facilitando-se o acesso e dispensando a utilização da rodovia para o morador e turista hospedado na cidade, não comprometendo mais o tráfego na “Faria Lima”⁷⁴. Segundo Mussa Calil Neto (2011), “urbanisticamente, a

⁶⁹ Fonte: Folha da Região. Caderno 2 – Vídeo. Ano 26. Araçatuba (SP). Sábado, 22 de agosto de 1998. Disponível em: www.folhadaregiao.com.br/jornal/1998/08/22/dia2.php?PHPSESSID=76b6c63f85705c04848969e96318db8a

⁷⁰ Fonte: <http://pbrnow.com.br/home/>. Acesso em 19 de novembro de 2012.

⁷¹ Fonte: Site “Os Independentes”

⁷² Idem.

⁷³ Observação da autora.

⁷⁴ Fonte: Site do município/Câmara Municipal de Barretos.

Via das Comitivas inapelavelmente abriu um “Corredor Turístico” sobre o que era o “Corredor Boiadeiro”⁷⁵.

Outro problema recorrente na década de 1990, referente à circulação, foi a interdição da Avenida 43, uma das principais vias de entrada e saída da cidade, por parte de pessoas que paravam seus veículos e faziam da via um novo calçadão para os diversos tipos de brincadeiras durante a festa (Figura 19).

Figura 19 – Avenida 43 em Barretos durante a Festa do Peão – 2007



Fonte: <http://www.flickr.com/photos/gerardolazzari>

Roupas de banho (calções, sungas e biquínis) (Figura 19) eram trajes utilizados por indivíduos que ali circulavam. Também se utilizava de som alto, criando certa concorrência de potência de sons entre os donos de carros. Tornava-se, portanto, muito difícil cruzar esta avenida.

De parte do poder público, conforme apontam diversos moradores da cidade, houve ainda o incentivo a tais festas, disponibilizando-se caminhão de som em alguns anos da referida década. Aos moradores residentes nas proximidades da Avenida 43 restava, segundo eles, mudarem-se temporariamente para casa de parentes ou viajar, para evitar cenas como utilização de drogas (lícitas e ilícitas) e sexo, esquivando-se também de todo tipo de poluição (visual e sonora, principalmente) para suas famílias.

Frases como “Uma das cenas mais repetidas na Avenida 43 é um rapaz esticando o pescoço dentro da janela de um carro para ganhar beijo do sexo oposto”; “A Avenida 43, no centro de Barretos, já foi considerada uma “festa sem lei” com picapes estacionadas em toda parte, mulheres literalmente laçadas pelos

⁷⁵ Declaração de Mussa Calil Neto em entrevista à autora, conforme Apêndice A.

homens, muito consumo de bebida e centenas de ambulantes”; ou “A Avenida 43, que cruza a cidade, no centro de Barretos, registra enormes congestionamentos e várias ocorrências policiais”; “Muita gente vem das cidades vizinhas diretamente para a avenida, sem passar pelo Parque do Peão”; e ainda “Outra técnica é encurralar as moçoilas contra os muros para conseguir um beijo” descreviam as imagens da avenida na mídia⁷⁶.

Estas “festas paralelas”, conforme relatam diversos moradores de Barretos, também podiam ser observadas em casas alugadas para turistas em todos os bairros da cidade. A população relata que o policiamento passou a ser insuficiente não só na Avenida 43, como nas demais regiões da cidade, e também dentro do Parque, que registrava números crescentes de roubos e agressões.

Os relatos apontam também, que em função dos obstáculos de circulação, festinhas que tomavam as ruas, entre outras dificuldades, e ainda pela opção de algumas famílias viajarem no período da festa, fizeram com que colégios e faculdades passassem a configurar dias de recesso na segunda quinzena de agosto, no sentido de não comprometer o calendário acadêmico e conteúdos ministrados.

O atendimento no setor da saúde também se tornou insuficiente, segundo os moradores. O aumento no número de acidentes e atendimentos em decorrência da festa, como comas alcoólicos, superavam a capacidade de atendimento do município, estruturada para 120 mil habitantes, servindo, durante os 11 dias de realização, para ocorrências dentro de um público de um milhão de visitantes do evento. Os relatos apontam também os problemas decorrentes do lixo deixado durante o período de festa em toda a cidade, sobretudo, nas vias de acesso e no Parque do Peão.

Dentro do Parque, o número de atrações crescente diversificou ano a ano seu público. Foram criados novos palcos (fora do Estádio de Rodeios), montado parque de diversões, circuito de balonismo, uma casa noturna (com opções de música eletrônica) e a variação de gêneros musicais também constou da programação do palco principal, oferecendo em uma única noite: *shows* de *rock*, pagode e axé, para visitantes, que embora estivessem numa Festa de Peão, não precisavam gostar de música sertaneja.

⁷⁶ http://noticias.uol.com.br/festa-peao-barretos/album/090823rua43_album.jhtm

Se os organizadores buscavam novidades a cada edição, os turistas também se encarregavam de transformar o “cenário” barretense, levando fantasias e criações como carros plotados como bovinos malhados (Figura 20). Os veículos poderiam variar de carros populares a grandes caminhonetes.

Figura 20 – Veículo caracterizado como “boi malhado” para a Festa do Peão - 2010



Fonte: Acervo da Autora, 2010.

Essas transformações ou a produção de um novo espaço eram descritas pela imprensa. Se as “inovações” são crescentes, os números e cifras também o são. Em matéria da revista ‘Isto É’, a redatora descreve os espaços de luxo (o que não exclui do evento a participação das classes com menores recursos financeiros), a presença de celebridades e emergentes na edição da Festa de 1999:

[...] a cidade recebe 1,8 milhão de forasteiros e muita grana – em torno de R\$ 200 milhões. Os preços vão parar na estratosfera, causando uma bolha inflacionária. Uma diária num hotel de rodoviária (classificação: 3 baratinhas) na vizinha Bebedouro, a 50 quilômetros, chega a R\$ 480, quando o normal seriam meros R\$ 33. É um mercado que desperta a cobiça e todos querem tirar sua casquinha. Até prostitutas vieram dos estados vizinhos em ônibus alugados para faturarem no Barretão. Tamanha riqueza também atrai a gatunagem e forma-se uma fila enorme diante da delegacia de polícia da cidade. (GOMES, 1999, s.n.).

A imagem de livre espaço para a prostituição e de outras “atrações”, por vezes, fizeram com que as matérias deixassem em segundo plano as montarias e rotinas dos peões. Na mesma matéria, citada anteriormente, Gomes (1999), chama o Parque do Peão de “Disneylândia do Caubói”, o que pode se explicar pela quantidade de atrações e espaços de entretenimento crescente, estendendo o cenário à área urbana de Barretos.

Possivelmente causada por uma interpretação distorcida do Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT, vigente no período de 1994 a 2001⁷⁷, a cidade adotou um planejamento vertical (por vontade e decisão dos gestores públicos, implementado para a população), construindo orelhões em forma de chapéus, pés de bancos em formato de ferradura, blocos temáticos pré-moldados em cimento para calçamento e revestimento de praças, calçadas e prédios públicos, lixeiras em formato de botas e barris, mais sugerindo um cenário de filme (Figura 21).

Figura 21 – Mobiliário urbano com temas voltados à Festa do Peão de Barretos



Fonte: <http://ka-el.net/saopaulo/Barretos%202001/index.html>

Com apelo turístico atrelado à imagem de Barretos como “Capital do Rodeio”, a organização derivada da participação local no PNMT acelerou o processo de transformação de seu espaço urbano. Aplicado em um processo vertical, governo

⁷⁷ Programa federal do governo Fernando Henrique Cardoso, idealizado no final do ano de 1993 ainda no governo de Itamar Franco, que tinha por objetivo fomentar o desenvolvimento turístico dos municípios com base na sustentabilidade econômica, social, ambiental, cultural e política, oferecendo cursos de capacitação no setor para comunidade e gestores, buscando sensibilizar a todos sobre o turismo como instrumento de desenvolvimento econômico e **social** (grifo nosso), cuidando do planejamento com enfoque participativo, com vistas à horizontalidade em decisões. O programa buscava, assim, reforçar a aptidão para o turismo em diversos municípios brasileiros. (SILVA, 2006, p. 53).

– população, o formato não buscou o envolvimento da comunidade na afirmação do município como destino turístico, constatando-se a comunidade como mera espectadora.

Este programa, que tinha entre seus objetivos despertar o interesse pelo turismo como atividade impulsionadora do crescimento econômico e geradora de emprego, transformou o espaço barretense, buscando aumentar o consumo por parte de turistas durante todo o ano.

Em âmbito municipal, como pôde ser observado, existem profundas relações entre os gestores públicos e o grupo “Os Independentes”, sendo que para a conclusão deste trabalho apenas o Independente Mussa Calil Neto, vice-prefeito na gestão 2009/12, retornou às tentativas de consulta ao poder público a respeito da Festa. Considera-se relevante a avaliação dos gestores públicos sobre a Festa, uma vez que diversos investimentos foram feitos para a realização e projeção da mesma. Contudo, nem o diretor do Departamento Municipal de Turismo (que é “Independente”), nem o Secretário da pasta à qual este pertence – Desenvolvimento Econômico; nem o diretor do Departamento de Cultura, nem o Secretário de Assistência Social e Desenvolvimento Humano (que responde pelo departamento cultural) quiseram marcar entrevista, atenderam ou retornaram às ligações e *e-mails* enviados durante o período de 2011 a 2012.

Entre os atores envolvidos no evento, consultados durante a pesquisa, os gestores públicos certamente foram os que menos retorno deram para se atingir os objetivos propostos, principalmente a respeito do entendimento que cada parte tem sobre a Festa e dos seus impactos sobre o espaço barretense.

O crescimento da Festa a levou ao *Guinness Book* pelo maior número de montarias, transformou-a no Barretos *International Rodeo* e integrou-a ao Mundial da *Professional Bull Riders*. O público intensificou-se e com isso a festa expandiu-se para 11 dias e para todo o espaço urbano. Paralelamente, todavia, os problemas também foram crescendo, congestionamentos no acesso ao Parque do Peão, problemas de tráfego de automóveis em virtude das pequenas festas que surgiam nas ruas, falta de infraestrutura de segurança e saúde, além do lixo espalhado por toda a cidade.

Desta forma, analisando o percurso da festa, pôde-se observar que diferentes fatores, sobretudo os ditados por modelos culturais e econômicos estadunidenses, foram trazendo novos elementos ao tradicional evento, concebida

como uma festa de peão aliada à história regional de Barretos. Os novos elementos introduzidos à festa a direcionaram para uma nova dinâmica impulsionada por uma cultura de massa, a “*country*”, que permitiu elevá-la a uma escala internacional de competição de rodeios. Com isso, o elemento central da festa não se vincula mais às lidas do peão boiadeiro barretense, mas sim ao peão norteamericano.

Em uma das questões respondidas por Mussa Calil Neto, pôde-se avaliar seu posicionamento tanto como gestor público – Vice-Prefeito da gestão 2009/2012 – quanto como “Independente” a respeito destas transformações culturais. Quando questionado sobre os limites entre os benefícios da globalização e a passividade cultural no caso da substituição do peão barretense pelo peão internacional, e também se a festa atrai turistas por sua diferenciação como berço do rodeio no Brasil ou pela sua grandiosidade, Calil declarou:

A montaria em cutiano (tipo de arreo), original da região, continua existindo até hoje. Da mesma forma que o gaúcho cultivava a montaria em pelo. A montaria em touro, hoje um grande sucesso no Brasil inteiro, e em vários países, realmente é globalizada, original dos Estados Unidos, tal como o *jeans* que também surgiu por lá e todo estudante, por mais puritano culturalmente que seja, usa nas universidades brasileiras. O futebol é esporte nacional e veio da Inglaterra. O Carnaval é de influência africana. O que não pode deixar de existir é o culto à tradição do passado. Se formos retroagindo, vamos promover apenas os usos e costumes dos verdadeiros donos da terra que eram os índios. Difícil demarcar uma divisa cultural entre a origem e o importado através das colonizações ou dos meios de comunicação. Na Queima do Alho, o peão de estradão de antigamente pelo menos cozinha, come e veste-se como nos anos 30/40. A música raiz (da Violeira, da geração Tião Carreiro) canta todo este universo (CALIL NETO, 2012).

Nas palavras do Independente e então Vice-Prefeito, pode-se observar que a transformação de alguns espaços na Festa se deu como um processo que acompanhou as tendências globais, mas também existiu uma preocupação em manter alguns elementos culturais preservados, citando as ações da Queima do Alho.

Neste sentido, alguns espaços remanescentes do peão barretense ainda se fazem presentes em meio aos espaços *countries*. São exatamente estes diferentes espaços culturais, seus cenários e atores, que serão analisados no próximo capítulo.

CAPÍTULO IV – A FESTA COMO ENCONTRO: SEUS ELEMENTOS E ESPAÇOS

Ao longo do percurso histórico da Festa do Peão Boiadeiro, novos elementos culturais foram se incorporando aos tradicionais. Tais elementos introduzidos direcionaram a festa para uma nova dinâmica impulsionada por uma cultura de massa, todavia, elementos da tradição tropeira se mantiveram.

O mote central da festa atualmente não se vincula mais ao peão boiadeiro barretense, mas sim ao norteamericano, entretanto, alguns espaços tradicionais se mantêm, garantindo elementos de permanência. Assim, este capítulo visa aprofundar as reflexões em torno das transformações socioculturais da Festa do Peão Boiadeiro de Barretos, destacando seus elementos no cenário atual e as características culturais expressas nos diferentes espaços do Parque.

O público que frequenta a Festa também foi apresentando maior diversificação ao longo do tempo. Se a princípio a festa se voltava mais às atividades rurais, hoje os atrativos são diversificados. No evento podem ser encontrados segmentos dos mais diversos setores da sociedade, vindos dos mais diferentes cantos do país e até do mundo. Estas diferentes motivações procuraram ser captadas através da realização de entrevistas aos frequentadores da Festa, sejam moradores ou visitantes.

Acredita-se que a festa foi se transformando gradativamente em um espaço de encontro de culturas, sobretudo a do peão boiadeiro de Barretos com o peão *country* estadunidense, mas também em um encontro da cultura “de raiz” com a cultura de massa. Desta forma, o que seria um evento cultural, passou a se destacar mais pela sua função de encontro social.

Neste sentido, busca-se retratar, neste capítulo, primeiramente os elementos culturais da festa e suas transformações ao longo do tempo. Num segundo momento destacam-se as diferenciações culturais dos espaços internos do Parque. Por fim, analisa-se a Festa como encontro, seja social ou de culturas.

4.1 OS ELEMENTOS CULTURAIS DA FESTA E SUAS TRANSFORMAÇÕES

Durante a realização da pesquisa de campo, buscou-se observar os elementos, materiais e imateriais, transformados e aqueles que foram preservados, representativos da cultura do peão boiadeiro e da história da atividade pecuária em

Barretos. Alguns deles – a) vestimenta e adereços, b) linguagem, c) artesanato, d) música, e) dança, f) arquitetura, g) fé/religiosidade, h) gastronomia – valem ser observados mais detalhadamente na sequência.

a) Vestimenta e adereços

Nos primeiros tempos da Festa, as vestimentas utilizadas faziam referência aos tropeiros. Rocha (1954, p. 34) destaca algumas características dos primeiros moradores da cidade e dos tropeiros que passavam por Barretos: “[...] trajando calças de algodão azul [...]. Na cabeça um chapeirão de palha trançada, prêso (sic) por barbela⁷⁸. Nos pés coturnos de revirados bordos e correinhas entrelaçadas”.

O algodão foi muito utilizado pelos peões e demais trabalhadores da pecuária, até por se tratar de um tecido menos quente que os sintéticos, dada a temperatura da região. Pode-se dizer que, com a chegada do *jeans*, também confeccionado em algodão, este acabou predominando, sobretudo a partir dos anos 1970.

Desde a década de 1970 assiste-se, assim, gradativamente a substituição da tradicional vestimenta de peão, pela vestimenta *country* norteamericana (Figura 22). Destaque foi a introdução de sobre-calças de couro, denominadas chaparreiras, pelos peões neste período. Até mesmo as cores das vestimentas sofreram transformações, retratando a internacionalização do evento, padronizando o que anteriormente era uma escolha pessoal. Foram sendo adotadas as cores e desenhos da bandeira estadunidense. Embora as cores da bandeira do Clube “Os Independentes” também as retrate, a referência norteamericana fica evidente em alguns casos, tanto pelas peças em si, quanto pelas figuras estampadas nas mesmas.

⁷⁸ Fita ou cordão trançado cujas extremidades se prendem ao chapéu para segurá-lo e passam por debaixo do queixo.

Figura 22 – Vestimentas dos peões na década de 1970 (primeira) e em 2011



Fonte: Acervo Memorial do Peão (1), Arquivo da autora (2) e Site “Os Independentes” (3 e 4)

Entre os peões da atualidade predomina o uso da calça *jeans*, coberta pela chaparreira que, assim como as camisas, são padronizadas e podem trazer as marcas de empresas patrocinadoras do evento. Nos acessórios, os chapéus de palha, embora presentes, vem sendo substituídos pelos de couro. Ostentar chapéu, bota e/ou cinto, conforme a moda do ano, é uma prática constante. Estes acessórios podem atingir preços nada modestos, se forem feitos de animais como avestruz ou jacaré.

No evento, estão presentes diversos vendedores destes acessórios *countries* (Figura 23), que se especializam neste tipo de produto e circulam o país por diferentes feiras agropecuárias, vindos de diversos locais, entre eles Campo Grande, no Mato Grosso (Entrevistado 10), sendo que este esteve em Barretos em outro evento, mas estava na Festa do Peão pela primeira vez.

Figura 23 – *Stands* de roupas, calçados e acessórios *countries* – Parque do Peão



Fonte: Arquivo da autora – 2010

Neste sentido, as vestes do público, dos comerciantes e dos peões estão diretamente relacionadas ao *country* e à moda internacional. A produção e o consumo de massa independem da matéria-prima regional, da história ou do clima local. Também não há grande influência dos tropeiros que marcaram o surgimento da cidade e que foram originalmente homenageados com a criação da Festa de Peão na década de 1950.

b) Linguagem

A pronúncia do “R” carregado de finais de sílabas, tido como característico do interior, ainda permanece na região de Barretos. Baseado em pesquisas pelo interior do estado de São Paulo, Setúbal (2005, p. 106) observa:

A maioria dos depoimentos coletados menciona a língua e o sotaque como definidores do ser caipira, como uma forma de alcançar o pertencimento como algo que os diferencia concretamente, muitas vezes como uma característica discriminatória por não fazer parte do linguajar culto e do sotaque aprovado e transmitido pela mídia dos grandes centros, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro.

Contudo, embora esse sotaque tenha se tornado característico do interior paulista, segundo Natali (s.d.), tem origem na capital do estado de São Paulo. Segundo a autora, o “R” retroflexo ou arrastado, que pode ser observado na região de Barretos, não é originalmente do interior paulista.

É o que afirma o professor da Universidade de São Paulo e pesquisador do CNPq Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, coordenador de pesquisas sobre a história e a variedade do português paulista às margens do Anhembi, antigo nome do rio Tietê. [...] O que conhecemos hoje como sotaque ou dialeto caipira seria, assim, resultado de expansão ocorrida nos séculos 16 e 17 por todo país, não apenas em São Paulo, o que explica a familiaridade que garantiu o sucesso de tipos tão estilizados como Jeca Tatu e Chico Bento. Segundo Almeida, esse sotaque surgiu da cultura de miscigenação colonial em núcleos familiares paulistas, compostos por

portugueses, índios de diferentes etnias e seus filhos mamelucos, e está em formação desde esses primeiros contatos ocorridos na extensa região do então planalto de Piratininga. A variedade se expandiu, a partir dos séculos 17 e 18, para o interior, tanto o paulista quanto o brasileiro, principalmente para Minas Gerais e o Centro-Oeste do Brasil, tendo como caminho as águas do Tietê, pela ação dos bandeirantes e monçoeiros (exploradores). Ao mesmo tempo, também para a região Sul, pela rota dos tropeiros [...] (NATALI, s. d., s. p.).

Assim sendo, o sotaque característico da região de Barretos tem origem na cidade de São Paulo e deve ter se expandido até a região de Barretos por intermédio dos bandeirantes. Este mesmo sotaque pode ser observado na Festa do Peão, não só entre os moradores de Barretos, mas também em diversos visitantes oriundos do interior dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná.

Na Festa do Peão, soma-se a este sotaque, tido como “caipira”, um vocabulário característico de rodeios, chamado por Gomes Jr (2005, p. 66) de “vocabulário *country*”. São inseridas nas falas “caipiras” palavras da língua inglesa como “cowboy” ou expressões que a misturam como “tá no *nylon*” (= mulher conquistada) (GOMES Jr, 2005, p. 66-67).

Na narração dos rodeios aparecem estas expressões a que Gomes Jr (2005, p. 66) se refere, fazendo um misto de “sotaque caipira” e “vocabulário *country*”, com versos próprios característicos de cada locutor desses eventos. Setúbal (2005, p. 75) destaca:

Para isso, o locutor não precisa de muitos recursos para sua animação, seu trabalho se apóia (sic) na entonação e no sotaque caipira. Essas estratégias de lingüística (sic) conduzem a uma identidade rural refletida na rusticidade e na simplicidade de forma e conteúdo.

Em relação às expressões, pôde-se perceber na cidade uma ainda utilizada por pessoas mais idosas, que é citada por Rocha (1954, p. 158): “Você está parecendo as éguas do Manoel Serafim” ou simplesmente “tá que nem as égua do Mané Serafim”, referindo-se a quem anda muito. Segundo Rocha (1954, p. 158), Manuel Serafim dedicava-se à criação de cavalos e possuía ótimas éguas, que eram vistas de longe, pelas estradas e outras fazendas. Neste trecho, o autor refere-se ao início do século XX, o que indica que a expressão preservada pode ser centenária.

Neste sentido, ainda que apresente palavras ou expressões inglesas, o “vocabulário *country*” (GOMES Jr, 2005, p. 66), a linguagem presente nos rodeios e, mais especificamente, na Festa de Barretos, seja em suas entonações, no sotaque ou nas expressões, mesmo apresentando influências norteamericanas explícitas,

ainda representa parcialmente a simplicidade da cultura do interior paulista e da ruralidade local.

c) Artesanato

O Programa de Artesanato Brasileiro do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (PAB/MDIC) considera artesanato:

[...] toda a produção resultante da transformação de matérias-primas com predominância manual, por indivíduo que tenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios (SEBRAE, 2011, p. 17).

Assim, através da identificação do artesanato comercializado na Festa do Peão, buscou-se analisar até que ponto ele tem suas raízes culturais na região de Barretos.

No Memorial do Peão, espaço expositivo da Festa, foi possível encontrar objetos característicos da cultura tropeira, como o guampo e a caneca confeccionados artesanalmente de chifres de boi, mas que pertencem ao acervo do clube “Os Independentes” e não aparecem à venda nos demais espaços da Festa (Figura 24).

Figura 24 – Objetos artesanais em exposição no Memorial do Peão



Fonte: Arquivo da autora, 2011

Circulando pelos espaços do Parque, foi possível observar nos espaços comerciais do evento a venda de objetos produzidos, manualmente, em madeira como placas esculpidas de flores ou que sinalizam banheiros e áreas de churrasco. Contudo, não se pode dizer que haja valor simbólico nos objetos produzidos em relação à história da Festa, pois estes não se relacionavam à tradição tropeira.

No geral, os objetos produzidos para venda aos visitantes configuram-se como *souvenirs*, uma vez que são lembranças da Festa feitas industrialmente, sem valor cultural agregado (Figura 25). Há duas modalidades de *souvenirs*: os “oficiais”, com a marca “Os Independentes” e que são comercializados dentro e fora do Parque, e os “não-oficiais”, produzidos por grupos diversos ao que organiza a Festa e comercializados em diferentes espaços da cidade, como canecos de *chopp*, camisetas, adesivos, entre outros.

Figura 25 – Loja de *souvenirs* oficiais no Parque do Peão e adesivo não-oficial



Fonte: Arquivo da autora, 2010/2011

Em 2010, no período da festa, durante observação no centro da cidade de Barretos, pôde-se encontrar comércio ambulante com trabalhos manuais. Um deles exibia objetos confeccionados em resina vinculados ao passado tropeiro da região (Figura 26). Estes objetos podem ser considerados, segundo a definição do SEBRAE, como artesanato, todavia, o senhor que os confeccionava não era residente de Barretos, mas sim proveniente da cidade de São Paulo. Os objetos expostos pelo paulistano eram réplicas de cavalos com selas de montaria e carros de boi, que retratam o trabalho da pecuária e do deslocamento de tropas. Segundo o criador dos objetos, eles são fruto do seu trabalho anterior no setor agropecuário, onde pôde observar e retratar detalhes dos animais.

Figura 26 – Venda ambulante de artesanato em resina no centro de Barretos



Fonte: Arquivo da autora, 2010

Outro comércio encontrado durante a Festa, dentro e fora do Parque do Peão, foi o de berrantes. Neste caso, tratava-se de artesanato ligado à atividade pecuária brasileira, não necessariamente barretense, já que aqueles que os produzem residem em outras cidades. Este tipo de comércio de artesanato acompanha os diversos eventos de rodeio que ocorrem em diferentes pontos do país.

Por se tratar de um comércio não-legalizado na praça central da cidade de Barretos, o artesão paulistano não foi encontrado em 2011, uma vez que a Prefeitura Municipal passou a monitorar as barraquinhas e ambulantes presentes no município durante a Festa. Segundo o próprio criador dos objetos, para se comercializar o material dentro do Parque do Peão deveria ser feito o pagamento por *stand* na feira comercial que, devido ao alto custo de locação, não traria lucro que compensasse seu deslocamento até Barretos.

Ainda durante a observação de trabalhos artesanais presentes na Festa do Peão, pôde-se perceber, no espaço do Rancho do Peãozinho, uma Feira de Artesanato Indígena (Figura 27), mas que nenhuma relação tem com os índios Caingangues que habitaram a região de Barretos (como citado no Capítulo II). Estes, segundo Gomes Jr (2005, p. 58), são “índios vindos diretamente da Amazônia, que ficam [...] dentro do Rancho do Peãozinho durante os dias do evento. Com direito a oca, artesanato e todas as tradições [...]”, disponibilizam para a venda utensílios de cozinha, como colheres, potes e pilões em madeira, bem como adereços e objetos característicos da sua cultura, como arcos e flechas.

Figura 27 – Feira de Artesanato Indígena presente no Rancho do Peãozinho



Fonte: Arquivo da autora, 2010

Os poucos trabalhos manuais presentes na Festa do Peão de Barretos não se configuram como artesanato local, por não possuir identidade com a história da região e/ou não serem produzidos na mesma.

d) Música

Um elemento que preponderantemente seguiu os moldes internacionais no processo de globalização e massificação cultural na Festa do Peão foi a música. Os principais palcos do Parque apresentam os artistas que têm destaque na mídia, independentemente, muitas vezes, da sua relação com as culturas tropeira ou *country*. Pequenos palcos, todavia, têm a função de manter a tradição “caipira”.

Setúbal (2005, p. 127-128) comenta as transformações pelas quais a própria música “caipira” passou:

A música caipira de raiz estava vinculada, na sua origem, às comemorações comunitárias rurais, ela era parte das festas populares, tanto profanas como religiosas. Ikeda ressalta que muitas dessas músicas têm influência dos jesuítas, que ensinavam os curumins durante a catequese misturando características da música indígena e da música portuguesa. É o caso do cururu e do catira (sic), típicos do interior paulista.

Na primeira década do século XX, continua o autor [Ikeda] a música caipira começa a ter evidência na capital de São Paulo e aos poucos se transforma em espetáculo artístico popular de consumo sob o nome de “música sertaneja”, com diversas influências da moda e dos interesses do mercado. [...] passa a se destacar nas festas de rodeio em São Paulo e em todo o país.

A música no mundo caipira integra uma roda de amigos, uma cavalgada, romarias e, obviamente, as festas.

Diferenciando as chamadas “música sertaneja”, “música de raiz” e a “música *country*”, Setúbal (2005, p. 71) aponta que:

Desvinculada de sua realidade, das cerimônias e dos rituais que antes a acompanhavam, a música sertaneja é produto da indústria cultural de massas, configurando-se como sucesso de público, porque é simples, sem explícita (sic) confrontos e expressa o desejo de sucesso das camadas populares. Duplas caipiras ou sertanejas bonitas, bem vestidas e produzidas com todo um aparato de mídia e tecnologia perpassam as mais diversas camadas sociais, especialmente nas cidades do interior. Em contrapartida a esse modelo, surge a chamada “música de raiz” com o objetivo de resgatar algo mais autêntico e puro em relação às origens da música caipira. Mas seria apenas a partir da década de 1980, e especialmente dos anos 1990 com a modernização rural com base no modelo americano de maximização da produtividade agrícola e com a consolidação da indústria cultural, que a cultura *country* ganharia força, embora a influência americana nas diversas instâncias brasileiras já fosse uma realidade há bastante tempo, e se consolidaria com certa naturalidade, sem confrontos com a cultura popular.

Seguindo os moldes citados anteriormente, em Barretos, no palco do estádio de rodeios, muitos efeitos audiovisuais complementam as apresentações para até 100 mil pessoas. Os *shows*, entre eles sertanejos, estão entre os fatores mais apontados nas entrevistas como motivadores das visitas à Festa (Entrevistados 02, 20, 21, 22, 24, 42), bem como se apresentam como “aspectos positivos” do evento (Entrevistados 16, 21, 25, 26, 38, 43, 53, entre os primeiros fatores indicados). Telões, *shows* de luzes, fogos de artifício, efeitos eletrônicos juntam-se às vozes dos artistas, poucas vezes acompanhados de viola ou com um repertório de “música raiz”.

Nos principais meios de divulgação da Festa do Peão, aparecem em destaque artistas reconhecidos nacionalmente (ou até mesmo internacionalmente), seguindo os nomes de projeção na mídia. Os violeiros, que ainda fazem música caipira, com temas relacionados ao trabalho rural, restringem-se a pequenos palcos ou realizações, como os Palcos “Pau do Fuxico” e “Raízes Sertanejas” (Figura 28) e a atividade da “Queima do Alho”.

Figura 28 – Música Caipira nos Palcos “Pau do Fuxico” e “Raízes Sertanejas”



Fontes: Arquivo da autora – 2010 e Site “Os Independentes”, 2012

Estes pequenos palcos possuem poucos recursos sonoros, apenas caixas de som e microfones, e nenhum recurso visual-eletrônico. Em alguns há algumas cadeiras e mesas de plástico para o pequeno público e um tablado que deixa os artistas a poucos centímetros do chão. Nos palcos maiores tem-se música eletrônica, axé e samba (com a presença, inclusive, de escola de samba), figuram também os novos “sertanejos”, chamados “sertanejos universitários”⁷⁹.

Músicas como “Romaria” (de Renato Teixeira), “Menino da Porteira” (de Teddy Vieira e Luizinho, gravada por Sérgio Reis, Tonico e Tinoco, entre outros) ou “Tocando em frente” (de Almir Sater e Renato Teixeira) dão espaço a músicas de refrões fáceis como “Ai se eu te pego”, “Tchê tcherere tche tchê...”, cantadas por jovens, com imagens de fácil venda na mídia, como Michel Teló, Gustavo Lima e Luan Santana, além das duplas do “sertanejo universitário”, como Fernando e Sorocaba ou Jorge e Matheus, que lotaram o estádio de rodeios em Barretos nas últimas edições da Festa.

Historicamente, Rocha (1954) cita, em diversos trechos de sua obra, a presença da viola nos momentos de lazer do barretense, entre eles: “viajantes vindos dos portos ou das bandas de Jabuticabal, já do alto dos morros, ouviam sanfonas, violas e as vozes plangentes interrompidas pelos sapateados e palmas do cateretê⁸⁰” (p.138). Neste sentido, Barretos realiza, desde 1984, a “Violeira”, o “mais

⁷⁹ Em alguns casos, caracterizam-se por rapazes e moças que se conheceram na universidade e decidiram seguir a carreira musical, ou simplesmente têm um público jovem, sejam eles universitários ou não.

⁸⁰ O mesmo que Catira.

antigo e importante festival de música raiz que se tem notícia”⁸¹. Embora o festival seja promovido pelos “Independentes”, a Violeira não integra a programação da Festa do Peão, ocorrendo no mês de junho.

Pode-se assim dizer, que nas apresentações musicais a Festa de Barretos preserva referenciais culturais dos antigos tropeiros apenas em pequenos espaços, destacando, nos seus palcos principais, preponderantemente artistas que têm projeção na mídia, independentemente do gênero musical.

e) Dança

Analisando-se, ainda, os referenciais culturais presentes na Festa do Peão, tem-se a dança. Ela acompanha as mesmas tendências da música, uma vez que está diretamente relacionada a ela. Assim, o tipo de dança depende da música executada, ou seja, dentro do Parque do Peão se dança samba, axé, música eletrônica, entre outros gêneros. Preservou-se somente o cateretê ou catira (Figura 29), principalmente na realização da Queima do Alho.

Figura 29 – Apresentação do Grupo de Catira no Rancho Ponto de Pouso



Fonte: Site “Os Independentes”, 2012

Conforme colocado no Capítulo III, o Concurso de Catira já integrava a programação da Festa do Peão Boiadeiro de Barretos em sua primeira edição e foi preservado em espaços como o Ponto de Pouso, onde se realiza também a Queima

⁸¹ Música sem ritmo eletrônico, executada à viola 10 cordas, que apresenta, em sua letra, tradições sertanejas e costumes estradeiros, referindo-se aos peões que tocaram boiada. Fonte: Regulamento da “Violeira”, no site Os Independentes.

do Alho, o Concurso de Berrantes, entre outras atividades mais vinculadas às tradições.

Desta forma, pode-se perceber que este patrimônio imaterial – a Catira – vem sendo preservado, mesmo que de maneira modesta, não só nas quase seis décadas de realização da Festa do Peão, mas desde o surgimento do povoado e posterior município de Barretos. Embora a catira ainda seja dançada na Festa do Peão, ela ocupa poucos espaços, de tal forma que não foi mencionada em nenhuma das entrevistas realizadas como um aspecto positivo ou indutor de visitas no evento.

Outros gêneros musicais têm passos ensaiados pelas comitivas que se deslocam até Barretos, principalmente a música *country*. Além deste, música eletrônica, axé e samba são dançados na Festa. Completando os espetáculos, como foi em 2010 e 2011, teve-se a participação da escola de samba Unidos da Tijuca, com passistas e ala das baianas (Figura 30).

Figura 30 – Participação da Escola de Samba Unidos da Tijuca na Festa do Peão



Fonte: Arquivo da autora, 2011

Neste sentido, pode-se dizer que a dança também passou por um processo de massificação cultural, dando espaço a produtos de destaque na mídia, que passaram a compor o espetáculo da Festa.

f) Arquitetura

Do ponto de vista arquitetônico, a Festa de Barretos apresenta diversas transformações ocorridas no tempo e espaço. A própria mudança de espaço (comentada no Capítulo III), do antigo Recinto, inserido na cidade, para o Parque do Peão, de localização periférica, foi uma delas. O próprio Parque do Peão apresentou transformações no seu espaço interno ao longo dos seus já 27 anos de existência.

Uma referência arquitetônica forte do Parque do Peão que retrata o “moderno” na Festa é o Estádio de Rodeios, assinado pelo já citado arquiteto Oscar Niemeyer. Além das arquibancadas desenhadas pelo arquiteto, o espaço ainda possui estrutura de telões, palco, camarotes, equipamentos de som e iluminação da melhor qualidade. Toda esta estrutura permite as apresentações e montarias na Arena de forma sofisticada. Trata-se de verdadeiros espetáculos audiovisuais.

O projeto inicial tem a concepção de uma arquibancada em formato de ferradura, remetendo à atividade pecuária. Tal formato, com os camarotes, palco e bretes⁸², pouco pode ser observado pelos participantes da Festa, sugerindo a estrutura de um estádio comum, igual aos utilizados para as diversas práticas esportivas e *shows* em outras cidades.

Característicos também dessa arquitetura moderna, são os totens elevados e luminosos, sinalização em dois idiomas, vias asfaltadas, estrutura de heliporto, entre outros projetos que pouco remontam à lida no campo ou aos antigos circos de touradas alugados para montaria nas primeiras edições de Festa.

Nas construções dos ranchos, sobretudo dos utilizados para festas (Figura 30), podem-se observar diversos recursos e formatos modernos, bem como referências *countries*, tanto na estrutura e na decoração, quanto no nome e sinalização, alguns remetendo aos filmes de faroeste americano.

Os ranchos familiares são espaços particulares (de um único proprietário ou um grupo), onde os barretenses se alojam durante a Festa, fazendo suas refeições e passando as noites sem necessidade de se deslocar até o centro da cidade, podendo receber convidados e promover festas menores dentro da grande Festa. No geral, têm decoração rústica, com grande utilização de madeira em suas estruturas, remetendo a casas de chácara ou fazenda. Alguns deles têm nomes que remetem a um espaço de convivência de amigos, como Laços de Amizade (Figura 31), Harmonia e Amigão. Os mesmos são utilizados fora da época de Festa do Peão para festas particulares como aniversários e casamentos.

Outros ranchos se destinam a eventos mais abertos, geralmente vinculados a empresas, que podem abrir espaço para funcionários ou para visitantes da Festa. Estes pagam uma quantia extra, não inclusa no valor do ingresso de acesso ao Parque, desfrutando de “presenças VIPs” (artistas, jogadores de futebol, ex-

⁸² Corredores e cercados onde os animais ficam dispostos antes das montarias.

participantes de *reality shows*), bem como de atrações fora da programação oficial de “Os Independentes”.

Um destes é o *Brahma Country* (Figura 31), que em 2011 contou com *shows* de Paula Lima, Arlindo Cruz, Frejat, Dudu Nobre, Leci Brandão, além de atrações como *Stand up Comedy*⁸³. Além do “country” no nome, este rancho conta, em sua decoração, com uma placa “Saloon” na fachada, remetendo aos antigos bares do Velho Oeste estadunidense.

Figura 31 – Ranchos Laços de Amizade e *Brahma Country*



Fonte: Arquivo da autora, 2012

Os ranchos estão dispersos em torno do estádio de rodeios, do lado oposto ao Rancho do Peãozinho, próximos ao Rancho Oficial de “Os Independentes” (Ponto de Pousa) e aos estacionamentos, para os quais há entrada exclusiva para sócios, de fácil acesso às suas construções.

O espaço que concentra o maior número de referências ao dia-a-dia do tropeiro é o da pequena mata onde se encontra o Rancho Ponto de Pousa (Figura 32), no qual se realiza a atividade de Queima do Alho. Como os peões faziam paradas em locais com poucos recursos estruturais, este rancho possui também esta característica, com poucas coberturas para os trabalhos das comitivas durante o feitiço da comida e com alguns objetos que referenciam a cultura rural, como carroças.

⁸³ Observação da autora.

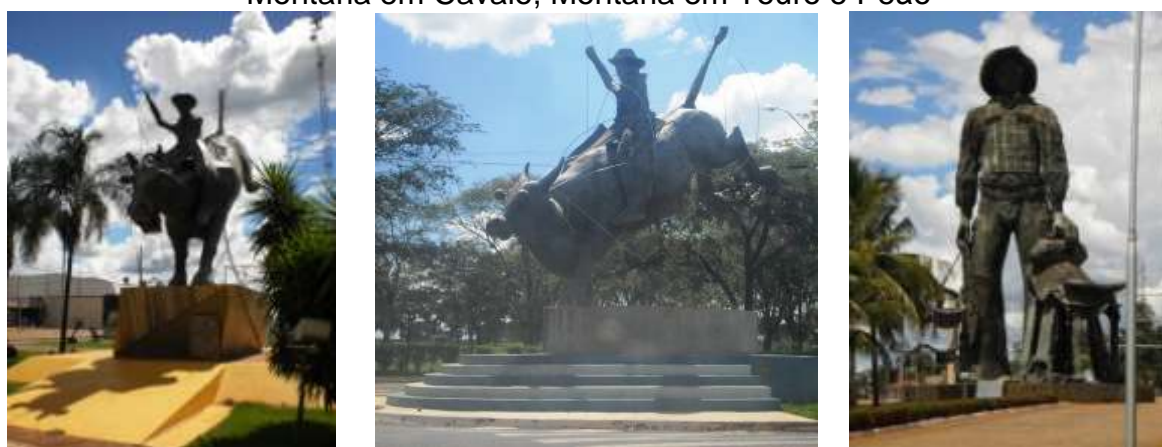
Figura 32 – Rancho Ponto de Pouso



Fonte: Arquivo da autora, 2012

A presença de monumentos no Parque ilustra bem esta situação de convivência entre o “caipira” e o “country” (Figura 33). Se, por um lado, possui um monumento de 7 metros de altura em homenagem à montaria em cavalos (de 2009), atividade que surgiu como esporte no Brasil na cidade de Barretos, por outro, também apresenta um monumento de mesma altura dedicado à montaria em touros (de 2009) e outro em homenagem ao peão moderno (de 2005), ambos de influência estadunidense. Este último é o chamado Jeromão, com 27 metros de altura e 170 toneladas⁸⁴. Os monumentos encontram-se distribuídos por todo o Parque, sendo que o “Jeromão” tem destaque não só pelo seu tamanho, mas também pelo posicionamento de frente para a entrada de pedestres.

Figura 33 – Monumentos do Parque:
Montaria em Cavalo, Montaria em Touro e Peão



Fonte: Arquivo da autora, 2011

⁸⁴ Medidas disponíveis no *site* Os Independentes.

Outro monumento presente no Parque que vem corroborar a influência da mídia sobre a Festa é a réplica do Touro Bandido (Figura 34), animal de montaria que em 2005 ficou conhecido nacionalmente por meio das gravações da novela América, da Rede Globo de Televisão, produção que teve como personagem um peão de rodeios e que filmou alguns de seus capítulos em Barretos. Este monumento localiza-se ao lado do Memorial do Peão e sua construção data de 2009.

Figura 34 – Monumento do Touro Bandido ao lado do Memorial do Peão



Fonte: Arquivo da autora, 2011

Avaliando o espaço do Parque como um todo, pode-se afirmar, portanto, que ele pode ser considerado como um espaço híbrido culturalmente, todavia, com predominância *country* na atualidade.

g) Fé/ Religiosidade

O Peão, por se tratar de um trabalhador que passava por diversas dificuldades nos deslocamentos com as boiadas, conforme colocado no Capítulo II, podia chegar à morte no próprio trajeto. Assim, ele se utilizava da sua fé como forma de proteção pelos caminhos de tropas.

Devido à colonização portuguesa e à herança jesuítica, o interior do Brasil apresenta, em seu patrimônio religioso, diversos elementos católicos, seja em suas orações ou símbolos. “Assim, a religião católica está sempre presente nas comemorações e nas festas oficiais do calendário, que permeiam toda a vida social desde as épocas mais antigas” (SETÚBAL, 2005, p. 113).

Com relação à forma de expressão da religiosidade, Setúbal (2005, p. 113) comenta:

Nesse contexto, a religiosidade, considerada como aspecto fortemente identificado com o caipira no seu sentido mais amplo, de homem do interior, tem nas obras sacras – igrejas e santos – uma expressão importante do patrimônio cultural paulista, [...].

Desta forma, embora as dificuldades de trabalho do peão estradeiro fossem diferentes das dos peões de rodeio, estes preservam até hoje a adoração à imagem de Nossa Senhora, bem como sua oração no início das atividades.

Antes das apresentações de montaria, pôde-se observar, na Festa de Barretos, momentos de oração, nos quais peões e público se emocionam (Figura 35). Na abertura de algumas etapas do rodeio, a entrada de Nossa Senhora Aparecida pode tornar-se um verdadeiro espetáculo, com fogos, luzes e músicas.

Figura 35 – Momento de oração na abertura do rodeio na Festa do Peão



Fonte: Site “Os Independentes”, 2012

Tradicionalmente, os peões de rodeio pedem a proteção de Nossa Senhora antes da montaria, podendo levar em seu chapéu uma imagem da mesma. Gomes Jr (2005, p. 80) escreveu:

Já virou tradição: antes de começar o rodeio, Pedro da Santa percorre a arena carregando uma grande imagem de Nossa Senhora Aparecida. Os peões, um a um, beijam a santa e pedem a proteção. A platéia (sic) reza uma Ave Maria. E só depois desse ritual o rodeio começa. Aí, sim, todos estão prontos para enfrentar as feras que os aguardam no brete.

A imagem de Nossa Senhora Aparecida pode ser encontrada em diferentes pontos do Parque (Figura 36). O Memorial do Peão abriga uma imagem benzida pelo Papa Bento XVI, quando de sua vinda ao Brasil em 2007⁸⁵. Uma imagem da

⁸⁵ Informação disponível no Memorial do Peão de Barretos.

Santa é levada pelos peões já na Arena, no momento de abertura das atividades. Os pequenos palcos do Parque ostentam a bandeira em homenagem a mesma.

Figura 36 – N. Sr^a. Aparecida no Memorial do Peão e Palco “Pau do Fuxico”



Fonte: Arquivo da autora, 2010-2012

Na pequena mata do Rancho Ponto de Pousa, conhecida como “matinha”, encontra-se um dos referenciais do peão brasileiro melhor preservado na Festa de Barretos: um Oratório a Nossa Senhora Aparecida (Figura 37), também chamado de Oratório dos Peões. Trata-se de uma tradicional representação da fé à Santa Padroeira dos Rodeios.

Figura 37 – Oratório dos Peões no Rancho Ponto de Pousa



Fonte: Arquivo da autora, 2012

Estátuas, imagens e oratório são elementos presentes na Festa que representam a fé dos peões. Trata-se de expressões do catolicismo popular, símbolo da cultural imaterial dos peões. Não se pode determinar limites para a fé, mas seus símbolos estão presentes em todo o Parque do Peão.

h) Gastronomia

Circulando por todo o Parque do Peão, pôde-se observar que o mesmo dispõe de diversas opções de alimentos e bebidas (Figura 38), apresentando, em sua praça de alimentação, desde doces caseiros e pequenas padarias, até grandes redes de *fast-food*.

Figura 38 – Barracas de alimentos e bebidas no Parque do Peão



Fonte: Arquivo da autora (2010)

Contudo, a Festa do Peão Boiadeiro de Barretos preserva um referencial gastronômico diversas vezes citado neste trabalho: a Queima do Alho. Setúbal (2005, p. 21) comenta:

A permanência da culinária caipira como um costume que se preservou através dos séculos é um dos indícios da importância dessa manifestação cultural na vida paulista, apesar de toda a incorporação de alimentos e comidas trazidos pelos imigrantes. As farinhas de mandioca e de milho, herança indígena que faz parte da alimentação paulista desde o século XVI, acompanham outras comidas, como a carne seca, o sal, o toucinho e o feijão, dieta básica dos tropeiros.

A Queima do Alho é feita em fogo de chão (fogão improvisado muito próximo ao chão). Ela consiste no feitiço de arroz carreteiro, feijão tropeiro, carne de churrasco e paçoca de carne (esta à base de carne seca e farinhas de milho e de mandioca)⁸⁶, seguindo-se as tradições dos antigos tropeiros que iam à frente da

⁸⁶ Fonte: Site Os Independentes

tropa “queimar o alho” para quando os demais peões chegassem para a refeição (Figura 39). Quando esta fica pronta, se avisa através do toque do berrante.

Figura 39 – Comitivas e Queima do Alho



Fonte: Arquivo da autora (2010) e Site “Os Independentes” (2012)

Sempre no segundo sábado de Festa é feito o concurso da Queima do Alho, no qual não só o tempo de cozimento, mas também o sabor e a tradição tropeira são considerados na nota final das refeições. A mesma é realizada entre comitivas urbanas que disseminam estas tradições gastronômicas por outras cidades do país.

Setúbal (2005, p. 57-58) comenta a importância deste patrimônio para a cultura paulista:

A comida é outro componente fundamental na cultura paulista, tendo incorporado contribuições dos diferentes grupos de imigrantes e migrantes. É interessante notar a força desse patrimônio cultural imaterial que, mesmo assimilando continuamente novas referências, foi capaz de seguir quatro séculos de nossa existência: alimentos básicos de nosso cotidiano têm origem indígena, como a mandioca e o milho, e os doces caseiros persistem desde a época do açúcar e do café, nos séculos XVIII e XIX.

Além da importância histórica da utilização de determinados alimentos, a Queima do Alho ainda vem carregada de valor simbólico para a cultura caipira/tropeira, transcendendo as questões materiais. Seu pedido de tombamento como Patrimônio Histórico Imaterial está relacionado ao saber-fazer⁸⁷.

Segundo o coordenador da Queima do Alho, o “Independente” João Paulo Martins, três Ministros da Cultura já passaram pelo Rancho Ponto de Pousos: Gilberto

⁸⁷ Quando de seu mandato como Ministro da Cultura, Gilberto Gil sugeriu que a Queima do Alho fosse tombada como Patrimônio Nacional, iniciativa para a qual dependeria da decisão da Assembleia e do Senado. Este referencial cultural ganhou espaço na realização da Rio+20 em 2012 (OPS, 2012)

Gil, que há seis anos propôs o tombamento da atividade como patrimônio brasileiro; Anna Maria Buarque de Holanda, que também demonstrou vontade política intervindo junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, e convidando os organizadores para participarem como expositores do referencial gastronômico na Conferência Rio +20; e a atual Ministra Marta Suplicy, então Senadora da República quando de suas passagens por Barretos, mas que, segundo Martins, também acenou positivamente para o tombamento. Contudo, o processo ainda não foi concluído, pendente de aprovação no Congresso Nacional⁸⁸.

Na Festa do Peão de Barretos, a Queima do Alho ainda reúne o berrante, a música de viola, a Catira, formando-se todo um espaço de simplicidade no rancho Ponto de Pousa, da cultura do campo, sem a preocupação de atender milhares de pessoas num grande espetáculo.

A Queima do Alho chega a receber comitivas que, mesmo com as facilidades de transportes automotores, deslocam-se em tropas, com animais tralhados, vestidos como os antigos tropeiros e que, passando de geração em geração, preservam os detalhes do que é simples, próprio da sua história e característico da sua cultura.

Pôde-se concluir, desta forma, que, mais que o rodeio, que confere a Barretos o título de “berço” desta atividade no Brasil, a Queima do Alho preserva referenciais relevantes da história local, que remontam à “Capital do Boi”, ainda anterior à criação da Festa do Peão Boiadeiro, permitindo, para além das montarias, se entender um pouco da formação e das transformações pelas quais a região passou.

A partir da análise dos elementos culturais da Festa do Peão Boiadeiro de Barretos, pôde-se perceber as diversas influências que a cultura local assimilou, bem como o patrimônio local preservado. Assim, dois principais espaços de resistência cultural podem ser apontados no Parque: o Memorial do Peão e o Rancho Ponto de Pousa. No tópico a seguir aprofunda-se a análise sobre estas diferenciações espaciais.

⁸⁸ Informações cedidas pelo senhor João Paulo Martins, em entrevista no dia 13 de fevereiro de 2013. O Coordenador da Queima do Alho acredita que o processo esteja encaminhado em cerca de 80% dos processos burocráticos que se fazem necessários para o tombamento.

4.2 AS DIFERENCIAÇÕES CULTURAIS INTERNAS NO ESPAÇO DO PARQUE

Desde 1985, a Festa vem se desenvolvendo no Parque do Peão Boiadeiro. Este parque dispõe de uma infraestrutura composta por diferentes espaços, cada qual com sua função específica. A Praça da Alimentação (Figura 40) proporciona aos visitantes a possibilidade de permanecer mais tempo na Festa, consumindo alimentos e bebidas. Na sua configuração espacial não há uma preocupação em seguir a tematização da Festa. O Camping (Figura 40) é um local de apoio que visa manter o visitante próximo da festa a preços mais acessíveis, tendo também apenas uma função infraestrutural. Outros espaços do Parque assumem ainda essa função de apoio, entre eles, os Ranchos, a Casa dos Artistas, a Feira Comercial, o Estacionamento e a Bilheteria. Dentre estes, os responsáveis pelos Ranchos e pela Feira Comercial procuram criar ambientes *countries* e/ou “de raiz”.

Figura 40 – Praça de alimentação e Camping no Parque do Peão



Fonte: Arquivo da autora, 2010

O Parque do Peão (Figura 41) apresenta diversos espaços culturais e esportivos. O Estádio, no qual se localiza a Arena (rever a Figura 30), abriga atividades tanto culturais como esportivas. Entre os espaços culturais estão: o Berrantão, um Centro de Eventos com capacidade para quatro mil pessoas⁸⁹ (Figura 42); o Palco Esplanada (Figura 42); a Palco Nativa (Figura 42); o Ponto de Pousa (rever a Figura 32); o Memorial do Peão (Figura 42) e o Parque do Peãozinho (rever Figuras 13 e 26). As atividades esportivas se utilizam do Estádio e também de dois espaços exclusivos: as Hípicas (Figura 43).

⁸⁹ Fonte: Guia Turístico de Barretos Oficial 2007/2008.

Figura 41 – Croqui do Parque do Peão Boiadeiro com seus diferentes espaços



Figura 42 – Espaços para atividades culturais do Parque do Peão: Berrantão, Palco Esplanada, Palco Nativa e Memorial do Peão



Fonte: Arquivo da autora 2010/2011

Figura 43 – Espaços para atividades esportivas do Parque do Peão: as Hípicas



Fonte: Site "Os Independentes"

Analisando-se o *folder* de programação da 56ª Festa do Peão Boiadeiro de Barretos, em 2011, podem se destacar algumas características presentes nestes espaços culturais/esportivos, apontando as atividades desenvolvidas em cada um, bem como a classificação destas (Quadro 1). Procurou-se classificar os espaços em: predominante *country*, predominante “de raiz” e misto, sendo este último aquele onde há certo equilíbrio entre atividades *countries* e “de raiz”. No caso de total ausência de cultura *country* ou “de raiz”, as características do espaço foram classificadas como outras.

Quadro 1 - Características dos principais espaços culturais/esportivos do Parque do Peão, segundo as atividades e classificação destas

ESPAÇO	ATIVIDADES	CLASSIFICAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Hípicas (1 e 2)	Montarias: - <i>Working Penning</i> - <i>Ranch Sorting</i> - <i>Bulldog</i> - Três Tambores (<i>Breeder's Cup</i>) - <i>Team Penning</i>	Esportiva	Predominante <i>Country</i>
Estádio	Montarias: - <i>Working Penning</i> - <i>Bulldog</i> - Três Tambores (<i>Breeder's Cup</i>) - Rodeio em Touros - <i>Team Penning</i> - Cutiano - Sela Americana - <i>Bareback</i> Premiação	Esportiva	Predominante <i>Country</i>
	Shows musicais: - Escola de Samba - Sertanejo de raiz - Sertanejo Universitário - Forró - Sucesso do momento (sem preocupação com gênero musical)	Artística	Mista
	Orações	Religiosa	Predominante "de raiz"
Nativa	Shows Musicais - <i>Country</i> - Sertanejo Universitário - Vanerão - Pop - Eletrônico	Artística	Mista
Berrantão	Shows Musicais: - Sertanejo Universitário - Eletrônico - Pop - Samba - Axé - Rock - Reggae	Artística	Mista
Esplanada	Shows Musicais: - Sertanejo de raiz - Sertanejo Universitário - <i>Country</i> - Pagode	Artística	Mista
Rancho do Peãozinho	Montarias	Esportiva	Mista
	Missa Sertaneja	Religiosa	Predominante "de raiz"
	Concurso Rainha do Peãozinho	Artística/ Competitiva	Predominante <i>Country</i>
	Brinquedos Ações Educativas	Lazer/ Entretenimento	Mista
	Tribo Indígena	Artesanal	Outras
Memorial do Peão	Visitação	Museu	Mista

Ponto de Pouso	Festival Gastronômico – Queima do Alho	Gastronômica	Predominante “de raiz”
	Música/ Berrante Dança	Artística	
	Fé/Imagens/Orações	Religiosa	

Fonte: Folder de programação da 56ª Festa do Peão Boiadeiro de Barretos (2011). Org. da autora.

Os espaços esportivos do Parque são marcados por atividades predominantemente *countries*, ligadas a modalidades de montarias. Grande parte das atividades de montarias foi, ao longo do tempo, adquirindo características estadunidenses, sobretudo após a internacionalização do Rodeio em 1993. As atividades de montaria ocorrem tanto no Estádio quanto nas Hípicas. Uma modalidade esportiva de montaria que só ocorre nas Hípicas é a *Ranch Sorting*. Algumas atividades de montaria só ocorrem no Estádio, como é o caso do Rodeio em Touros, Cutiano, Sela Americana e *Bareback*. As modalidades *Working Penning*, *Bulldog*, Três Tambores (*Breeder’s Cup*) e *Team Penning* são comuns a todos os espaços esportivos da Festa.

Figura 44 – Modalidades de montarias: Cutiano, Sela Americana e *Bareback*



Fonte: Gomes Jr, 2005

Entre as modalidades de montarias, o Cutiano é a categoria de montaria em cavalo, tipicamente brasileira, pela qual se referem a Barretos como “Berço do Rodeio no Brasil”. Segundo Gomes Jr (2005, p. 73), o estilo “é caracterizado pela falta de apoio do competidor resistindo aos sacolejos dos pulos do animal com apenas o uso de uma das duas cordas, amarradas à peiteira do cavalo”. As demais têm outras origens, predominantemente norteamericanas, inclusive as que foram incluídas a partir da integração de Barretos no Circuito Internacional de Rodeio.

Tanto a modalidade *Team Penning*, quanto a *Ranch Sorting* e a *Working Penning*, são atividades de apartação, que consistem em, montado(s) em cavalo(s), separar um pequeno número de bezerros de um grupo maior. A diferença é que a

Team Penning e a *Ranch Sorting* são atividades desenvolvidas em grupos de peões, geralmente três e dois respectivamente, enquanto a *Working* pode ser realizada por apenas um peão. Segundo Gomes Jr (2005, p. 72), “*Team Penning* é a modalidade *western* que mais cresce no Brasil”.

Ainda segundo Gomes Jr (2005, p. 72), o *Bulldogging*:

Foi introduzido no Brasil em 1988 pelos primos Guilherme e Henrique Prata e por Paulo José Manno, os primeiros brasileiros a praticar a modalidade em Presidente Prudente, no Estado de São Paulo. O *Bulldogging* é praticado por dois competidores que tem como objetivo virar e derrubar ao chão um garrote no menor espaço de tempo. Um cavaleiro cerca o animal enquanto o outro trata de agarrar seus chifres e derrubá-lo à unha, literalmente.

Trata-se de uma categoria polêmica, uma vez que, em 2011, pôde-se observar um bezerro morto após a atividade, quando o peão que deveria derrubá-lo quebrou seu pescoço, levando a críticas severas por parte de membros de organizações protetoras dos animais.

Também muito debatida entre ativistas que buscam proteção de animais, está a *Bareback*, modalidade na qual se utiliza de esporas na montaria de cavalos. Esta modalidade apresenta as seguintes características:

Montaria em pêlo (sic) em cavalo é uma prova originária dos Estados Unidos, na qual o competidor, na saída do brete, “marca o animal” posicionando as duas esporas, sem pontas, no pescoço do cavalo. Em seguida ele simultaneamente puxa as esporas, fazendo com que as pernas alcancem a alça do “bareback” (uma espécie de alça de couro sobre o cavalo posicionada na cernelha do animal). Esta alça é segurada com uma das mãos como ponto de apoio. A prova também tem oito segundos de montaria e, neste tempo, o competidor tem que ficar sobre o animal, esporeando-o, de maneira que elas corram livremente pelo pescoço do cavalo. A posição do competidor durante a montaria é quase horizontal (GOMES Jr, 2005, p. 73).

A Sela Americana, modalidade de origem estadunidense, também consiste na montaria em cavalos. Há, contudo, uma diferença do posicionamento do peão sobre o animal (tentando manter-se mais verticalmente) e a utilização de sela. Apenas nesta modalidade há o uso da sela em cavalos, nas demais a montaria se dá diretamente na pelagem do animal.

A “Montaria em Touros”, também presente nas atividades esportivas da Festa, tem sua origem nos Estados Unidos e é hoje a grande atração dos rodeios internacionais. “Na montaria em touros é usada a chamada corda americana com polacos (sinos). O atleta tem que, obrigatoriamente, usar luva de couro na mão que

segura a corda e coletes de segurança, com uso opcional de capacetes, para evitar acidentes” (GOMES Jr, 2005, p. 74). O objetivo é, com o uso de apenas uma mão na corda, manter-se por, no mínimo, oito segundos sobre o animal, valendo para a pontuação o desempenho do peão e do animal.

A “Três Tambores” é uma modalidade exclusiva para as mulheres, que consiste em contornar três tambores, sem derrubá-los, e retornar ao ponto de partida no menor tempo possível, exigindo das competidoras habilidade e velocidade, bem como harmonia com o animal. Derrubar um dos tambores implica em penalidade, acrescentando alguns segundos ao tempo final de prova.

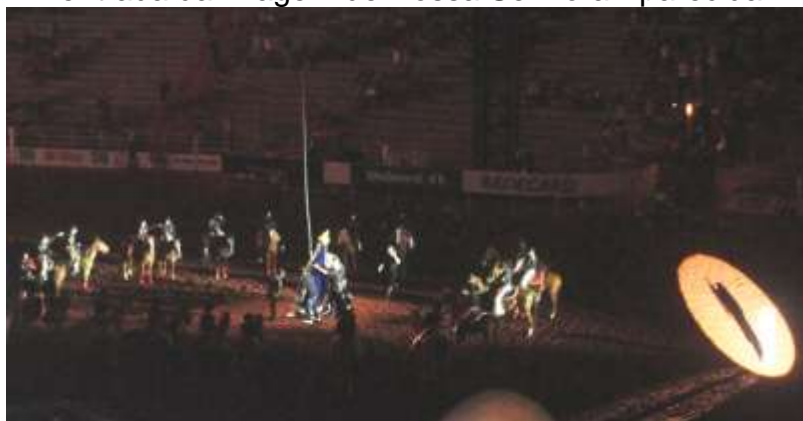
Todas estas modalidades de montarias compõem um conjunto de provas que formatam as atividades de Rodeio propriamente ditas. A premiação dos primeiros colocados em cada prova é uma atividade muito aguardada pelos presentes e acontece também no espaço do Estádio.

Descritas todas as modalidades de montarias, pode-se perceber a influência internacional *country* na Festa de Barretos, principalmente no que diz respeito à parte esportiva do evento, que se concentra principalmente nas hípicas e arena do estádio de rodeios. Desta forma, observa-se que para se integrar o “Circuito Internacional de Rodeios” foi necessário se abrir a atividades de montaria vinculadas a outras culturas, que não necessariamente a dos tropeiros.

No Estádio, além de atividades esportivas, também são realizados os maiores *shows*, com maior repercussão de mídia, caracterizando-se pela influência da cultura de massa na escolha das atrações. Entre as atividades deste espaço estão a apresentação de Escola de Samba e *shows* musicais com Sertanejo “de Raiz”, Sertanejo Universitário, Forró e sucessos do momento. Trata-se de atividades artísticas classificadas como mistas por combinarem diferentes estilos, entre eles o *country* e “de raiz”.

No Estádio destacam-se ainda atividades religiosas, com orações e canções à Nossa Senhora Aparecida, sendo que, na abertura das principais etapas do rodeio, espetáculos são realizados para a entrada da imagem da Santa na arena. Em 2011, com a utilização de iluminação especial e cabos de aço, uma réplica da imagem benzida pelo Papa Bento XVI (com mais de dois metros de altura) foi baixada de dentro da estrutura de telões (Figura 45). Em círculo com os animais e sem chapéus (em sinal de respeito), peões e amazonas aguardavam a imagem chegar ao solo, ao som da música Nossa Senhora, referências típicas “de raiz”.

Figura 45 – Atividade religiosa no Estádio de Rodeio: entrada da imagem de Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Arquivo da autora, 2011

Em relação aos palcos, o do “Estádio” pode ser considerado como principal do ponto de vista de quantidade de público e investimentos. Há, todavia, palcos de tamanho intermediário, como o “Palco da Esplanada”, o “Palco Nativa” e o “Berrantão”, além dos pequenos, “Pau do Fuxico” e “Raízes Sertanejas”. As características culturais das apresentações variam em cada um destes espaços.

Próximos à praça de alimentação há dois palcos de porte médio: o “Palco da Esplanada” e o “Palco Nativa”, este com o apoio da rádio Nativa FM. Ambos situaram-se, nas últimas edições da Festa, um de frente ao outro, separados por duas quadras onde o público pode circular ou parar para assistir às apresentações. Em seus repertórios, grande parte das apresentações é de “sertanejo universitário”, mas tem também pagode, vanerão, *country*, *pop*, entre outros gêneros musicais que seguem as tendências de massa. No “Palco Nativa” há ainda a apresentação de *shows* sertanejos de raiz. O “Palco do Berrantão”, recinto fechado localizado ao lado da praça de alimentação na área central do Parque, apresenta uma programação diferenciada, ainda mais diversificada que nos outros palcos. Nele, além dos gêneros citados, tem-se o samba, o axé, o *rock* e o *reggae*.

O Rancho do Peãozinho tem atividades diversificadas, esportiva, religiosa, artística e de lazer. O diferencial é o público que atende, ou seja, tais atividades se voltam especificamente para crianças. Nele se tem atividades de montaria infantil, que mesclam a cultura *country* e “de raiz”, e o concurso de rainha, este tipicamente *country*. Brinquedos e ações educativas têm a função de lazer e entretenimento. Nas suas dependências ocorre ainda a Missa Sertaneja, uma atividade religiosa “de raiz”, reunindo público de todas as faixas etárias. Sem qualquer referência à cultura

country ou “de raiz”, encontra-se ainda dentro do Parque do Peãozinho a tribo indígena vinda da Amazônia, expondo seu artesanato.

Comparando-se os espaços do “Rancho Ponto de Pousos” e “Memorial do Peão”, embora ambos sejam espaços de preservação da cultura tropeira, sobretudo com relação ao seu patrimônio imaterial, pode-se notar grande diferencial entre estes.

O “Rancho Ponto de Pousos”, por não ter como objetivo ser um grande espetáculo, atraindo alto número de público, preserva a simplicidade de viver do campo e dos caminhos de tropas. Ele permite que todos os que participam de suas manifestações sejam recebidos à maneira caipira, sem mesa posta ou utensílios rebuscados, fazendo suas refeições em pratos de alumínio, ao som da viola, com apresentação da Catira. Localiza-se em uma pequena mata, onde a sombra e o verde das árvores estão preservados.

Pode-se dizer que este é um espaço familiar, que reúne os interessados no patrimônio local com aqueles que possuem o saber-fazer. Neste sentido, pode-se dizer que durante a realização da Festa do Peão, o espaço do “Rancho Ponto de Pousos” (ou ainda toda a “matinha”) assume as referenciais culturais do peão na forma de um espaço vivo com a presença da Queima do Alho, música e dança “de raiz”, o som do berrante, além de atividades religiosas.

O “Memorial do Peão” preserva e torna público documentos muito importantes para a história do clube “Os Independentes”, como as atas de criação e posse da primeira diretoria, informações e imagens de seus membros e atividades desde a sua criação em 1955. Também apresenta imagens, objetos e máquinas da vida do peão como um todo, tendo como anexo, inclusive, um “Museu de Tratores”, onde se pode perceber a evolução destes instrumentos de trabalho rural.

Contudo, este espaço conta com a presença de apenas um senhor, dos “Independentes”, que acompanha a visita, agregando valor com a história oral. Os objetos expostos ficam estáticos, como é comum em museus. Trata-se das tralhas da Queima do Alho, das vestes do peão, das violas, dos utensílios domésticos comuns no meio rural e na vida tropeira (selas, pelegos, entre outros).

Desta forma, a Festa do Peão Boiadeiro de Barretos preserva suas tradições caipiras, mesmo não sendo este o principal atrativo divulgado na mídia, nem sendo este o grande motivador das visitas ao Parque (apenas a entrevistada 18 citou a tradição como motivo para ir à Festa).

Devido aos diferentes objetivos por parte de população, dos peões e de turistas, a Festa apresenta, além dos espaços do peão brasileiro, outras opções de lazer, entretenimento e atendimento de alimentação e hospedagem. Já existe a possibilidade de alojamento dentro do Parque, com a opção dos *campings*, mas em um futuro próximo poderá se contar também com um *resort*, o qual ainda está em construção.

Entre as atrações do evento está também um trio elétrico, que circula pelas ruas internas do Parque. Em 2011, o trio elétrico apresentou *shows* de Daniela Mercury, João Lucas e Matheus, Ricardo e João Fernando e Michel Teló. Esta atração, pode-se dizer, também é uma programação resultante de uma cultura de massa, sem vinculação com a temática da Festa.

Neste sentido, conclui-se que os espaços esportivos da Festa de Barretos são, atualmente, espaços predominantemente *countries*, enquanto os palcos de grande e médio portes, bem como o trio elétrico, apresentam uma programação que segue as tendências de massa. Como espaços de preservação cultural, identificam-se o Rancho Ponto de Pousa e o Memorial do Peão.

4.3 A FESTA COMO LOCAL DE ENCONTRO SOCIAL

Assim como foi possível analisar características culturais diversas nos diferentes espaços, é possível analisar estes espaços também a partir das visões de seus participantes, levantando os aspectos positivos e negativos do evento, bem como, os fatores motivadores da visita à Festa. Desta forma, para captar estes aspectos sociais da Festa foram desenvolvidas entrevistas nas edições de 2010 e 2011.

Tratou-se de uma entrevista semiestruturada, que buscou abordar visitantes no espaço do Parque, moradores dentro e fora do espaço de realização do evento, bem como representantes do comércio local e participantes externos que utilizavam o espaço da Feira Comercial. A entrevista permitiu levantar a percepção sobre a Festa dos diversos atores envolvidos, direta ou indiretamente, no evento.

Uma das maiores dificuldades da entrevista foi a abordagem das pessoas na área dos espaços culturais e esportivos. Dentro do Rancho do Peãozinho, Estádio de Rodeios e Ranchos particulares, no geral, as pessoas divertiam-se com suas famílias, não querendo interromper suas atividades, mesmo que de espectadores,

para responder às questões. Outro fator pelo qual algumas pessoas se negaram a parar para que fosse explicado de que se tratava a entrevista e, posteriormente, respondê-la, foi o grande número de promotores de empresas patrocinadoras do evento, o que fazia com que as pessoas achassem que fosse mais uma propaganda ou tentativa de venda.

Em outros pontos do Parque - como a Arena de Rodeios (ocupada pelos participantes durante os shows), a via de entrada principal para pedestres e o *Camping* dos solteiros⁹⁰, além da Avenida 43 (esta, fora do Parque) - a maior dificuldade para a abordagem das pessoas se apresentou no uso de drogas, lícitas e ilícitas pelos transeuntes.

Nos primeiros dias de Festa em 2010, foi feito um pré-teste com um formulário mais completo para a entrevista, abordando detalhadamente a questão cultural (Apêndice B), mas o mesmo não foi eficiente para o campo da presente pesquisa, uma vez que as pessoas, ao verem três páginas de questões, se distanciavam ou se negavam a responder por completo.

Neste sentido, foi elaborado um novo formulário (Apêndice C), deixando em aberto a questão cultural, buscando entender de que maneira as pessoas percebiam a Festa, quais as atrações que mais agradavam aos visitantes e moradores, e quais delas geravam demanda turística, atentando-se para a questão cultural quando apontada espontaneamente.

Utilizou-se de uma amostragem não-probabilística, por diversos fatores: a) as dificuldades de abordagem das pessoas presentes na Festa, apontadas anteriormente; b) não se poderia determinar, antes que cada edição da Festa acabasse, o universo de participantes para se delimitar uma amostra probabilística; c) tendo em média um milhão de participantes por edição da Festa, o resultado do cálculo de amostragem probabilística seria alto, necessitando de uma equipe numerosa de pesquisadores para aplicação dos formulários de entrevista.

Neste sentido, circulou-se por todo o Parque em diferentes dias, buscando-se abordar desde pessoas que frequentavam a Festa quando a entrada para moradores é gratuita (segundas, terças e quartas-feiras), até os frequentadores de camarotes e ranchos mais luxuosos e caros, onde refeições e bebidas são

⁹⁰ Dentro do Parque do Peão há *Camping* dos solteiros e *Camping* dos casados, com diferentes normas de utilização, no sentido de propiciar às famílias que ficam no *Camping* dos casados um ambiente mais tranquilo, com circulação de crianças e horários de silêncio pré-estabelecidos.

livremente servidas (valor incluso no ingresso). Desta forma, desenvolveu-se uma amostra intencional, na qual foram “escolhidos casos para a amostra que representem o “bom julgamento” da população/universo” (SILVA, 2005, p. 32).

Também houve a preocupação em entrevistar homens e mulheres das diversas faixas etárias, além de pessoas presentes no Parque a trabalho. No total, foram feitas 53 entrevistas, 18 em 2010 e 35 em 2011, que permitiram a análise de dados e de conteúdo, atingindo-se os objetivos propostos pela mesma.

Dentre os 53 participantes, 15 (28,3%) eram moradores de Barretos e 38 (71,7%) eram visitantes de outras cidades. Entre os barretenses, nove eram mulheres (60%) e seis homens (40%), todos entre 25 e 76 anos de idade; enquanto entre os visitantes, 18 (47,4%) eram mulheres e 20 (52,6%) homens, com faixa etária entre 15 e 54 anos.

Entre as questões levantadas por meio das entrevistas, uma delas foi a de tentar delinear os motivos que levaram os participantes da Festa em frequentá-la (Quadro 2).

Quadro 2 – Motivos apontados pelos visitantes e moradores entrevistados para frequentar a Festa do Peão

MOTIVOS	VISITANTES	MORADORES	TOTAL
amigos (viagem em turma, reencontra-los)	13	1	14 (26,4%)
pela Festa em si	7	0	7 (13,2%)
a trabalho	7	0	7 (13,2%)
pelos shows	3	3	6 (11,3%)
por reunir muita gente	2	2	4 (7,5%)
conhecia de anos anteriores	2	1	3 (5,7%)
pelo rodeio	1	2	3 (5,7%)
para passear	1	2	3 (5,7%)
pelas mulheres	2	0	2 (3,8%)
para visitar ranchos	0	2	2 (3,8%)
visitar feira comercial	0	1	1 (1,9%)
levar crianças no parque infantil	0	1	1 (1,9%)
TOTAL	38	15	53 (100%)

Fonte: Entrevistas, 2010 e 2011

A Festa em si, seja em função de seus *shows*, dos rodeios, dos atrativos comerciais, dos ranchos e da experiência anterior na mesma, representa 49% das motivações dos entrevistados. Assim, os atrativos culturais, esportivos ou comerciais, bem como o lazer e entretenimento, proporcionam o principal fator que motiva a visitação à Festa.

Reencontrar e se divertir com amigos, encontrar gente nova, ou simplesmente frequentar a Festa “pelas mulheres”, representam 38% das

motivações dos entrevistados para ir ao evento. Desta forma, a Festa representa a possibilidade de trocas sociais, independentemente das opções que este oferece. Trata-se, portanto, de uma Festa que oportuniza o encontro social ou, pelo menos, a busca por ele.

As demais 13% das motivações representam a possibilidade da Festa como local de trabalho. Esta motivação foi declarada por visitantes e não por moradores, o que pode apontar para um grupo de pessoas que se especializa em trabalhos voltados a esta modalidade de festas, praticando a atividade de forma itinerante em eventos por todo o país.

Levantou-se também os aspectos considerados positivos pelos participantes da Festa (Quadro 3).

Quadro 3 – Aspectos positivos da Festa do Peão apontados pelos visitantes e moradores entrevistados

ASPECTOS	VISITANTES	MORADORES	TOTAL
Qualidade Programação (Rodeio/Shows)	9	4	13 (24,5%)
Muitas Pessoas	12	1	13 (24,5%)
Organização (estrutura e atendimento)	6	4	10 (18,9%)
Festas (dentro da Festa)	4	0	4 (7,5%)
Estar com amigos	3	0	3 (5,6%)
Movimentação financeira na cidade	0	2	2 (3,8%)
Quantidade de atrações	0	2	2 (3,8%)
Segurança	1	1	2 (3,8%)
Folga durante o evento	0	1	1 (1,9%)
Singularidade	1	0	1 (1,9%)
Não veem aspectos positivos	2	0	2 (3,8%)
TOTAL	38	15	53 (100%)

Fonte: Entrevistas, 2010 e 2011

Entre os aspectos positivos da Festa apontados nas entrevistas, a qualidade da programação e da organização da festa, bem como a variabilidade dos festejos e das atrações representam 59% da opinião dos visitantes e moradores. Na sequência o encontro com muitas pessoas, entre elas amigos, aparece em 30% das opiniões, reforçando o papel da Festa como possibilidade de encontro social. A movimentação financeira na cidade e a folga durante o evento foram apontadas por 6%. Dois por cento não apontaram aspectos positivos e outros dois por cento apontaram como positivo a singularidade da festa.

Levantou-se ainda os aspectos considerados negativos pelos participantes da Festa (Quadro 4).

Quadro 04 – Aspectos negativos da Festa do Peão apontados pelos visitantes e moradores entrevistados

ASPECTOS	VISITANTES	MORADORES	TOTAL
Sujeira/Bagunça	7	3	10 (18,9%)
Bebida (excessos)	1	5	6 (11,3%)
Altos preços	5	0	5 (9,4%)
Muita gente (chegando a esgotar ingressos)	4	1	5 (9,4%)
Estrutura (poucos banheiros, estacionamento)	3	2	5 (9,4%)
Trânsito	3	1	4 (7,5%)
Baixo consumo de público	2	0	2 (3,8%)
Sistema de ingresso (sem saída com retorno)	2	0	2 (3,8%)
Horário de shows (tarde)	1	0	1 (1,9%)
Falta de segurança	0	1	1 (1,9%)
Prostituição	0	1	1 (1,9%)
Não veem aspectos negativos	10	1	11 (20,8%)
TOTAL	38	15	53 (100%)

Fonte: Entrevistas, 2010 e 2011

Mais de 20% dos entrevistados não conseguiram apontar aspectos que considerassem negativos. Os cerca de 80% restantes apontaram aspectos importantes que se referem, sobretudo, à festa em si (41%), mas também ao comportamento do público (13%) e a deficiências infraestruturais da cidade (26%). Os aspectos negativos da festa vão desde preços altos, estrutura incompatível com a quantidade de público, ingresso sem flexibilidade para entradas e saídas, até os horários avançados de realização dos *shows* e a falta de segurança. Com relação ao comportamento do público, apontou-se como negativo o excesso de consumo de bebidas e a prostituição. Os problemas com o lixo e trânsito representam as deficiências infraestruturais da cidade.

Nas perguntas específicas para os moradores de Barretos, levantou-se a opinião deles com relação aos aspectos positivos (Quadro 5) e negativos (Quadro 6) que a festa traz a Barretos.

Quadro 5 – Aspectos positivos que a Festa do Peão traz para Barretos, segundo os moradores

ASPECTOS	TOTAL
Dinheiro	9 (60%)
Opções de lazer	3 (20%)
Projeção Nacional/Internacional	2 (13,3%)
Empregos	1 (6,7%)
TOTAL	15 (100%)

Fonte: Entrevistas, 2010 e 2011

Observa-se que a questão financeira é, para o barretense, o principal benefício (60%) trazido pela Festa, que faz circular dinheiro na cidade. A Festa, todavia, é apontada ainda como opção de lazer para seus moradores, como uma

forma de projeção da cidade no contexto nacional e mundial, bem como, como uma oportunidade de gerar emprego e, conseqüentemente, renda.

Quadro 6 – Aspectos negativos que a Festa do Peão traz para Barretos, segundo os moradores

ASPECTOS	TOTAL
Sujeira/Lixo	7 (46,7%)
Drogas	2 (13,3%)
Bagunça	2 (13,3%)
Doença	1 (6,7%)
Meninas grávidas	1 (6,7%)
Não vê nada de ruim	2 (13,3%)
TOTAL	15 (100%)

Fonte: Entrevistas, 2010 e 2011

Com relação aos aspectos negativos do evento, os moradores destacaram como impactantes para a cidade como um todo em primeiro lugar a sujeira, seguida do consumo de drogas (lícitas e ilícitas) e da bagunça que a Festa gera. Foram apontados também algumas conseqüências negativas, como as doenças e a gravidez indesejada. Cerca de 13% dos entrevistados, entretanto, não acham que a Festa tenha algum aspecto negativo.

Entre os entrevistados que haviam participado de outras edições da Festa (15 indivíduos), indagou-se se a Festa daquele ano (2010 e 2011) comparada às edições anteriores, teria melhorado, piorado ou permanecido igual. As respostas foram sistematizadas no Quadro 7.

Quadro 7 – Situação atual da Festa do Peão com relação a anos anteriores, segundo aqueles que já tiveram uma experiência em outra edição

ASPECTOS	TOTAL
Melhorou	11 (73,3%)
Piorou	3 (20%)
Está igual	1 (6,7%)
TOTAL	15 (100%)

Fonte: Entrevistas, 2010 e 2011

Observou-se que a maioria destes (73%) aponta melhoria na Festa, um percentual pequeno aponta piora ou mesma situação. Daqueles que apontaram melhora, perguntou-se os aspectos que teriam melhorado (Quadro 8).

Quadro 8 – Aspectos apontados pelos entrevistados que sinalizaram melhorias na Festa do Peão com relação a anos anteriores

ASPECTOS	TOTAL
Melhor estrutura	3 (27,2%)
Mais organização	2 (18,2%)
Mais opções	2 (18,2%)
Maior divulgação e projeção	2 (18,2%)
Mais gente	2 (18,2%)
TOTAL	11 (100%)

Fonte: Entrevistas, 2010 e 2011

As melhorias apontadas na Festa com relação a edições anteriores se referem à estrutura, organização, opções e divulgação, bem como a maior quantidade de público. Daqueles que apontaram piora, perguntou-se os aspectos que teriam piorado (Quadro 9).

Quadro 9 – Aspectos apontados pelos entrevistados que sinalizaram pioras na Festa do Peão com relação a anos anteriores

ASPECTOS	TOTAL
Aumentou a bagunça	2 (66,7%)
Caiu em simpatizantes	1 (33,3%)
TOTAL	3 (100%)

Fonte: Entrevistas, 2010 e 2011

O aumento da bagunça e a queda nos simpatizantes da Festa foram os aspectos salientados por aqueles que apontaram piora no evento com relação às edições anteriores.

Indagou-se também o que os barretenses mudariam na mesma caso fossem integrantes do grupo promotor da Festa, ou seja, “Os Independentes”, ou autoridades na Prefeitura local (Quadro 10).

Quadro 10 – Aspectos indicados pelos barretenses entrevistados para a melhoria da Festa do Peão

ASPECTOS	TOTAL
Vias públicas (abrir, organizar, acabar com Festas)	4 (26,6%)
Diminuir preços	2 (13,2%)
Aumentar atrações no Parque de dia, para diminuir bagunça na cidade	1 (6,7%)
Maior divulgação e limpeza pela Prefeitura	1 (6,7%)
Mais policiamento	1 (6,7%)
Manter Parque do Peãozinho o ano todo	1 (6,7%)
Doaria parte do dinheiro a instituições de caridade	1 (6,7%)
Acabaria com demagogia	1 (6,7%)
Nada	3 (20%)
TOTAL	15 (100%)

Fonte: Entrevistas, 2010 e 2011

Se tivessem a possibilidade de comandar mudanças, grande parte dos barretenses entrevistados tentaria desobstruir as vias públicas, um problema antigo que, mesmo com a transferência da Festa para a área periférica da cidade na década de 1980, ainda não foi totalmente solucionado. Também tentariam manter melhor a limpeza e policiamento na cidade. Com relação à estrutura da Festa em si, eles propõem: diminuir o preço, aumentar as atrações e manter o Parque do Peãozinho aberto o ano todo. Sugerem ainda a doação dos lucros da Festa a instituições de caridade.

A questão de mais policiamento e doação de recursos para instituições de caridade já tem sido uma preocupação dos organizadores da Festa e também da Prefeitura. Em 2010, em uma operação especial para a Festa do Peão, Barretos recebeu um aumento no efetivo de 1500 policiais militares para contribuir para a segurança dentro e fora do Parque, além de ações permanentes da Polícia Rodoviária na entrada do recinto, vias de acesso e rodovias do entorno⁹¹.

Em relação às doações, “Os Independentes” mantêm a atividade filantrópica resultante da realização da Festa, repassando recursos para instituições em Barretos. Em 2010 e 2011, os dias de maior visitação ao Parque tiveram suas rendas revertidas para o Hospital do Câncer, além de ações específicas em benefício da Santa Casa local⁹².

Para os visitantes de outras cidades também foram feitas questões específicas no sentido de compreender seu envolvimento, consumo e avaliação sobre a Festa e a cidade como um todo. Entre eles, 17 (44,7%) já conheciam a cidade e 21 (55,3%) estavam pela primeira vez em Barretos. A qualidade da recepção dos visitantes na cidade foi indagada aos mesmos (Quadro 11).

Quadro 11 – Qualidade da recepção dos visitantes entrevistados em Barretos

RESPOSTA	TOTAL
Bem recebido	33 (86,8%)
Mal recebido	1 (2,6%)
Mais ou menos	1 (2,6%)
Não quiseram responder, porque tiveram pouco contato com a população	3 (8%)
TOTAL	38 (100%)

Fonte: Entrevistas, 2010 e 2011

⁹¹ Informação fornecida pelo comandante da operação em entrevista ao Jornal do Meio-Dia, da TV Barretos, no dia 19 de agosto de 2010.

⁹² Informações disponíveis no site “Os Independentes”.

A grande maioria dos entrevistados declarou sentir-se satisfeito com a receptividade em Barretos. Contudo, outra resposta chamou a atenção: 8% dos entrevistados preferiu não avaliar a maneira como os visitantes são recebidos, por considerarem não ter contato com a população, uma vez que se encontravam hospedados em outras cidades. Esta questão esclarece a repercussão que a Festa tem na região, havendo turistas que “consomem” cidades vizinhas, indo direto para o Parque, resultando em pouco ou nenhum contato com a comunidade local.

Do ponto de vista cultural, há uma perda nessa falta de contato com a população, uma vez que junto a esta encontra-se importante parte do patrimônio imaterial barretense. A relação com o núcleo receptivo pode fomentar os interesses e conhecimentos a respeito da história e cultura locais.

Indagou-se aos visitantes sobre a cidade de sua hospedagem durante a Festa do Peão (Quadro 12).

Quadro 12 – Cidade de hospedagem dos visitantes da Festa do Peão

RESPOSTA	TOTAL
Barretos	31 (81,6%)
Voltam para suas cidades no mesmo dia	4 (10,5%)
Hospedados em cidades vizinhas	3 (7,9%)
TOTAL	38 (100%)

Fonte: Entrevistas, 2010 e 2011

A maioria dos visitantes de outras cidades hospeda-se em Barretos. Contudo, destacam-se também os excursionistas que, residentes ou alojados em cidades próximas, visitam a Festa e retornam às mesmas no mesmo dia.

Indagou-se aos visitantes que se alojaram em Barretos sobre a forma de hospedagem durante a Festa do Peão (Quadro 13).

Quadro 13 – Local de hospedagem dos visitantes da Festa do Peão alojados em Barretos

RESPOSTA	TOTAL
Hotel/Pousada	11 (35,5%)
Imóvel locado	7 (22,6%)
Casa de parentes ou amigos	6 (19,3%)
Dentro do Parque	4 (12,9%)
Camping	3 (9,7%)
TOTAL	31 (100%)

Fonte: Entrevistas, 2010 e 2011

A primeira opção de hospedagem mais apontada entre os visitantes são os hotéis e pousadas. A segunda foi a locação de imóveis, o que vem indicar uma

incapacidade de atender a toda a demanda potencial no setor hoteleiro de Barretos, além de ser uma fonte de renda para famílias que, muitas vezes, mudam-se temporariamente para casas de parentes, oferecendo seu imóvel para locação. Casas de parentes e amigos também são utilizadas como alojamento, aparecendo como terceira opção. Tem ainda aqueles que se alojam em *trailers/motorhomes* ou *stands* dentro do Parque e aqueles que ficam nos *Campings*.

Indagou-se aos visitantes, de forma geral, sobre onde fazem as refeições durante a Festa do Peão (Quadro 14).

Quadro 14 – Local de refeições dos visitantes da Festa do Peão

RESPOSTA	TOTAL
No Parque	9 (23,7%)
Restaurantes, lanchonetes ou bares da cidade	9 (23,7%)
Casa de parentes ou amigos	8 (21,1%)
Cozinhando em imóvel locado	6 (15,8%)
Hotel	1 (2,6%)
Não fizeram nenhuma refeição na cidade	5 (13,1%)
TOTAL	38 (100%)

Fonte: Entrevistas, 2010 e 2011

O grande número de opções de alimentos e bebidas dentro do Parque do Peão faz com que o número de pessoas que fazem refeições no interior do mesmo se apresente igual ao de pessoas que se alimentam em empreendimentos no centro da cidade e bem próximo ao daqueles que realizam suas refeições na casa de parentes ou amigos. Um percentual um pouco menor são daqueles que cozinham no imóvel que alugam.

Entre os visitantes da Festa do Peão que provêm de outras cidades, 27 (71%) nunca foram a Barretos anteriormente e 11 (29%) já estiveram na cidade por motivos diversos. Indagou-se aos visitantes que já estiveram anteriormente em Barretos, os motivos que os levaram a vir em ocasião anterior (Quadro 15).

Quadro 15 – Motivos de visita anterior a Barretos entre os visitantes da Festa do Peão que já conheciam a cidade

MOTIVO	TOTAL
Visitar família ou amigos	6 (54,5%)
Compras/passeio	3 (27,3%)
Para outros eventos	2 (18,2%)
TOTAL	11 (100%)

Fonte: Entrevistas, 2010 e 2011

Destaca-se o fato de 71% dos entrevistados de outras cidades só terem se deslocado até Barretos para a Festa do Peão, havendo, ainda entre os que já

visitaram o município por motivos diversos, sobretudo, visita a família ou amigos, compras e passeio, bem como, outros eventos.

Analisando-se as entrevistas como um todo, um aspecto que se destacou foi a questão da Festa como encontro social, sendo este tanto indutor de visitação, quanto aspecto positivo do evento.

Contudo, seus impactos também são percebidos pela população como aspectos negativos, seja pelo lixo deixado, pelo excesso de bebidas e demais drogas ou pela bagunça. A este respeito, Bahl (2004, p. 42) comenta:

[...] deve-se esclarecer que a massificação dos eventos pode trazer consequências de diversas ordens, tais como: a perturbação da ordem pública; a saturação de espaços físicos; a falta de respeitabilidade para com edificações ou logradouros públicos ou de interesse de preservação; choques culturais e de costumes em função de comportamentos inadequados ou exóticos; incorporação de elementos visuais ou de impacto, entre outros.

Alguns destes aspectos foram apontados como negativos entre os entrevistados e também puderam ser identificados na observação participante na Festa. A falta de respeitabilidade com o patrimônio cultural (material e imaterial) parecem passar despercebidos, enquanto a perturbação da ordem e elementos visuais (como o lixo) vêm incomodar moradores, segundo respostas dos mesmos.

Ainda assim, destacam-se os ganhos econômicos, sendo que 60% dos moradores veem o turismo e os recursos movimentados pela atividade como um benefício deixado pela Festa e, em nenhuma entrevista, sugeriram que a divulgação, abrangência ou capacidade de carga seja diminuída pelos seus organizadores.

Pode-se perceber que, por mais que o patrimônio “de raiz” do peão brasileiro esteja enredado de maneira intrínseca na visitação à Festa, o que é melhor percebido entre os atores envolvidos na sua realização são as questões social e econômica, esta como benefício deixado pelo evento, aquela como principal indutor de visitação.

A Festa pode, assim, se destacar como um espaço de racionalidade funcional em torno do encontro social e do lazer, não perdendo de vista a sua relevância econômica regional. Ela pode também infiltrar imaginários como espetáculo público, cheio de alegrias e, assim, configura-se como produto de massa.

Por mais que o processo de globalização proponha padrões de vestimentas, alimentação e comportamentos, uma vez que cada visitante vem carregado de representações da sua própria cultura e, ao circular pelo evento, depara-se com

peculiaridades da cultura local, pode-se dizer que a Festa do Peão de Barretos é um espaço de encontro não só social, mas também de culturas.

Ainda que a mídia permeie o imaginário daqueles que não conhecem a Festa, sugerindo Barretos como um espaço *country*, a circulação pelo espaço do Parque, o diálogo com os participantes de comitivas ou a incursão na Queima do Alho, podem desmistificar referenciais muitas vezes relacionados ao rural brasileiro por meio do cinema ou da televisão.

Por mais que as transformações socioculturais, em nível global, tenham resultado numa diversificação de atrativos da Festa, assimilando produtos da cultura de massa, o evento ainda configura-se não só como espaço de encontros sociais, mas também culturais, mantendo seus espaços de preservação do patrimônio local, ainda que em pequena escala.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Festa do Peão Boiadeiro de Barretos, assim como acontece com os responsáveis por outros eventos que optam por se abrir a um numeroso público, foi incorporando em sua programação atrativos com uma linguagem comercial, grandes espetáculos de fácil venda, enfim, produtos de uma cultura de massa. Mesmo os rodeios, que são a essência da Festa, passaram a buscar uma linguagem mais internacionalizada, numa tentativa de integrar-se ao circuito mundial. Assim, novos elementos e atrativos foram sendo incorporados gradativamente à Festa, intensificando as modificações de seu espaço, sem, contudo, se perder boa parte dos elementos anteriores, tido como tradicionais.

Com o aumento de público e repercussão na mídia, Barretos passou a ter visibilidade no cenário nacional e também internacional, sendo percebida como o faroeste brasileiro. Sua história vinculada à agropecuária passou a permear os imaginários e, até mesmo, criar símbolos que mais se assemelham à realidade *country* estadunidense do que tropeira brasileira. Com isso, adotou-se novas categorias de montaria, roupas, músicas, entre outros elementos culturais *countries*. Observa-se, assim, que a redução do tempo e do espaço através do processo de globalização provocou a interligação do interior paulista brasileiro ao interior texano estadunidense. Diante disso, torna-se premente se entender o local globalmente, reinterpretando sua história, sua origem, mas também seu futuro.

Pode-se dizer que esta influência se deu não só pelo fato do cinema e televisão trazerem a realidade dos Estados Unidos a público, contando histórias sobre o “avanço” da pecuária sobre o seu velho oeste, mas também por se tratar de uma influência com origem na maior potência econômica mundial. Projetar e imaginar a realidade do interior do Brasil como se fosse a história das elites e dos “heróis” estadunidenses passou a ser uma estratégia de *marketing* para os organizadores da Festa. Assim, mais do que analisar o poder na esfera mundial, torna-se necessário um aprofundamento na análise dos conflitos de interesse na escala local, visto que, nada é fruto do acaso. Existem sim intencionalidades explícitas na adoção de uma imagem de alcance global para a Festa.

A imagem da Festa foi se amalgamando à imagem da cidade, de tal modo que esta passou a ser considerada como “Capital *Country*” de Barretos. Esta imagem foi fomentada não apenas pelo poder privado, mas também por diversas

ações do poder público municipal. Elementos *countries* foram sendo incorporados ao mobiliário urbano: orelhões em forma de chapéus, pés de bancos em formato de ferradura, além de lixeiras em formato de botas e barris. Tudo contribuindo para a construção de um cenário que fomentasse o imaginário de faroeste estadunidense. Essa integração entre o cenário da Festa e da cidade também não é casual. Em âmbito municipal, existem profundas relações entre os gestores públicos e o grupo “Os Independentes”, o que dificulta a desvinculação dos interesses dos organizadores da festa dos reais interesses da população barretense de forma geral.

Acredita-se que o posicionamento político municipal a respeito da Festa é importante na medida que seus representantes têm o poder de investir, preservar, determinar prioridades, manter vínculos históricos e até mesmo influenciar a memória coletiva, interferindo no espaço da cidade e, indiretamente, do evento, além de dar aporte em setores como a segurança e a saúde durante a realização da Festa. Dominar a máquina administrativa local é, portanto, dominar o poder de decidir sobre os caminhos a se trilhar. Neste sentido, são muitos os interesses que concorrem, sobressaindo-se os interesses dos grupos dominantes.

Uma nova dinâmica foi se estabelecendo em Barretos e, mais especificamente, em sua Festa de Peão. Se por um lado, o evento foi criado com o intuito de rememorar a profissão do peão estradeiro, profissional que foi sendo substituído pelo transporte ferroviário e por veículos automotores, presente na história de Barretos e de sua região, por outro, novas identidades foram sendo incorporadas ao espaço da Festa, entre elas a identidade *country*. Portanto, numa realidade onde a caracterização de identidades é um processo provisório, os organizadores da Festa passam também a internalizar recursos urbanos e modernos, inventando tradições. Para não se perder completamente da história rural associada à pecuária vivenciada em Barretos, foram sendo criadas novas tradições, por vezes, mais *countries* do que boiadeiras, descaracterizando as atividades de montarias brasileiras, padronizando o seu rodeio com os modelos norteamericanos, ou seja, introduzindo uma nova dinâmica à Festa e à cidade como um todo.

Desta forma, o próprio espaço do Parque do Peão Boiadeiro, embora mantenha em seu nome suas raízes, já nasce com essa nova concepção *country*. Era necessário, todavia, preservar espaços de memória à figura histórica do peão de Barretos. Criou-se, assim, os espaços do Memorial e da “matinha” como símbolos de preservação do patrimônio do peão boiadeiro brasileiro.

No Memorial do Peão percebe-se a tentativa de agrupar referenciais boiadeiros em processo de esquecimento em acervos familiares, bem como de organizar documentos e objetos do grupo “Os Independentes” e sobre a criação da Festa. Contudo, este espaço não foi construído para tal finalidade, tendo abrigado nos primeiros anos uma boate antes de tornar-se um espaço museal.

Já a “matinha”, ou mais especificamente o Rancho Ponto de Pousa, pode ser identificado como um espaço de resistência do peão brasileiro. Nesse espaço a equipe organizadora buscou preservar para um público específico a possibilidade de reviver suas tradições enquanto patrimônio imaterial. Evidencia-se, assim, quase que um comprometimento ético com o passado da região, mantendo ali um referencial histórico de suas raízes. É nítido o descomprometimento comercial deste espaço e a capacidade de externalização da cultura local.

Por mais que cada indivíduo leve consigo seus referenciais culturais e possa, circulando pelo evento, conhecer identidades diferentes da sua, seja a do peão boiadeiro ou a do peão *country*, o que o move é a possibilidade de interação, de estar com amigos ou de conhecer novas pessoas. Neste sentido, a Festa do Peão é tanto um espaço de interação social como também um espaço de encontro de culturas. Trata-se, portanto, de um espaço de interrelações socioculturais, que faz com que cada participante, ator e espectador do evento, congratule-se durante os espetáculos que são a própria comunhão somada às atrações. Considerando isso, se comemorar é conservar algo que ficou na memória coletiva e se cada evento tem uma história que justifica a sua realização e seus símbolos, pode-se dizer que, por mais provisórias que sejam as identidades contidas no evento, a Festa do Peão tornou-se, sim, um patrimônio histórico-cultural local.

Por muito tempo, principalmente durante a intensificação do processo de urbanização, a cultura rural brasileira foi negada, dando espaço ao que era moderno e global, fazendo surgir um significado pejorativo para o que era “caipira”, entendido como ultrapassado. Uma realidade de precariedade e atraso permeou, por muito tempo, o imaginário dos moradores de grandes capitais brasileiras a respeito do interior, mesmo em núcleos urbanos. Desta forma, embora ainda exista esta visão preconceituosa sobre o que é do interior brasileiro e, mais especificamente, do interior paulista, vem se desenvolvendo uma volta às raízes, ao que é próprio de cada sociedade. Neste sentido, deixa de existir uma cultura “superior”, das elites, na

busca pelo que é seu “cimento”, há uma valorização pelo que é seu, o que lhe é singular.

Assim, novos elementos rurais retornam à Festa, como o aumento no uso de botas e chapéus, mesmo que diferenciados do peão boiadeiro brasileiro, marcando novas tendências, caracterizando uma nova fase, numa transformação de espaço e tempo que procurou-se identificar nos 57 anos de realização do evento. As referências “de raiz”, todavia, continuarão sendo preservadas, principalmente em espaços específicos como o Memorial do Peão e o Rancho Ponto de Pousa, mas novos cenários e novas atividades vão se estabelecer, numa dinâmica cada vez mais provisória, de modo que são os encontros socioculturais que poderão garantir a manutenção e perpetuação do evento.

Referencial Bibliográfico

ALMEIDA, C. J. R. História do Noroeste Paulista – 2. Proseando, 2008. Baseado em CUNHA, Euclides da. **Peru versus Bolívia**. São Paulo: Cultrix, 1975; e em <<http://www.santafedosul.sp.gov.br/conheca.php>>; acesso em: 28/03/2011.

ARAÚJO, C. R. A. **Perfil dos operários do Frigorífico Anglo de Barretos: 1927/1935**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2003.

BAHL, M. **Turismo e Eventos**. Curitiba: Prottexto, 2004.

BARRETOS 2001. São Paulo, Brazil. Disponível em: <<http://ka-el.net/saopaulo/Barretos%202001/index.html>>. Acesso em: 28/03/2011.

BARRETOS é atração em Buena Sorte. **Folha da Região**. Caderno 2 – Vídeo. Ano 26. Araçatuba (SP). Sábado, 22 de agosto de 1998. Disponível em: <www.folhadaregiao.com.br/jornal/1998/08/22/dia2.php?PHPSESSID=76b6c63f85705c04848969e96318db8a>. Acesso em: 21/11/2011.

BARRETTO Filho, A. Marketing turístico para o espaço urbano: comentários acadêmicos e profissionais. In: FUNARI, P.P.; PINSKY, J. **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto, 2001.

BORGES, M.C. Da observação participantes à participação observante: uma experiência de pesquisa qualitativa. In: RAMIRES, J.C.L.; PESSÔA, V.L.S. (org.). **Geografia e Pesquisa Qualitativa: nas trilhas da investigação**. Uberlândia: Assis, 2009.

CALIL Neto, M. **História da Festa do Peão de Barretos**. Barretos, 28 de fevereiro de 2012. Entrevista à autora Andréa Fermino Gonçalves.

CÂMARA Municipal de Barretos. Disponível em: <barretos.sp.gov.br/legislacao/camver/leicom/00073.doc>. Acesso em: 30/11/2011.

CAPPELLO, H. M. Efeitos da Globalização Econômica sobre a Identidade e o Caráter das Sociedades Complexas. In: MENDES, C. (coord.); SOARES, L. E. (ed.). **Pluralismo cultural, identidade e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o Homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Tradução: Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3ª Ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

COSTA, L. A história pecuária de Barretos. Stravaganza, 2011. Adaptado de: MONBEIG, P. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. Tradução de Ary França e Raul de Andrade e Silva. Hucitec-Polis: São Paulo, 1984, cap. II, p. 139-147.

COSTA, S. P. Esporte e Paixão: o processo de regulamentação dos rodeios no Brasil. **Movimento**. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 71-87, maio/agosto de 2003.

CRUZ, L. de O. **Grupos Étnicos e Identidade**: a conquista pela diferença entre os índios kaingang e krenak do posto indígena Vanuíre no oeste de São Paulo. Disponível em: <www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/.../leonardodeoliveiracruz.pdf>. Acesso em: 23/11/2011.

DAVIES, W.K.D. Globalization: A spatial perspective. *In*: MATHEW, J.A.; HERBERT, D. **Unifying geography: Common heritage, shared future**. Oxfordshire: Routledge, 2004.

DECRETO 20.530/83. Diário Oficial do Estado. Seção I, São Paulo, 93 (029), sexta-feira, 11 de fevereiro de 1983. Disponível em: <<http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=19830211&Caderno=DOE-I&NumeroPagina=26>>. Acesso em: 05/08/2012.

DIAS, R. **Turismo e Patrimônio Cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo: Saraiva, 2006.

DICIONÁRIO da Língua Portuguesa Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso desde: 21/09/2009.

DURAND, G. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Tradução: Renée Eve Levié. 4ª Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

FERNANDÓPOLIS. São Paulo. Disponível em: <<http://www.fernandopolis.sp.gov.br/Portal/Principal.asp?ID=1>>. Acesso em: 24/07/2012.

FERREIRA, E. **Estrada Boiadeira do Tabuado**. Disponível em <<http://br.geocities.com/estradaboiadeiradotabuado>>. Acesso em: 28/03/2011.

FESTA do Peão de Barretos. Barretos tem festa alternativa e beijação na avenida 43. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/festa-peao-barretos/album/090823_rua43_album.jhtm>. Acesso: 20/09/2011.

FESTA do Peão de Boiadeiro em Barretos. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/gerardolazzari/3886857871/in/photostream/>>. Acesso em: 28/09/2009.

GASTAL, S. **Turismo, Imagens e Imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

GASTAL, S.; MOESCH, M. M. **Turismo, políticas públicas e cidadania**. São Paulo: Aleph, 2007.

GHIRARDELLO, N. **À beira da linha: Formações Urbanas da Noroeste Paulista**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

GOMES, L. **Um jeito caipira de ser** – Durante dez dias, a Festa do Peão de Boiadeiro despeja gente, dinheiro e barulho em Barretos, no interior paulista. Caderno Modo de Vida. Edição 1561, de 01/set/99. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/33516_UM+JEITO+CAIPIRA+DE+SER>. Acesso em: 14/11/2011.

GOMES Júnior, N. **50 Anos de Festa: O Berço Nobre do Rodeio Brasileiro**. Barretos, SP: Ed. do Autor, 2005.

GUIA 4 Rodas. Disponível em <<http://viajeaquibril.com.br>>. Acesso em: 05/10/2012.

GUIA Agenda 54ª Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos. Realização: Freelance Propaganda e Marketing. Direção: Alcebiades Menezes Junior.

GUIA Turístico Oficial 2007/2008 Barretos. Realização: COMTUR – Conselho Municipal de Turismo de Barretos. Redação: Luciana Gomes.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HISTÓRIA de Barretos. **Jornal de Barretos Regional**, Barretos, 25.ago.2011, p.15.

HISTÓRIA da Festa do Peão Boiadeiro de Barretos. Disponível em: <<http://www.novoguiabarretos.com/paginas/festa%20do%20peao.html>>. Acesso em: 14/11/2011.

HISTÓRIA do rodeio em Barretos. **Jornal de Barretos regional**, Barretos, 25.ago.2011, p.16.

HOBBSAWM, E. **A era das revoluções**. Tradução: Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (org.). **A invenção das tradições**. Tradução: Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JOAQUIM, E. G. **A participação da maçonaria nas primeiras edições de Festa do Peão**. Barretos, 26 de agosto de 2011. Depoimento à autora Andréa Fermino Gonçalves.

LARAIA, R. B. **Cultura**: Um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. 24ed.

LEGROS, P. et al. **Sociologia do Imaginário**. Tradução: Eduardo Portanova Barros. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LEI Federal nº. 10.220, de 11 de abril de 2001. Institui normas gerais relativas à atividade de peão de rodeio, equiparando-o a atleta profissional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10220.htm>. Acesso em: 07/08/2012.

LEI Federal nº. 10.519, de 17 de julho de 2002. Dispõe sobre a promoção e a fiscalização da defesa sanitária animal quando da realização de rodeio e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10519.htm>. Acesso em: 07/08/2012.

LEONIDIO, A. Violências Fundadoras: o Pontal do Paranapanema entre 1850 e 1930. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. XII, n. 1, p. 37-48, jul.-dez./2009.

LIMA, L. P. **Um decavê para papai**⁹³. Barretos, SP: Ed. do Autor, 1976.

LIMA, S. T. de. Percepção Ambiental e Literatura Espaço e Lugar no Grande Sertão: Veredas. In: DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Livia (org.). **Percepção Ambiental – A Experiência Brasileira**. São Paulo: Studio Nobel e editora UFSCar, 1996. p. 153-172.

MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 15, p. 74-92, ago. 2001. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/17274832/Michel-Maffesoli-o-imaginario-e-uma-realidade>> . Acesso em: 15/08/2012.

⁹³ Segundo o próprio autor, “O romance, enfim, é constituído de um episódio fictício dentro de um cenário real. Sendo este cenário a cidade de Barretos, é natural que venham integrar-se a ele muitas pessoas reais que fazem a vida daquela cidade”. E ainda, “Além desta história, aparecem ainda alguns *flashes* da vida do motorista e cartões postais literários do cenário barretense. A conhecida “Festa do Peão” é apresentada aqui, por inteiro, no capítulo sétimo” (LIMA, 1976, p. 07).

_____. **O ritmo da vida:** variações sobre o imaginário pós-moderno. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARTINS, J. P. **A Queima do Alho da Festa do Peão de Barretos.** Barretos, 13 de fevereiro de 2013. Depoimento à autora Andréa Fermino Gonçalves.

MELO Neto, F. P. Evento: de ação, de entretenimento a agente de promoção do patrimônio histórico-cultural. *In:* FUNARI, P.P.; PINSKY, J. **Turismo e Patrimônio Cultural.** São Paulo: Contexto, 2001.

MENEZES, R. **Espiral:** História do Desenvolvimento Cultural de Barretos. Barretos: Intec, 1985.

MILANI, R. M. **A importância do sistema ferroviária para o desenvolvimento capitalista:** uma análise do caso brasileiro – da implantação ao avanço industrial nos anos 50. Monografia. Graduação em Ciências Econômicas da Faculdade de Economia da Fundação Armando Alves Penteadado – FAAP, São Paulo, 2010.

MOESCH, M. M. **A produção do saber turístico.** São Paulo: Contexto, 2000.

MOTTA, M. F. **Espaço Vivido/ Espaço Pensado:** o lugar e o caminho. 161 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MOURA, A. P. Turismo e festas folclóricas no Brasil. *In:* FUNARI, P. P.; PINSKY, J. **Turismo e Patrimônio Cultural.** São Paulo: Contexto, 2001.

NARDOQUE, S. **Renda da terra e produção do espaço urbano em Jales – SP.** Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2007.

NATALI, A. O caipira da capital. **Revista Língua Portuguesa.** Fonética. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos/65/artigo249050-1.asp>>. Acesso em: 13/04/2011.

OPS. Especial Festa do Peão Boiadeiro de Barretos, 27 de julho de 2012. Queima do Alho atravessa um século de tradição. Sem referência ao redator. Fonte: <<http://www.ops.com.br/barretos2012/noticia/29/queima-do-alho-atraves-a-um-seculo-de-tradicao>> . Acesso em 22/12/2012.

OS INDEPENDENTES. Disponível em: <www.independentes.com.br>. Acesso de: 21/09/2009 a 15/02/2013.

POVOS Indígenas do Brasil. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/musicacultura/povos_indigenas.htm>. Acesso em: 18/11/2011.

PREFEITURA Municipal de Barretos. Ex-Prefeitos. Disponível em: <<http://www.barretos.sp.gov.br/site-exprefeitos>>. Acesso em: 08/08/2011.

PREFEITURA Municipal de Colômbia. Disponível em: <www.colombia.sp.gov.br>. Acesso em: 20/04/2013.

PROFESSIONAL Bull Riders. Disponível em: <<http://pbrnow.com.br/home/>>. Acesso em: 19/11/2012.

QUEBROU! **Veja.** Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/historia/crash-bolsa-nova-york/brasil-cri-se-do-cafe-exportacoes-falencias.shtml>>. Acesso em: 27/11/2011.

BIBLIOTECA Virtual do Governo do Estado de São Paulo. Regiões Administrativas e de Governo. Março/2007. Disponível em <<http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/pdf/saopaulo-regioes.pdf>>. Acesso em: 04/08/2012.

ROCHA, O. **Barretos de Outrora**. São Paulo: [s.n.], 1954.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. 1ª Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SCHLESINGER, S. Pecuária Bovina no Brasil: maior produtividade com menor impacto socioambiental. **FOCUS Visão Brasil**. Julho/2010.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Associação de Culturas Gerais. Manual para o desenvolvimento e a integração de atividades turísticas com foco na produção associada. Brasília: Ministério do Turismo, 2011. Disponível em <<http://www.sebrae.com.br/setor/artesanato/sobre-artesanato/mercado/acesso/Manual%20de%20Integracao%20da%20Producao%20Associada%20ao%20Turismo.pdf>>. Acesso em 02/12/2012.

SETUBAL, M. A. **Vivências Caipiras**: pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista. São Paulo: CENPEC/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

SILVA, E. L. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. Ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, H. Cenas e Vistas de Goiás. **Revista Kosmos**. Rio de Janeiro, Out/1907. Disponível em: <<http://peregrinacultural.files.wordpress.com/2010/06/dsc08485.jpg>>. Acesso em: 18/11/2011.

SILVA, L. F. S. da. **Programa Nacional de Municipalização do Turismo**: sustentabilidade e descentralização das políticas de turismo no recém criado Município de Guapimirim, RJ. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade Federal Fluminense. Niterói: [s.n.], 2006.

STRINATI, D. **Cultura popular**: uma introdução. Tradução: Carlos Szlac. 1ª Ed. São Paulo: Hedra, 1999.

SUPRINYAK, C. E. **Tropas em marcha**: o mercado de animais de carga no centro-sul do Brasil imperial. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2008.


TEODÓZIO, D. M. **Do Sertão à Cidade**: Planejamento urbano em São José do Rio Preto: dos anos 50 aos anos 2000. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo – USP, São Carlos: 2008.

TOMBAMENTO do Recinto Paulo de Lima Corrêa. Disponível em: <<http://www.acibarretos.com.br/noticia/320/tombamento-do-recinto-paulo-de-lima-correa>>. Acesso em: 25/11/2011.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Tradução: Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

ANEXOS

ANEXO A – Convite da Prefeitura Municipal de Barretos para aniversário da cidade




CONVITE

A Prefeitura de Barretos honra de convidá-lo (a) para a solenidade de comemoração pelo Dia do Aniversário de Barretos (157 anos) e Dia do Soldado, que fará realizar no dia 25 de agosto de 2011, às 9h30, em frente a sua sede, na Rua 30, 564, Bairro Baroni. Na oportunidade, será prestada homenagem a Simão Antônio Marques – Librina, um dos fundadores do Município, patrono do Paço Municipal, com a entronização do seu significativo nome:


Data: 25 de Agosto
Local: em frente ao Paço Municipal "Simão Antônio Marques – Librina" – sede da Prefeitura
 Rua 30, 564 – Bairro Baroni
Horário: 9h30

Contamos com sua honrosa presença

EMANOEL MARIANO CARVALHO
 Prefeito de Barretos



**PARABÉNS
 BARRETOS
 157 ANOS**



PREFEITURA DO MUNICÍPIO
 DE BARRETOS

ANEXO B – Carta de Oscar Niemeyer sobre Mussa Calil Neto

SOBRE LIVROS, CHAPÉUS E CAVALEIROS

por Oscar Niemeyer

Aquela manhã de 1984 trouxe ao nosso escritório um rapaz em torno dos trinta, vindo das divisas de São Paulo com Minas Gerais, com um sobrenome árabe justificando o perfil adunco, moreno, de barba cerrada, falando com tal entusiasmo sobre o que o trazia que o imaginei, por alguns instantes, um jovem guerreiro anti-imperialista, na defesa de suas origens no Oriente Médio.

Não sabia que armas tinha o rapaz, mas certamente tratava-se de um revolucionário. Enquanto ficávamos no silêncio absoluto da análise defensiva, ele transpirava arrojo visionário, atirando com a volúpia de uma metralhadora a essência de uma cultura boiadeira rodeadora de reses, trazida pelos conquistadores sabe-se lá de onde. Das planícies da Mongólia ou dos nômades africanos do deserto.

O rapaz queria que a cultura sertaneja disseminada no lombo de equinos e muares pelo Brasil afora tivesse um santuário em Barretos, para onde os descendentes e adeptos seguissem em romarias, como os islâmicos do mundo todo fazem em direção a Meca. Acabamos concordando com a densidade do projeto, antevendo todo um universo de lidas e costumes, sabores, matizes e melodias, preservando a partir de determinado momento para a posteridade. Para isto servem os monumentos. Assim, assinamos com orgulho embaixo da implantação do Parque do Peão de Barretos.

Vinte cinco anos atrás, seus companheiros reconheciam a importância do empreendimento. Para o futuro. Mas ele queria que o futuro fosse naquela hora. Hoje, tenho notícias de que o Parque já busca saídas para a obsolescência e que os 40 alqueires iniciais já somam, com reservas naturais adjacentes, cerca de 130 alqueires. E 25 anos depois, soubemos que o parque levou o nome “Mussa Calil Neto”, daquele rapaz que nos convencera a projetá-lo em 84. Mas essa estória não para por aqui.

Não contente por ter conquistado o nosso escritório de arquitetura, ele passou a nos obsequiar com mimos que só aceitávamos por perceber a pureza de suas intenções: em nos proteger a cabeça do sol escaldante da Guanabara com a leveza de um chapéu “Montecristo”, ou nos prevenir de males reumáticos, como acreditam os sertanejos, com o fruto conhecido por “chapéu de couro”.

O barretense se tornou amigo do meu neto, ganhou a nossa intimidade, e na comemoração nos nossos cem anos, invadiu a nossa casa com uma autêntica comitiva de peões, cozinhando para os nossos amigos como se cozinhava nas estradas boiadeiras. Era o lançamento da “Cavalgada do Centenário”.

Organizada com carinho pelo nosso neto Carlos Oscar, esta empreitada foi um presente muito especial, pois com a colaboração de vários editores, distribuiu livros pelas pequenas cidades do roteiro que partiu da região de Juiz de Fora/MG, chegando a Barretos em plena Festa do Peão, dentro do Parque iniciado com aquela visita de 84. E o meu neto não parou nesta primeira empreitada. Está organizando para 2009, uma cavalgada Rio/BH, rumo ao complexo da Pampulha, nossa primeira obra de relevo nacional. E para 2010, já anunciou que vai organizar outra da Pampulha até Brasília, em comemoração ao Jubileu de Ouro da sua fundação. Sempre atendendo ao meu pedido de distribuir livros para o povo.

Sabíamos da inteireza de caráter ao amigo adquirido 25 anos atrás, da sua luta pelos mais necessitados e da sua postura ética em relação à política nacional.

Amante de bons livros aprendeu que ninguém deve se inclinar perante um superior, mas que a autoridade provenha somente da virtude e aprendeu também, distinguir os éticos dos que passam longe dessa retidão.

Companheiro de Lula, frequentador eventual do Planalto, ele nos disse durante a última conversa entre nós “que o Brasil vai sobrepujando as pedras do caminho, deixando para traz as desigualdades crescentes, devolvendo o que foi mais adquirido, fazendo para os outros tudo que podemos fazer e provando para o mundo que a Cavalgada do Socialismo empreendida por Luis Carlos Prestes continua firme e forte”.

Após cem anos, nos acostumamos a ver o tempo passar um pouco mais vagorosamente do que sonhamos na juventude, e sabemos que alguma água ainda precisará correr sob a ponte para ser depurada. Mas, ao ouvirmos gritos retumbantes vindos do interior, percebemos que nossas margens não estão mais plácidas como antigamente, e nem tampouco dormem em berço esplêndido.

Escrevi no desenho que dei de presente ao amigo barretense. “Para Mussa, velho camarada: O povo já saiu para as ruas, milhares por toda parte. É o protesto contra esta guerra odiosa com que Bush pretende incendiar o mundo”. Um protesto tão veemente como a recepção dada com ovos podres pelo povo americano à segunda posse da Casa Branca pelo presidente eleito com cheiro de fraude e genocídio iraquiano.

Junto com o desenho dado ao Mussa, fizemos questão de lhe mandar uma caixa de charutos que ganhamos de Fidel. Ele merece. E sabe que a nossa revolução significa não apenas a busca da vida e da liberdade, mas a busca do saber e do compartilhar, colocando sempre estas máximas na humanização do que realiza.

Foram três décadas de visitas e conversas amigáveis, o Mussa jamais deixou de ser o mesmo, mantém sempre a visão de um guerreiro socialista, e por conhecer a generosidade e a solidariedade, está comprometido com a virtude em modificar nosso mundo indigno e injusto.

Tomara que também passe dos 101 para que ainda possa dar muito de si pela sua gente, na vida pública que abraçou, com um bom desempenho, atendendo a nossa convocação.

Oscar Niemeyer

Guia Agenda da 54ª Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos (2009)

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista com o Vice-Prefeito (Gestão 2009/12) e “Independente” Mussa Calil Neto

1. Um dos caminhos para a criação do Parque do Peão foi uma visita ao Rio de Janeiro. Por que a escolha de conhecer o Rock in Rio, já que é um evento de atrações muito diferenciadas das de uma Festa de Peão?

Mussa = O conhecimento foi interessante “naquele momento” apenas do ponto de vista da engenharia de infraestrutura para acolher confortavelmente um público qualificado, independentemente do estilo *rock* ou sertanejo, porém sabendo de antemão que seriam instalações provisórias.

2. O que foi aproveitado do modelo Rock in Rio e de que maneira se somou à proposta de Oscar Niemeyer?

Mussa = Tudo e nada. O sistema de banheiros e sanitários, as lanchonetes improvisadas à altura de grandes redes de lanchonetes tipo Mc Donalds, a sinalização em totens elevados, estacionamento rústico, tudo que foi captado no Rock in Rio, era para aproveitamento por tempo determinado. Não teve nada a ver com o projeto de implantação definitiva assinado por Oscar Niemeyer. São duas coisas totalmente distintas embora destinadas ao mesmo fim.

3. Além da tranquilidade para a população próxima ao Recinto Paulo de Lima Corrêa, o Parque do Peão trouxe a valorização de bairros como o Jóquei (que ganharam em infraestrutura), ainda a projeção e conquistas políticas para Barretos. Qual o maior legado de Mussa Calil Neto para a cidade?

Mussa = O bairro Jockey Club teve fomento urbanístico no final dos anos 70, ainda na gestão do Dr. Melek Geraige (antes do Parque do Peão em 1985). O bairro Marília e Los Angeles foram os mais diretamente beneficiados urbanisticamente com a mudança, ficando no corredor cidade/parque. Acredito que a maior importância da implantação do Parque foi o despertar de uma nova consciência sobre a possibilidade de Barretos explorar o turismo temático de forma permanente, tendo o Parque como vetor do processo. Urbanisticamente, a Via das Comitivas inapelavelmente abriu um Corredor Turístico sobre o que era o Corredor Boiadeiro.

E a tendência é deste corredor mixar com Rio das Pedras, Vicinal de Alberto Moreira, Adolfo Pinto, criando o entorno de um Super Parque no futuro próximo.

4. A Festa trouxe, por algum tempo, a sazonalidade para o setor turístico barretense, configurando a grande ocupação durante sua realização e uma baixa nos demais meses. Esta dificuldade está sendo suprida, em sua gestão com o Dr. Emanuel, com a captação e realização de outros eventos durante todo o ano, otimizando a utilização do Parque do Peão. A construção do Resort não pode trazer novamente a dificuldade de ocupação dos hotéis urbanos de setembro a julho, concentrando os hóspedes de outros eventos (fora a Festa) dentro do Parque?

Mussa = A quantidade de leitos a ser acrescentada pelo Barretos Termas Park ainda será muito inferior à demanda, pois toda a rede hoteleira de Barretos em direção a Rio Preto e Ribeirão Preto se beneficia dos eventos barretenses como a Festa do Peão e o Motorcycles. Quando o turismo termal, associado ao temático *country* atingir a maturidade de afluxo, esta demanda pode acontecer em todos os fins de semana, inclusive.

5. Com a transferência da Festa para o Parque do Peão podem ser observadas mudanças culturais? A proximidade com ambiente rural vem a somar para a preservação do patrimônio sertanejo?

Mussa = Acredito que sim. A matinha reflorestada em torno do estádio, os ranchos, a represa, a hípica, a fazendinha no Parque do Peãozinho propiciam um reencontro mesmo que fortuito. Esta reaproximação, sem dúvida, incentiva o culto aos valores sertanejos bem guardados no íntimo de cada um de nós.

6. Do ponto de vista político, a Festa recebe algum incentivo público (via Lei Rouanet, por exemplo) das instâncias federal, estadual ou municipal?

Mussa = Até pouco tempo, apenas em linha direta dos Ministérios e Secretarias. Através de Leis de Incentivo Fiscal apenas mais recentemente, através da ação de um Consórcio intermunicipal, coordenado por associação cultural do interior paulista.

7. A Festa do Peão não acaba por deixar em segundo plano segmentos do turismo que poderiam ser mais explorados (como o técnico-científico no Hospital do Câncer e UNIFEB)? Barretos possui grupos culturais, como o sírio, muito presentes e

atuantes no âmbito sociocultural e político. Existe algum projeto de cultura étnica na cidade?

Mussa = O turismo educacional, de negócios e de saúde estão em desenvolvimento natural através dos próprios segmentos, e a municipalidade tem colaborado com a sua parte na adequação urbanística, no aprimoramento dos meios de transporte, na capacitação de mão de obra e no fomento de investidores para um melhor receptivo. A cultura étnica (japonesa e afro-brasileira principalmente) tem realizado eventos de música e gastronomia, sediados na Estação Cultura e apoiados pelo município. Tudo que as colônias e academias produzem tem o apoio imediato da Secretaria de Cultura.

8. Por algum tempo houve o incentivo às festas na Avenida 43, com a presença de trio elétrico, por exemplo. Isto deixou (somado às festas em chácaras) a imagem de passividade da mulher barretense, havendo, de fato, casos de gravidez pós-Festa, inclusive de adolescentes, sem o reconhecimento de pai. Em sua gestão, não só cessou o incentivo, como também houve um reforço no policiamento da região. Hoje, Barretos tem, de fato, uma Festa para a família? E como trabalhar a imagem de espaço para libertinagem na Avenida 43?

Mussa = Nada de cercear a alegria, mas fazer o visitante agir em nossa cidade da mesma forma que ele gostaria que agissem na sua, perante suas filhas e irmãs, principalmente. E para isto, aplicar toda a severidade possível.

9. O peão barretense é um peão internacional, diferenciando-se do sertanejo tradicional (que nos primeiros anos de Festa usava trajes como a bombacha). Em que ponto terminam os benefícios dessa globalização e começa uma passividade cultural? Barretos ainda é um destino turístico por se diferenciar como berço do rodeio no Brasil ou atrai visitantes pela grandiosidade e estrutura da Festa?

Mussa = A montaria em cutiano (tipo de arreio), original da região, continua existindo até hoje. Da mesma forma que o gaúcho cultivava a montaria em pelo. A montaria em touro, hoje um grande sucesso no Brasil inteiro, e em vários países, realmente é globalizada, original dos Estados Unidos, tal como o *jeans* que também surgiu por lá e todo estudante por mais puritano culturalmente que seja usa nas universidades brasileiras. O futebol é esporte nacional e veio da Inglaterra. O Carnaval é de influência africana. O que não pode deixar de existir é o culto à tradição do passado.

Se formos retroagindo, vamos promover apenas os usos e costumes dos verdadeiros donos da terra que eram os índios. Difícil demarcar uma divisa cultural entre a origem e o importado através das colonizações ou dos meios de comunicação. Na Queima do Alho, o peão de estradão de antigamente pelo menos cozinha, come e veste-se como nos anos 30/40. A música raiz (da Violeira, da geração Tião Carreiro) canta todo este universo.

10. Não existe uma elitização na Festa do Peão (com o alto preço dos ingressos e acesso restrito aos ranchos)?

Mussa = A qualidade crescente do evento sempre carrega estes inevitáveis efeitos colaterais. Veja-se o preço de um abadá para pular carnaval atrás de um Trio Elétrico. Da mesma forma dos ranchos particulares de Barretos, os acampamentos de CTGs no Rio Grande do Sul, bem mais gaudérios em termos de instalações, gastam verdadeiras fortunas em comida e bebida para seus convidados especiais, por isso de acesso restrito também. Mas o gestor tem o dever de gerenciar o problema da forma mais humana possível. Da mesma forma que os Trios Baianos adotam a “pipoca”, Barretos abre os portões gratuitamente alguns dias durante a semana, realizando grandes *shows* tanto na arena fechada como na Esplanada aberta, fazendo funcionar *campings* a preços praticados em *campings* do Brasil inteiro. E o turismo permanente está sinalizando com rodeios gratuitos todos os finais de semana, cavalgadas terminando com Queima do Alho a preços altamente populares. A tendência é o surgimento de um antídoto para cada veneno que a elevação de nível produza.

APÊNDICE B – Formulário de entrevista que passou pelo pré-teste

Questionário No.:	
De onde vem, cidade e país:	Sexo: ()M ()F Idade:
É a primeira vez que está na Festa? () Sim () Não	
Caso não, você vem: () cada ano () mais ou menos cada 2-3 anos () menos do que cada 3 anos.	
Desde quando vem mais regularmente?	
Com quem veio essa vez? () sozinho () família () parceiro () amigos () grupo turístico	
Por que veio à Festa?	
Quais, na sua opinião, são os aspectos positivos da Festa:	
Quais, na sua opinião, são aspectos negativos da Festa:	
Barretenses	Visitantes
Desde quando mora na cidade?	Já conhecia a cidade? () Sim () Não
Se sente bem na cidade? () Sim () Não	Se sentiu bem recebido? () Sim () Não
Em que bairro mora na cidade?	Está hospedado na cidade? Onde e como? Onde está fazendo refeições?
O que você acredita que a Festa traz de bom para Barretos?	Você tem a impressão que você contribui para o desenvolvimento da cidade participando na festa?

O que você acredita que a Festa traz de ruim para Barretos?	O que você acha que incomoda os moradores da cidade na festa?
Caso que conhece a festa faz tempo, o que você acha melhorou ou piorou na festa?	Caso conheça a festa faz tempo, o que você acha melhorou ou piorou na festa?
<p>Você acha que a festa representa a cultura local?</p> <p>Quais são, para você, os elementos da cultura local?</p> <p>Você acha que a festa tem pouco a ver com a cultura local?</p> <p>Ela é mais caracterizada pela cultura nacional?</p> <p>Você acha que a festa é americanizada demais?</p> <p>Qual é o destaque da festa para você?</p> <p>Já aconteceu no âmbito da festa alguma coisa importante da sua vida pessoal? Caso que sim, o que?</p> <p>Você pretende voltar outro ano?</p>	<p>Você acha que a festa representa a cultura local?</p> <p>Quais são, para você, os elementos da cultura local?</p> <p>Você acha que a festa tem pouco a ver com a cultura local?</p> <p>Ela é mais caracterizada pela cultura nacional?</p> <p>Você acha a festa é americanizada demais?</p> <p>Qual é o destaque da festa para você?</p> <p>Já aconteceu no âmbito da festa alguma coisa importante da sua vida pessoal? Caso que sim, o que?</p> <p>Você pretende voltar outro ano?</p>

Obrigado pela entrevista !!!

APÊNDICE C – Formulário de entrevista final

Cidade:	Sexo: ()M ()F	Idade:
Já conhecia a Festa? () Sim () Não		
Por que motivo quis vir à Festa?		
Aspectos positivos da Festa:		
Aspectos negativos da Festa:		
Barretenses	Visitantes	
O que você acredita que a Festa traz de bom para Barretos?	Já conhecia a cidade? () Sim () Não	
O que você acredita que a Festa deixa de ruim?	Se sentiu bem recebido? () Sim () Não	
Você participou de edições anteriores da Festa? Quando?	Está hospedado na cidade? Onde?	
Se sim, a Festa melhorou ou piorou? Em que?	Onde está fazendo refeições?	
Se você fosse integrante dos Independentes ou gestor no município, o que mudaria em relação à Festa?	Você já veio a Barretos por outros motivos diferentes da Festa? Se sim, quais?	